

HEITOR LIMA VERDE

Contos de Algor

A RESSURREIÇÃO DE PALMA

Edição de Fã

Contos de Algol

A RESSURREIÇÃO DE PALMA

HEITOR LIMA VERDE

Contos de Algol

A RESSURREIÇÃO DE PALMA

Edição de Fã

2012

Revisão
Roberto Bechtluft
Diagramação
Marcelo Paschoalin
Imagem da Capa
Volerai

Copyright ©2012 Heitor Lima Verde

Dados Internacionais de Catalogação na
Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Lima Verde, Heitor
A Ressurreição de Palma / Heitor Lima Verde. - Ed.
Fã. - São Paulo, SP : Editora do Autor, 2012. (Contos
de Algol. vol. I)

Bibliografia.

1. Literatura fantástica brasileira I. Título.

CDD -869.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura fantástica : Literatura
brasileira 869.9

ISBN Não Atribuído

Inspirado no jogo eletrônico do tipo RPG lançado pela
SEGA intitulado "Phantasy Star". Phantasy Star é uma mar-
ca registrada da SEGA. O uso do nome do jogo, seu cenário
e demais elementos constitui apenas uma homenagem de um
fã, não constituindo violação de Direito Autoral.

Impresso no Brasil

Para todo o pessoal da *Lista de Algor* que me apoiou, inspirou, incentivou e palpitou durante todo o processo de criação deste humilde e sincero trabalho, e para *Nilson Soares*, que me proporcionou todo o elenco necessário para construir o belíssimo capítulo 15.

PREFÁCIO

A Ressurreição de Palma é um trabalho construído a partir de uma ideia nascida em 2008, quando dediquei trinta minutos do meu dia para desenvolver um texto que funcionaria como um roteiro de um *trailer*. A proposta original era a de criar uma trama filmada, em *live-action* (com atores) ou em *anime* (desenho animado com estilo japonês). Mas o orçamento seria alto e eu não dispunha de verba. E também não dispunha de tempo. Talvez tenha sido por isso que apenas em 2011 essa história finalmente começou a ser escrita da forma como está sendo apresentada hoje.

Este livreto funciona como uma continuação de uma trama iniciada em 1988 pela SEGA, com o lançamento do RPG eletrônico *Phantasy Star*, para o console SG - 1000 Mark III, conhecido aqui no Brasil como *Master System*, distribuído nessa época pela *Tec Toy*.

Pode-se dizer, de fato, que este trabalho é uma “*fã-arte*” ou, mais especificamente, uma “*fã-ficção*” ou “*fanfiction*”. Uma *fã-arte* é qualquer produto criado por fã, associado a um produto oficial. Um exemplo disso seria um livro não autorizado sobre personagens de *Star Wars*, contando uma parte da trama original que não foi explorada. Uma pintura, um desenho,

um vídeo, ou qualquer outro produto criado por fã, com o objetivo de explorar e/ou divulgar um universo criado por outros, pode ser considerado *fã-arte*. Assim, temos nas próximas páginas uma *fã-ficção* da série *Phantasy Star*. Pura e simplesmente.

A história do primeiro *Phantasy Star* era simples, mas envolvente. *Alis Landale*, a personagem principal que seria guiada pelo jogador, havia perdido seu irmão recentemente, assassinado por soldados do imperador *Reipard La Shiec*, que havia instalado o terror nos três planetas do sistema solar de *Algol*. Com isso, *Alis* prometeu ao seu irmão continuar sua jornada para vencer e destronar o maléfico *La Shiec*, e assim restaurar a paz.

Anos mais tarde, a SEGA desenvolveu mais três jogos que traziam a continuação e conclusão dessa trama. Nessas novas histórias, que sempre se passavam aproximadamente mil anos após a história do jogo anterior, eram desenvolvidas as consequências das ações dos personagens anteriores. Esses três jogos seguintes foram lançados para o console *Mega Drive* (ou *Genesis*, em sua versão americana).

Eu joguei os quatro capítulos da série, pela qual sou declaradamente apaixonado. Porém, nunca me conformei com o encerramento da saga, e sempre tentei imaginar o que aconteceria mil anos após os eventos do quarto jogo. Foi assim que surgiu a ideia de criar a série *Contos de Algol*.

Phantasy Star tem uma história fechada. Eu não poderia simplesmente criar um novo capítulo, desrespeitando o que havia sido construído para a série canônica. Então, iniciei esta

nova, que visa complementar a história original, sem desmerecer ou macular o que foi tão bem escrito.

Pode parecer contraditório. Entendo perfeitamente o pensamento de alguns leitores que torceriam o nariz ao passar por estas páginas. Afinal, ressuscitar o planeta *Palma*, destruído em *Phantasy Star 2*, significa mexer, sim, na série original. E eu sei que essa é uma proposta, no mínimo, ousada. Por isso a construção desta nova saga foi realizada com o máximo de cuidado e carinho, para que apenas agregue, sem destruir o que já é tão bem aceito.

Assim, tentando não adiantar muito o que virá nas próximas páginas, procuro acalmar os leitores mais exigentes, dando a minha palavra de que *A Ressurreição de Palma*, primeira história da série *Contos de Algol*, não destruirá absolutamente nada do que foi construído na melhor série de RPG lançada pela SEGA (uma das melhores de todos os tempos).

Este é um livro para quem conhece a história dos jogos. Embora seja uma *fã-ficção* aberta a todos os públicos, por ser uma trama fechada, poderá confundir um pouco os leitores que não conhecem o universo explorado, por possuir um número elevado de elementos necessários para a compreensão da história. E, para ajudar no entendimento do que está por vir, o leitor terá um anexo com de hyperlinks com informações adicionais, que resgatem dos jogos as histórias, personagens e lugares que serão citados adiante.

Falando então sobre a trama, *A Ressurreição de Palma* apresenta o professor *Romulus Saunders*, em sua jornada para

tentar reconstruir o passado. Seu objetivo é impedir que as entidades malignas que tentam destruir os planetas que giram em torno de *Algol* finalmente tenham êxito. E, para isso, julgou ser necessário alterar o ponto no tempo em que o imperador *Reipard La Shiec* abriu um portal dimensional que libertou essas criaturas, sendo morto posteriormente pela heroína *Alis Landale*, que assumiu o trono em seu lugar. Assim, os estudos de *Romulus* o levaram à construção de uma máquina do tempo. Porém, esses estudos não o adiantaram as consequências de suas atitudes no presente e no passado. E a presença de *Allyia*, sua admiradora e amiga, tornará essa jornada ainda mais imprevisível e perigosa.

Em paralelo à história de *Romulus*, *A Ressurreição de Palma* apresenta também *Hasgard* e *Marius*. Ambos magos *Ésper*, o primeiro detém os conhecimentos mais antigos e valiosos de sua ordem, e trabalhará para impedir que as anomalias temporais causadas não apenas por *Romulus* destruam completamente sua realidade. O segundo mago enfrenta uma batalha pessoal contra um mal crescente que tenta usá-lo para acabar com toda a vida inteligente em *Algol*.

Essa trama traz a possibilidade de revisitar cenários e épocas conhecidas pelos que jogaram os *RPG's*, sob o ponto de vista do personagem central, que acredita ser capaz de salvar o futuro.

Não se preocupe com a quantidade de nomes de cidades e pessoas. Nem se ocupe em tentar montar o mapa temporal da trama ainda no primeiro capítulo. Os detalhes foram criados para darem substância à história, mas serão lembrados nos

capítulos seguintes, para que sejam fixados em sua memória, sem muito esforço.

Boa leitura!

Heitor Lima Verde

“Em breve você estará no norte.”

O TROVÃO QUE PRECEDE A TEMPESTADE

D.W. 3183 – 15/07

– *Ahammm! Aaah... Boa tarde, senhoras e senhores. Hãã...* – Romulus balbuciava enquanto procurava ordenar, pela terceira vez, os papéis que continham um resumo sobre seus estudos acerca da história dos palmanos no planeta Motávia. A colonização comemorava três mil anos. O nervosismo era inevitável, pois chegava o momento em que finalmente iria expor para o mundo suas ideias e sugestões para garantir o que poderia ser interpretado como a salvação de seu povo. A conferência intitulada como *VI Encontro de Mestres sobre História e Planejamento Colonial em Piata* discutiria o futuro dos palmanos que no passado perderam seu planeta natal, Palma, num terrível desastre que culminou na quase extinção de toda a espécie.

– *Para os que não me conhecem, eu sou Romulus Saunders, pesquisador e professor de física na Universidade de Piata* – iniciou o palestrante, agora com um semblante mais concentrado e tranquilo, com os papéis devidamente ordenados junto ao suporte onde estava apoiado o microfone.

Romulus era alto para os padrões palmanos. Cabelos verdes claros e curtos, com certo brilho, e muito bem penteados.

A cor de pele bastante clara e um semblante entristecido, porém com olhar bastante firme e penetrante, como se demonstrasse obter um conhecimento que o mantivesse acima dos demais, interpretado muito facilmente como pretensão ou arrogância.

– Nesse momento de comemoração e reflexão, temos muito a recordar quanto às nossas origens e todas as dificuldades que enfrentamos até chegarmos à paz que hoje desfrutamos. Observem, meus amigos, que muitas das nossas lendas e mitos se encaixam num contexto que revela uma possível e aterradora realidade. Este não é o nosso mundo. Isso é fato. Mas as evidências que podemos apreciar nesses estudos revelam que algo muito pior pode ter acontecido no passado, originando não apenas as dificuldades que já enfrentamos, mas possíveis horrores que ainda estão por vir. – Romulus lançou a premissa central do seu discurso, enquanto observava a face fria e observadora dos participantes da conferência.

O auditório estava cheio. E o palco, onde o renomado professor da Universidade de Piata iniciava sua explanação, possuía uma grande tela na parede às suas costas, onde imagens de escritos antigos, documentos e pinturas que retratavam o passado do seu povo eram exibidos durante sua palestra.

Após alguns minutos falando sobre a origem da espécie palmana, o registro de seus hábitos originais e sua história em seu planeta natal, Romulus começou a falar sobre o assunto que certamente iria iniciar a discórdia e a polêmica naquela tarde de sábado: *– Não somos mais capazes de nos “lembrar” com exatidão do fim trágico de nossa história em Palma, nem dos eventos*

que iniciaram no ano d.W. 342, e culminaram na destruição completa do nosso planeta, cerca de mil anos depois, nos forçando a migrar definitivamente para este novo “lar”, que na época já era adaptado à maior parte das nossas necessidades. Não consideramos como sendo parte indispensável de nossa história o fato de que uma jovem princesa numa jornada quase impossível rumo à libertação do nosso povo, destronou um tirano que pregava a vida eterna através da crença em uma “Força Negra”. Pior! Somos incapazes de associar os eventos catastróficos de anos posteriores a esse ponto central no tempo, deixando de observar as conexões entre os fatos que, certamente, arruinaram quase toda a nossa existência e que, provavelmente, ainda nos ameaçam. – Prosseguia Romulus enquanto observava a inquietação tomar conta do auditório.

– Alis Landale enfrentou o imperador Reipard La Shiec e assumiu o trono como Rainha de Algol, no ano d.W. 342, com a ajuda do primeiro Éspær e de um guerreiro desconhecido. Porém, de acordo com os estudos históricos da Universidade de Piata, os eventos que aconteceram aproximadamente mil anos após, nada mais foram que uma nova manifestação dessa mesma seita que adorava (e ainda adora) a Força Negra. Essa segunda manifestação, responsável pela destruição de todo um sistema eletrônico de controle de clima, bio-sistemas e vegetação em Motávia foi também o agente responsável pela destruição de Palma. E foi essa mesma manifestação que anos depois... – Então Romulus foi interrompido por um participante que levantou de sua cadeira e, em tom alto e nervoso, discordou do palestrante. – Não há qualquer registro que conecte esses eventos. Ou vai afirmar também que o responsável pela destruição desse tal sistema foi o descendente de Alis Landale? Você pode provar

que os responsáveis pela destruição de Palma foram amantes dessa seita da Força Negra?

– Não existem registros oficiais palmanos a esse respeito – respondeu Romulus – mas há registros nos livros Êsper sobre a conexão do sistema Cérebro Mãe com alienígenas de outra galáxia. Há ainda registros palmanos daquela época que indicam um crescimento no número de fiéis a essa seita. Ainda de acordo com os Êsper, o guerreiro que liderou a batalha contra os alienígenas era, de fato, herdeiro de Alis Landale. Segundo eles, o primeiro Êsper, congelado até aquela data, foi despertado para auxiliar os guerreiros que enfrentaram e destruíram a frota alienígena que intencionava habitar Motávia em nosso lugar.

Os participantes da conferência já não permitiam que a exposição prosseguisse, com uma série de contestações simultâneas em meio a exaltações e gritos.

– Dar ouvidos aos Êsper é loucura! – Retrucou alguém da plateia – Todos sabem que aquele bando de magos não sabe a diferença entre a realidade e a fantasia! Chegaram ao absurdo de afirmarem que nossos planetas são, na verdade, um selo que aprisiona um deus maligno feito de pura energia e maldade! Isso não é coisa que se diga nem em contos de terror infantis! É muito fácil escrever montanhas de livros quando se vive no ócio. E é muito mais fácil adotar lendas como realidade simplesmente para fugir de responsabilidades e compromissos. Afinal, eles não têm nada com o que se preocupar além de suas orações e seus livros. Estão sempre escrevendo loucuras!

Romulus olhou atentamente a reação do público presente. Nesse momento, ele recordou o início de sua pesquisa sobre a história de Algol. E como sua paixão pelo quebra-cabeça em

torno da verdadeira origem das catástrofes históricas e da raça de sua namorada Allyia se tornou um guia para o que ele julgava ser o trabalho de sua vida.

Duas semanas atrás, ele tomava um café com Allyia numa lanchonete próxima ao seu escritório, enquanto comentava sobre suas ambições. As lanchonetes motavianas eram muito semelhantes às lanchonetes da Terra, com balcão de atendimento, mesas e garçonetes sempre observando a movimentação dos clientes e atendendo pedidos. Allyia era uma jovem bonita, de olhos verdes e expressivos, cabelos ruivos e bastante lisos, na altura da cintura, relativamente magra e de estatura mediana. Chamava atenção por onde passava devido à sua beleza, mas principalmente por possuir uma característica não muito comum entre os palmanos: as orelhas pontudas como as de um felino, com uma mancha preta em sua parte superior. Allyia pertencia a uma raça de origem desconhecida, em sua maioria marginalizada e excluída da sociedade palmana, salvo algumas exceções que adquiriam certo status social devido a algum “padrinho” que os auxiliava através da oportunidade de estudar e de ingressar no mercado de trabalho.

Durante a conversa com Allyia, Romulus falou sobre as conexões que havia identificado entre os fatos ocorridos em épocas distantes da história de Palma, Motávia e Dezóris, os três planetas que giram em torno da estrela Algol. Falou sobre como era fascinante a ligação entre eventos cronologicamente tão distantes, e sobre como tudo parecia ter sido originado de um ponto único no tempo. Um único evento que teria de-

sencadeado uma série de outros eventos que culminaram na destruição de Palma e na quase extinção dos palmanos.

Allyia escutava atentamente as explicações de Romulus sobre o tirano Reipard La Shiec, o outrora Rei de Algol que transformou o governo em um Império sombrio, sitiando cidades, cobrando impostos abusivos e infestando os planetas de criaturas sobrenaturais. A seita à qual pertencia La Shiec pregava a vida eterna, sob a proteção de um deus maligno conhecido apenas como Força Negra. Essa entidade parecia estar presente em todos os eventos catastróficos que se seguiram posteriormente, por milhares de anos, como na destruição de Palma, em que relatos indicavam a aparição de uma criatura monstruosa, sobrevoando as cidades palmanas horas antes de sua destruição completa. Foram identificados também indícios de que, mil anos após La Shiec, o sistema eletrônico que mantinha o planeta Motávia totalmente adaptado às necessidades dos palmanos também sofria influência de um elemento sobrenatural, como uma entidade maligna que interferia nos biosistemas do planeta, gerando monstros semelhantes aos criados na época do Império.

Romulus concluía a explanação sobre sua teoria acerca da origem das catástrofes ocorridas desde La Shiec, derrotado pela sucessora Alis Landale, quando Allyia o interrompeu questionando: – *Se o foco de toda essa pesquisa está em prevenir que novas catástrofes envolvendo essa Força Negra ocorram, qual a sua sugestão afinal?* E Romulus respondeu com um sorriso malicioso: – *Essa é a surpresa.*

Então, com o aumento da euforia e da irritação dos participantes da conferência, Romulus optou enfim por acelerar seu discurso. Mesmo sabendo que isso levaria a uma agitação maior e possivelmente ao fim do evento por um verdadeiro tumulto, resolveu seguir adiante:

- Irmãos. Estamos diante de uma oportunidade única de encaxarmos o quebra-cabeça acerca do nosso passado. Tanto foi escrito e tão pouco foi explicado. Tantas lacunas e tantos assuntos “proibidos”. Tantos segredos e tantos mistérios. Algol foi vítima de várias tragédias. Palma já não existe mais. Motávia quase nos matou, e ainda resiste à nossa presença com seu clima desértico e tão diferente do que nossa espécie conheceu. Dezóris hoje é o lar dos Êsper e finalmente encontrou a paz, mas os Dezorianos sofreram muitas desgraças, como a infestação de zumbis e as instabilidades do solo provocadas por nossas escavações nas paredes de gelo. Todas essas tragédias, se analisadas em sequência, formam um verdadeiro ciclo! Uma série de catástrofes que aconteceram em intervalos regulares de tempo! Estamos à beira de uma nova tragédia! E, pior que isso, esse ciclo tem início no ano d.W. 342! Antes de La Shiec, nada havia acontecido! É nesse ponto que devemos atuar!

Nesse momento as pessoas demonstraram uma ansiedade ainda maior e os murmúrios começaram a aumentar, com algumas pessoas já discutindo em tom alto, enquanto Romulus manteve a postura e concluiu: *- Precisamos voltar no tempo! Precisamos impedir que La Shiec seja possuído. Precisamos salvar nosso mundo! Precisamos salvar Palma!*

A partir desse instante, só foi possível ouvir gritos e xingamentos.

A SOMBRA QUE ANTECEDE A ESCURIDÃO

D.W. 3183 – 14/07

Num palácio conhecido como Templo Éesper, no gelado planeta Dezóris, um homem liderava uma discussão que se estendia por toda a noite. De cabelos compridos e azuis, olhos em um tom de azul mais claro, rosto de cor rosada e com traços quase andróginos, vestindo um manto cinza e uma capa branca típica de magos tradicionais, Hasgard, como era conhecido, atuava como representante da consciência do lendário Éesper Lutz, que auxiliou a heroína Alis Landale a enfrentar a Força Negra pela primeira vez na história conhecida, há milhares de anos.

O salão principal, onde acontecia a reunião, possuía aparência medieval, como os antigos templos terrestres. Por toda parte, havia grandes janelas em mosaicos, exibindo passagens da história dos povos de Algol. Nos mosaicos era possível observar imagens relacionadas à destruição de Palma, ao cataclismo de Dezóris, à infestação de zumbis nas cidades habitadas por palmanos, à queda de Reipard La Shiec e o fim do Império, além de algumas passagens desconhecidas pela maioria dos povos de Algol. Dentre essas passagens havia a batalha de um pequeno grupo de pessoas contra uma entidade que,

segundo os registros dos Éesper, era a fonte da energia da qual se originava a Força Negra: a Escuridão Profunda. Porém, para qualquer indivíduo que não pertencesse à ordem desses magos, algumas daquelas gravuras passariam por simples simbologias ou representações de uma mitologia restrita, sem um significado maior.

Hasgard, afastando o lado da capa que cobria o seu braço direito, dava prosseguimento à reunião da alta cúpula, que acontecia em volta de uma mesa redonda com pelo menos 20 lugares, todos ocupados, explicando sua preocupação com o futuro dos planetas:

– Amigos. – Começou ele com a voz mansa e melodiosa – *Estamos enfrentando um momento delicado. Optamos por guardar nossos conhecimentos para evitar que fossem manipulados pelos governantes e transformados em lendas deturpadas e sem propósito. Mas o nosso grande teste chegará em breve. O selo criado em Motávia para conter a Escuridão Profunda foi danificado. Porém, dessa vez, algo muito pior parece estar para acontecer ao nosso mundo. Em minhas meditações, pude sentir uma crescente onda de energia negativa cruzando o espaço em direção a Motávia. É como se a Escuridão estivesse acionando forças externas... e estivesse sendo socorrida pelas entidades que ela própria espalhou pelo universo. Recentemente ouvimos rumores de uma entidade de fumaça e sombra avistada nas redondezas do necrotério Guaron, por seguranças locais. Os dezorianos afirmam ter certeza de que se tratava da Força Negra. Mas isso deveria ser impossível, uma vez que aprisionamos a Escuridão. E agora sinto um distúrbio muito forte no cosmo. Uma tempestade está por vir.*

Nesse momento, um dos membros do conselho Éesper, que mantinha seu rosto quase completamente coberto pelo capuz, comentou, franzindo a testa numa expressão de meditação: – *Se o alvo dessas criaturas das trevas está na testa dos palmanos, porque não nos recolhemos em nossas orações para tentarmos poupar os dezorianos ao menos? Se as manifestações de Força Negra têm sua origem nos erros dos palmanos, a guerra não terá fim enquanto os palmanos não forem eliminados.*

– *Os Éesper são palmanos, Marius! Nossa origem é a mesma! Nosso destino também! Não são “eles”! Somos “nós”! O fato de termos nos distanciado da vida profana de Palma não significa que tenhamos um sangue diferente em nossas veias.* – Retrucou Hasgard em tom de preocupação, enquanto parava de pé, em frente a um monitor que exibia a imagem de Motávia, um planeta grande e avermelhado. – *Motávia está ameaçado. A Escuridão cobrará o preço pela arrogância dos palmanos! Vamos apenas assistir à destruição do Novo Mundo? Dezóris será o próximo!*

– *Concordo,* respondeu um terceiro membro do conselho. Ele era calvo, com longa e pontuda barba branca, e idade visivelmente avançada. *Orar apenas não basta. Os palmanos e motavianos não fazem ideia do que os aguarda. Precisamos agir! Essa é a razão dos Éesper existirem.*

Após o comentário de Orakio Rob, Hasgard observava as discussões paralelas dos participantes, enquanto refletia sobre a trajetória do primeiro Lutz.

Hasgard havia adquirido a consciência, a memória e a vontade de Lutz através da esfera telepática, mantida pelos Éesper desde a segunda grande batalha contra a Força Negra. E, pelo

contato com essa consciência artificial, Hasgard lembra tudo o que se passou na guerra que levou Alis ao trono, após a suposta morte de La Shiec, assim como lembra a morte do último descendente da Rainha Landale, no ano d.W. 1284, numa segunda batalha contra o mal. Lembra ainda que, através do sucessor chamado Rune Walsh, no ano d.W. 2284, Lutz voltou a enfrentar La Shiec que havia ressuscitado com uma aparência demoníaca, vivendo em seu castelo voador no anel de asteroides resultantes da explosão de Palma. “Encarnado” em Rune, Lutz enfrentou três encarnações diferentes da Força Negra, antes de entregar a espada Elydeon para um jovem chamado Chaz, que usou o poder dos espíritos dos seus antecessores para selar a Escuridão Profunda no coração de Motávia.

A história de Algol registrada pelos Éesper era diferente da história oficial, ensinada nas escolas palmanas. Os Éesper consideravam fatos que eram tidos como lendas ou contos infantis para o restante dos palmanos. E embora já houvesse alguns grupos de estudiosos que considerassem os registros Éesper como referências a acontecimentos reais, a discussão sobre o tema sempre retornava à falta de provas concretas e a uma possível mistificação da verdade por parte dos magos. Porém, Hasgard não precisava estudar para saber a verdade. Como único detentor da memória de Lutz, batalhas de épocas diferentes vinham à sua memória com pouco esforço, e ele podia rever tudo quase como num filme que passava em sua mente.

Uma situação especial veio à mente de Hasgard durante a discussão sobre o possível novo ataque da Escuridão Profunda. Ele recordou uma conversa que Lutz teve com Alis, meses após o fim do Império de Reipard La Shiec.

Alis era uma jovem de semblante triste, aparência juvenil, olhos castanhos e expressivos, cabelos compridos, lisos e castanhos. Seu olhar tinha um tom quase maternal, causava uma sensação de conforto, levando quem conversasse com ela à sensação de estar sendo consolado. Esse olhar destoava de sua aparência jovem, tornando Alis um misto entre uma garota na flor da idade e uma mulher madura, marcada pelo sofrimento. Hasgard refletia se teria sido essa uma entre as muitas razões pelas quais essa rainha foi tão amada pelo seu povo.

No ano d.W. 342, no jardim do Palácio de Baya Malay, sede do governo Palmano na época, Alis e Lutz, sentados em uma pequena mesa, conversavam sobre o futuro de Algol e sobre as atividades de colonização em Motávia e Dezóris. As flores já haviam voltado a embelezar o vasto campo, que se estendia por vários metros entre o palácio e a torre de observação, que lembrava uma pirâmide Maia, feita em pedra, com suas laterais lembrando escadarias, no topo de uma elevação de terra que a tornava ainda mais imponente.

- Acredito que os estragos provocados por Reipard La Shiec tenham ido além do que podemos imaginar. - Lutz iniciou, desviando o assunto original - Aquele homem abriu uma espécie de rachadura no cosmo, libertando algo muito pior do que ele próprio. A possessão que o governador de Motávia sofreu após a morte de La Shiec não foi uma coincidência. E aquela criatura não foi eliminada.

Ela foi atordoada... mas ainda vive. E não é a única. – Completou com a testa franzida em tom de preocupação.

– *A guerra acabou por ora, meu amigo. Mas eu sei que o mal não foi eliminado. Minha missão em Algol não será fácil. Mas eu não posso fazer muito mais do que já estou fazendo. Além de que não viverei para sempre.* – Alis abaixou a cabeça nesse momento, como se parasse por um instante para desenvolver uma ideia.

– *A sua missão sim, será uma garantia a mais para o futuro desses povos.* – Completou, olhando fixamente para os olhos de Lutz, em um tom sério, fitando o mago com um olhar altivo, assumindo a postura de rainha.

– *Eu sei do que você está falando. Minha vida será prolongada ao máximo. Estarei atento ao cosmo, aguardando uma nova manifestação da Força Negra. Mas, mesmo assim, o futuro dos algolianos não poderá ser garantido para sempre.* – Lutz olhou para o jardim, e se distraiu por um instante ao observar o efeito da luz do sol Algol refletida em um pequeno lago e nas pétalas das rosas que o cercavam. – *O futuro ainda é escuro e sombrio.* – Completou, quase perdido em pensamentos, sem olhar de volta para Alis.

– *O futuro depende de você, Hasgard!* – Alis completou o pensamento reproduzido na memória de Hasgard, e só então ele percebeu que havia mergulhado em uma lembrança de tal forma que a estava vivendo novamente. – *A maior investida da Escuridão Profunda acontecerá em pouco tempo! Em paralelo, algo muito importante está para acontecer no futuro e no passado.* – Continuava a jovem, agora se dirigindo ao mago Hasgard, enquanto o que antes era uma lembrança já se tornava uma

visão. Afinal, Hasgard sabia que aquele momento da conversa entre Lutz e Alis nunca havia acontecido. Aquilo seria então, sem dúvidas, uma tentativa de Alis de se comunicar com Hasgard. E ao se dar conta do fenômeno, o cenário do jardim, do palácio e de Baya Malay se dissolveu lentamente, e Alis se apresentou como a guerreira de outrora, vestindo sua armadura e empunhando sua espada. – *É hora de agir, Hasgard! Confie no seu coração, mas não confie nos seus olhos.* – Terminou Alis se afastando como um fantasma, flutuando para trás, enquanto fitava Hasgard com um semblante quase desesperado, até sumir junto com o que restava do cenário de Baya Malay, dando lugar ao salão dos Éspers, onde a reunião acontecia.

Todos olhavam para Hasgard, que parecia ter sonhado acordado por alguns instantes. Orakio Rob, que havia se levantado, segurou a mão de Hasgard, que ainda estava atordoado com a viagem astral que acabara de fazer. – *É hora de agir, Hasgard.* – Concluiu o ancião que sorriu suavemente para o líder, como se entendesse o que se passava em sua mente.

– *Vamos para Motávia.* – Hasgard respondeu, olhando para Orakio Rob, retomando a postura de líder. – *Vamos ao auxílio dos nossos irmãos.*

Após o final da reunião, Marius retornou aos seus aposentos, ainda com o rosto coberto pela sombra de seu capuz, como de costume. E, ao abrir a porta do seu quarto, foi surpreendido mais uma vez por uma figura feminina que saía de um canto escuro, como se fizesse parte dessas sombras.

– *Vão todos para Motávia, meu bem?* – Perguntou a criatura que parecia não possuir uma forma física completamente de-

finida, ainda misturada às sombras – *Você sabe o que fazer... meu amor!* – A figura se desfez entre as sombras, deixando Marius sozinho, paralisado, no meio do quarto, sem esboçar qualquer reação.

CAI A CHUVA

D.W. 3183 – 15/07

A noite caiu na cidade motaviana de Piata. O céu noturno quase não tinha nuvens. Nas proximidades da Universidade o movimento de jovens era intenso e o campus estava agitado com o período de provas se aproximando e a ansiedade dos estudantes, que se reuniam em turmas ao redor dos jardins, praças e lanchonetes. Piata era uma cidade projetada basicamente para atender às necessidades da Universidade, com poucos prédios altos e uma área verde extensa. A maioria dos seus habitantes trabalhava ou estudava lá. E os alunos geralmente voltavam às suas cidades de origem ao final de suas atividades acadêmicas, contribuindo assim para a grande rotatividade em pousadas, pensões e moradias de aluguel.

No centro do campus havia uma praça central com uma fonte de água morna que trazia no meio a estátua de um antigo reitor, responsável pela quebra de paradigmas do passado e o início de estudos tecnológicos e históricos há muito esquecidos.

A Universidade era composta por um grande prédio em frente à praça central, com o Centro de Convenções como uma espécie de anexo no lado direito e os prédios secundários

onde funcionavam os centros de estudo, cada um abrigando cursos de uma mesma área. O prédio em frente à praça era o principal, onde funcionava a reitoria, a biblioteca central, os auditórios para reuniões, palestras e eventos menores, além de alguns laboratórios. No auditório do Centro de Convenções acontecia naquela noite o *VI Encontro de Mestres sobre História e Planejamento Colonial em Piata* e o professor Romulus Saunders encontrava dificuldades em conduzir sua apresentação. A participação tão ativa dos expectadores não era comum em conferências assim, mas a situação tensa entre os professores e cientistas de todo o planeta devido a discordâncias acerca da história de Algol já era insustentável.

– *Alis Landale foi uma heroína... Graças a ela nossa raça perdura!* – Falou o reitor atual da Universidade, com voz grave e em tom elevado, através de um microfone da tribuna para a plateia, com um semblante de tensão e certa dureza. – *A explicação do professor Romulus merece uma atenção especial! Talvez não saibamos mesmo todos os segredos que rondam essa seita da Força Negra! E se essa criatura retornar para nos aniquilar como os Éesper preveem? Será mesmo prudente dar as costas para estudos tão antigos e tão complexos? Piata já não reconheceu a existência dos espectros mágicos que são usados pelos magos para desenvolver suas habilidades? Já não comprovamos essa existência e até mesmo iniciamos testes quanto à sua reprodução e uso prático? O que mais falta para que possamos admitir que talvez os Éesper tenham razão? O reitor Hahn Mahlay fez muito pelos palmanos nesse sentido! Se não fosse por ele, até hoje estaríamos no escuro quanto à influência dos espectros mágicos em nossas vidas. Devemos esses últimos quase no-*

vecentos anos de avanço a ele! – Explicou o atual reitor Jeff F. Yoz quase aos gritos, enquanto Romulus Saunders, em pé, de frente ao suporte do microfone no qual começou a sua palestra, observava os participantes gritando e retrucando ao mesmo tempo, entre si e para os membros da tribuna.

O reitor era um homem gordo, branco, de estatura mediana, cabelos curtos e bem pretos, com uma barba densa, embora não fosse comprida, e uma voz grave que se destacava em qualquer diálogo. Sua presença era sempre muito respeitada pelos alunos, talvez por essa capacidade de chamar atenção ao falar. Porém, ao mesmo tempo, era um homem gentil e bastante sensato. Assim, sua atitude naquele momento causava certo espanto, porque não era comum ver o reitor aumentar seu tom de voz, especialmente em uma conferência daquele porte.

– A desgraça repousa sobre nossas cabeças! Os Landale condenaram nosso planeta! Palma foi destruído! Este não é o nosso lar! – Gritou um homem mais próximo da tribuna, que conseguiu se destacar, mesmo que pouco, entre os demais membros da plateia. *– Estamos fartos de discutirmos e sempre pararmos num mesmo impasse. Mas isso já foi longe demais! Viajar no tempo? Essa tecnologia nem existe! Nem nos estudos sobre os espectros mágicos há qualquer registro sobre a possibilidade de viajar no tempo! E isso não é tudo! Já pensou se a viagem acontecesse e fosse bem sucedida? Iríamos experimentar na prática quais os efeitos dos tão falados paradoxos?* – Finalizou o participante olhando para o restante da plateia como se esperasse apoio dos demais em seus argumentos.

– *Loucura!! Impossível alterar o passado! Alis está morta! La Shiec não passa de um conto do passado... e sua religião foi extinta! Nosso mundo está livre dessas loucuras!!* – Levantou outro participante apontando o dedo para o palestrante, em tom ameaçador. A situação já fugia completamente ao controle.

– *Naves saíram de Palma em busca de um novo planeta habitável. Nunca retornaram.* – Responde Romulus tentando reduzir o nível de estresse da plateia. – *Não vamos deixar que a loucura tome conta do nosso mundo outra vez. Motávia quase foi destruído. Palma se foi. Dezóris não nos comporta. Que saídas podemos sugerir?* – completou, esperando que a discussão se tornasse mais produtiva. Mas só recebeu gritos e xingamentos mais uma vez como resposta.

O semblante de Romulus expressava decepção. Porém, ao final do último comentário vindo da plateia, seus olhos cerrados transformaram sua expressão, substituindo a tristeza por um tom de arrogância e altivez. – *Acreditei que após tantos anos de pesquisas e estudos... os palmanos finalmente chegariam ao momento de abrirem os olhos para enxergar as coisas de modo holístico. Estava enganado.* – Encerrou, descendo do palco de onde estava apresentando suas ideias, deixando a plateia ainda em meio a gritos e provocações, e os membros da tribuna chocados com a atitude de um professor que sempre foi muito prestigiado em todo o cenário acadêmico de Motávia.

O reitor Yoz pensou em intervir na saída repentina de Romulus, mas precisou acalmar os ânimos dos presentes e concluir a conferência. O argumento do professor foi inesperado. Não estava no roteiro. Não fazia parte da pauta. Não

deveria ter acontecido. Mas agora era tarde. Yoz deveria ter uma conversa séria com Romulus. Talvez a última. A imagem da Universidade estava em jogo. E com certeza isso seria noticiado nos jornais ainda antes que a noite se encerrasse. Um argumento arrogante e impensado. Uma plateia furiosa. Professores e pesquisadores de todo o planeta reunidos para discutir o futuro de uma raça. Um evento fracassado. Isso não poderia ter acontecido. O professor Saunders não poderia ter sido tão egoísta.

No momento em que Romulus deixou o auditório, sua mente trabalhava tão rapidamente que ele foi incapaz de perceber Allyia que da plateia tentava chamar sua atenção. Assim como não percebeu que ela foi atrás dele durante todo o trajeto da Universidade até sua casa, que ficava a pelo menos quinhentos metros dali. No caminho, o professor balbuciava algumas ideias como se conversasse consigo mesmo, enquanto passava pelas pessoas que o olhavam com espanto. Seus passos acelerados e a sua concentração em seus próprios pensamentos o faziam parecer ter perdido o juízo.

Ao chegar em casa, largou sua pasta de trabalho numa poltrona velha, sem sequer acender a luz, e partiu para o quarto dos fundos que havia transformado em laboratório, onde passava a maior parte do tempo nos últimos dois anos. A porta aberta facilitou a entrada de Allyia que demonstrava uma grande preocupação no olhar. Ela sabia que a atitude do amigo não era normal. O professor respeitado e o homem equilibrado que sempre foi pareciam ter dado lugar a um esquizofrênico enraivecido.

O laboratório tinha uma mesa de madeira no centro, um acumulado de maquinários nas prateleiras de uma das paredes, um armário velho de madeira com uma das portas com o trinco quebrado, várias anotações espalhadas na mesa e algumas pilhas de livros num dos cantos no chão. A janela desse quarto dava vista para o quintal de sua casa, com um pequeno jardim. Nesse quintal, havia duas hastes finas de metal com cerca de dois metros de altura, com uma distância de um metro e meio entre elas e suas pontas curvadas para baixo, como ganchos. Em suas bases, era possível ver um acumulado de cabos e um pequeno gerador próximo a eles.

Romulus acendeu apenas a luminária da mesa no centro da sala e passou a separar algumas anotações, enquanto sua ansiedade parecia aumentar.

- Tem de estar aqui. A solução está aqui. Tem de estar... - Repetiu o professor enquanto procurava por algo específico em suas anotações em ritmo cada vez mais acelerado, não percebendo que Allyia se aproximava da porta do laboratório sorrateiramente, assustada com o que via e com o que acreditava que poderia descobrir. *- A junção das técnicas Ryuka e Deban funciona... mas eu não consigo encaixar a terceira. É preciso sobrecarregar a técnica Ner... mas como? Eu escrevi sobre isso... eu sei que escrevi.* - Continuava Romulus ainda procurando com cada vez mais ansiedade, jogando algumas folhas para o lado, deixando-as cair no chão, e vasculhando mais páginas soltas dentro de livros e pastas.

Nesse momento, Allyia não se conteve e entrou no laboratório. Esperava causar uma surpresa, mas o nível de

concentração de Romulus era tanto que ele sequer percebeu o barulho da porta e a aproximação da amiga.

- *Era essa a "surpresa" que você tinha pra mim?* - Iniciou Allyia em tom altivo, fazendo seu amigo paralisar num tremor de susto, sem se virar para reconhecer a voz feminina. - *Era essa a sua ideia? Eu apoiei seus estudos históricos... e estive ao seu lado até o momento daquela palhaçada lá na Universidade. Mas isso? Eu não quero acreditar no que você pretende fazer. Diga que eu estou entendendo errado, Rom. Não me deixa mais assustada do que já estou. Eu só tenho você!*

Nesse momento Romulus puxou uma das cadeiras ao redor da mesa lentamente e sentou, repousando a cabeça em uma das mãos ainda sem olhar a amiga. Era como se o peso de um grande segredo finalmente começasse a forçar suas costas. Desmanchado em cansaço, ele relaxou enquanto deixava a tensão passar. Allyia permanecia em pé, paralisada. Seu olhar percorreu o ambiente rapidamente, voltando a se fixar no professor, que parecia finalmente ter parado a sua busca enlouquecida.

- *Explica, Rom. É mesmo uma máquina do tempo que você está construindo?* - Concluiu Allyia em tom afetado, enquanto observava o professor ainda paralisado, debruçado sobre a mesa.

Nesse mesmo instante, no deserto ao leste de Piata, uma chuva de meteoros começou sem chamar muita atenção. Era possível observar da cidade, mas por não ter sido noticiada, poucos perceberam uma ou outra estrela cadente, sem dar muita importância. Porém, essa chuva começou a se intensificar, e um dos objetos luminosos se chocou com o chão

desértico, produzindo uma explosão e uma nuvem de fumaça. Em Piata nada foi percebido, devido à distância, mas dessa fumaça, que crescia escura e densa, surgiram dois olhos vermelhos, grandes e brilhantes.

SOMBRAS E PENSAMENTOS

D.W. 3183 – 20/03

Ao deitar, Marius recordava de quando tudo começou. Ele se sentia sozinho. Perdido em pensamentos sobre como seria a vida profana, longe das obrigações e das abstinências impostas pela Ordem dos Éesper. Sonhava com uma vida simples, num campo. Uma fazenda talvez. Com uma companheira que o amasse, em Motávia. “Ah, Motávia”, sonhava ele imaginando a temperatura agradável do planeta onde a maioria dos palmanos vivia desde o fim de Palma, há milhares de anos. “Por que não?”, ele se perguntava, enquanto sofria com a sensação de injustiça que o tomava desde quase sempre.

Marius era um mago antigo entre os Éesper, aceito como membro do conselho há dois anos, devido a sua dedicação e desenvolvimento na arte da magia e no cumprimento das suas atividades no templo. Porém, muito reservado, nunca havia deixado transparecer a angústia que o assolava. Seus olhos azuis chamavam a atenção mesmo quando seu rosto repousava obre a sombra do capuz que quase sempre usava. Sua capa ajudava a esconder o tipo físico, e seu rosto enrijecido o dava uma aparência de mais velho do que realmente era. Seus cabelos cinzentos ajudavam a envelhecer seu semblante.

Nessa noite ele recordava seu antigo desejo de viver em Motávia como um cidadão palmano comum, quando ouviu um sussurro em seu ouvido e seu corpo paralisou.

- *Boa noite...* - Dizia a voz em tom sensual ecoando direto em sua mente. Sua reação foi anulada pela paralisia que tomou seu corpo. Sem conseguir mover qualquer membro, apenas sentia a presença crescente de uma sombra pesada que deitava sobre o quarto, tornando-o mais escuro e sinistro que o habitual. - *Sou a realização dos seus sonhos... sou o calor dos seus desejos... sou a brisa que aliviará seu cansaço... sou suuuuuuaaaa...* - a voz prosseguia, enquanto em sua frente se formava uma figura feminina por cima do seu corpo, com o rosto próximo ao seu. A imagem era turva e pouco ele via da aparência daquela criatura, como se estivesse sendo sedado pelo calor que subitamente tomou conta do ambiente. Seu corpo começava a suar e seus pensamentos foram, pouco a pouco, tomados por um desejo insano por aquela presença feminina que já tomava completamente a sua mente.

- *Me tenha,* dizia a voz. E naquele momento ele já não sentia qualquer receio, medo ou preocupação. Apenas desejo. Um desejo que subiu à sua mente de forma incompreensível e anulou completamente a sua razão. Para ele, era uma criatura perfeita, embora nem soubesse se realmente era uma mulher... até que veio o cheiro. O cheiro de mulher, que parecia não passar pelo nariz, indo direto à mente fazia com que Marius já não enxergasse o ambiente em que estava. Não via nada... apenas sentia. Apenas imaginava a mulher perfeita e invisível que já o envolvia completamente, enroscando seu corpo ima-

ginário ao seu redor, sugando-lhe os pensamentos e as palavras. Já não pensava. Só sentia e desejava. E suave. Suava muito. Até que sem qualquer resistência, se entregou ao beijo. Como se estivesse drogado, sentia a boca quente que lhe beijava os lábios, e a língua que lhe varria o corpo, como se pudesse estar em vários lugares ao mesmo tempo. Talvez estivesse, pois já não tinha também noção do tempo. Apenas imaginava a mulher que o envolvia, e deslizava suas mãos naquela textura delicada e aveludada que o cercava, sem mesmo ter percebido que já podia se mexer e que já o fazia.

Imaginou estar segurando a jovem pelas pernas, enquanto a possuía. Acreditou sentir suas pernas e suas curvas. Tocando seus encantos que lhe escapavam como num sonho, em que se tenta alcançar o objeto de desejo mas não se consegue senti-lo por completo.

O prazer era intenso demais para suportar. Acreditou ter gritado, sorrido e chorado, sentindo a pulsação acelerar e o ato de amor se concretizar. Sua pureza se esvaía sem que notasse, enquanto possuía aquela mulher num ato sexual sobrenatural. Estava consumado o elo entre ele e aquela presença fantasmagórica. E quando estava próximo ao ápice do prazer, pôde sentir (ou ver) num ponto mais escuro do seu quarto, a imagem de um rosto. Um rosto maligno. Um olhar de puro ódio e maldade. Esse olhar penetrou seus pensamentos de forma incisiva lhe causando um grande mal-estar. Um rosto escuro... tão negro que parecia azul. Uma face masculina com traços em quase apenas pele e osso. Um rosto imenso e horrendo. A cavidade dos olhos parecia não ter fundo, e

seus traços pareciam feitos de ligamentos e ossos. Seus olhos brilhavam num tom amarelo esbranquiçado e o fitavam sem cessar.

Aquele momento pareceu parar o tempo, e enquanto Marius ainda sentia aquele presença feminina que ele possuía num ato sexual impensado, acreditou ter passado anos olhando aqueles olhos que o fitavam transmitindo um mal incalculável. E foi então que o medo veio à tona. O desespero e o desejo de gritar e pedir por socorro. Mas seu corpo não respondia. Seu corpo continuava a possuir aquela sombra que confundia seus pensamentos. Suas mãos deslizavam por pernas, seios e curvas, sem responderem ao seu comando. Estava dominado. Estava possuído.

- *Força Negra*, sussurrou Marius enquanto fitava o rosto gigantesco que parecia maior a cada instante, mas foi surpreendido com o momento mais intenso do ato sexual e sua atenção foi tomada de volta pela presença feminina que o envolvia.

- *Sombra, meu amor. Eu sou a Sombra. Chame por mim assim. Sou sua Sooooombra...* - E aos poucos o sonho macabro se desfez. A presença, o cheiro e a sensação se dissiparam aos poucos, deixando Marius deitado nu sobre sua cama, no quarto que voltou a ter forma. Lentamente sua consciência voltou por completo e ele se perguntou se aquilo fora um sonho intenso. Porém, ao olhar para o canto do quarto novamente, ainda percebeu os olhos amarelos, já esmaecidos, mesmo quando o rosto maligno já não estava mais ali, e que também desapareciam gradativamente, como se estivessem

sendo evaporados. E concluiu que aquilo foi real. Ficou paralisado. Agora por opção, fitando o teto do seu quarto por um tempo que mais tarde seria incapaz de calcular.

Sua primeira reação após o evento que mudaria sua vida para sempre só aconteceu quando percebeu uma movimentação incomum nos corredores do templo. Já havia horas que estava deitado, sem sono, com o olhar fixado no infinito. Estranhando a agitação lá fora, levantou para verificar o ocorrido, já quase esquecido da experiência que havia tido naquela noite. Sentia um vazio como se algo estivesse faltando, ou como se tentasse lembrar algo importante, sem sucesso. E ao cruzar os corredores que pareciam os de uma igreja medieval, encontrou Orakio Rob, um dos anciões da ordem dos Éspers, que lhe falou: – *Apreste-se filho! A chama da Tocha Eclipse apagou. Precisamos iniciar o Círculo.*

A Tocha Eclipse era um artefato mágico que nunca se apagava. A rotação de Dezóris tinha um ritmo lento, e isso fazia com que os períodos de escuridão e de luz no planeta fossem muito longos. Então, nos dias escuros, a tocha era usada para clarear o lado habitado do globo. Sua chama havia sido usada há milhares de anos pela guerreira Alis Landale, para derreter a Árvore Sagrada de Laerma, a fim de coletar o fruto que teve função importante em sua jornada contra Reipard La Shiec. A extinção dessa chama poderia significar um grande perigo para todo o planeta.

Ao se dirigir ao salão principal, Marius passou por um ponto mais escuro do corredor, e teve a impressão de ter visto alguém escondido nas sombras.

Parou para checar. Olhou para trás. O corredor estava vazio. Todos haviam sumido repentinamente. O silêncio pairava novamente. E nem o som da nevasca era possível escutar. Até que uma voz melodiosa com tom malicioso sussurrou em seu ouvido: – *Que noite, meu amor.*

– *Quem está aí?* – Respondeu Marius assustado, mas totalmente lúcido, sem se virar. – *Sou eu, meu amor. A sua Sombra. Seu amor. Sua vida.* – Completou a voz, dando uma risada sinistra e prolongada em seguida.

– *O que quer de mim? Não sabe que esse é um templo sagrado? Não sabe que sua presença aqui é proibida? Somos protetores da Luz!* – Afirma Marius retomando o controle e a postura altiva de um mago Ésher. – *Sua feitiçaria não lhe salvará, mulher. Identifique-se!*

Nesse momento, uma nuvem composta de sombra e fumaça surgiu no final do corredor à sua frente e se aproximou numa velocidade que não lhe permitiu reação. Envolveu todo o seu corpo e em seguida se condensou à sua frente, gerando a imagem de uma figura feminina, que se solidificou apenas parcialmente. Seus olhos brilhantes em cor vermelha causaram calafrios em Marius, que manteve a postura altiva, embora não esboçasse reação ou intenção de atacar.

– *A demonstração do nosso poder deveria lhe causar um sentimento mínimo de respeito, mago.* – Começou a figura feminina. – *A Tocha Eclipse será facilmente restaurada com seus rituais mágicos, mas nossa travessia foi garantida e nossa investida acontecerá no momento certo. Só não garanto conseguir segurar os grandalhões, que adoooram fazer um terrorzinho* – Continua com um tom sensu-

al, como se sentisse prazer ao falar. – *E não demora para que a fé dos dezorianos seja abalada. Sua linha de defesa será desestruturada por dentro, meu amor. Seu planeta não nos impedirá. A eliminação do selo e a ressurreição da Escuridão Profunda serão uma questão de tempo.* – Concluiu a mulher em tom de desdém.

Marius escutava o discurso da figura maligna quando começou a recordar lentamente o que aconteceu mais cedo. Lembrou a sensação de desconforto que se seguiu de medo. E finalmente recordou o ato sexual que havia realizado com a criatura que agora reconhecia em sua frente. Sentiu um novo calafrio ao perceber que aquela figura que o assistia do canto do quarto era mesmo a Força Negra, e seu sangue gelou. O desespero crescia em seu coração, quando a mulher assumiu uma forma um pouco mais sólida e se aproximou lentamente dele, agora com um ar extremamente sensual, envolvendo o mago com os braços.

– *Você permitiu a nossa passagem, querido* – afirmou a criatura, aproximando a boca do ouvido de Marius, enquanto o abraçava. – *Você tornou tudo mais fácil, e continuará a me servir. Será obediente à minha vontade e aos meus desejos. Você me quer, Marius?* Pergunta com tom malicioso, lambendo suavemente sua nuca.

– *S-sim*, responde o mago completamente dominado novamente.

– *Eu também o quero, meu amor.* – continuou, usando de sua sensualidade para dominá-lo. – *Como poderia não querer o homem que me deu um filho?*

No segundo seguinte, Marius estava sozinho no corredor, agora menos sombrio. Sentiu-se tonto e caiu de joelhos. Ouviu ao longe o som do ritual do Círculo, que acenderia novamente a chama da Tocha Eclipse. Tentou chamar Haggard, mas faltou a voz. Caiu desacordado com a face voltada para o chão. Em seu último pensamento, antes de desmaiar, o eco que o aterrorizava: “*me deu um filho! Um filho!*”.

ORA (DIREIS) OU VIRE ESTRELAS!

D.W. 3183 – 15/07

– *Sempre fui um sonhador, iniciou Romulus perdido em pensamentos, com o olhar vidrado num único ponto em cima da mesa na qual apoiava seu cotovelo, enquanto segurava a cabeça com as mãos. Seus cabelos verdes, bagunçados com a correria de minutos atrás, brilhavam refletindo a luz da luminária que era o único ponto luminoso no laboratório improvisado, que havia sido criado no antigo quarto de hóspedes. – A obra da minha vida não poderia ser resumida em artigos científicos. E quando comecei a estudar os eventos que destruíram Palma e que mudaram as órbitas dos planetas, percebi que algo muito mais sério do que se podia imaginar está acontecendo nesse exato momento. Os registros são claros. As evidências estão aí para quem quiser ver. Os planetas que giram ao redor de Algol interferem, de alguma forma, na existência e na permanência de entidades malignas extremamente poderosas que vêm prejudicando a sobrevivência da nossa espécie. E de tempos em tempos, sistematicamente, essas entidades investem contra nós e tentam nos destruir por completo.*

– *Gostaria de entender o que você está dizendo.* – Afirmou All-
yia, olhando para sua direita, e observando através da janela a
engenhoca que Romulus criava em seu quintal. – *Você não*

tem um argumento com início, meio e fim. Começa falando sobre essa tal Alis Landale e esse imperador maligno do passado. Depois fala de monstros e de planetas. É como se estivesse preso numa fantasia de criança sem querer acordar. – Concluiu se aproximando lentamente da janela com olhar de espanto. – *E o que diabos é aquele lixo lá fora?*

– *Lixo!?* – Perguntou Romulus virando-se rapidamente com olhar de surpresa e indignação. – *Você faz ideia do que eu trabalhei pra descobrir sozinho um modo seguro de viajar no tempo? Faz ideia do trabalho que deu estudar tantas técnicas mágicas e aprender a manipular essas coisas, mesmo sem conhecimento algum de magia?* – Nessa hora Allyia sentiu vontade de zombar, e até chegou a ensaiar um sorriso no canto da boca, enquanto estava de costas para o amigo, debruçada na janela, olhando a futura máquina do tempo. Mas preferiu não deixar que ele visse sua reação, preferindo demonstrar insatisfação, seriedade e firmeza.

– *Lixo!* – Retrucou Allyia fazendo Romulus ficar ainda mais indignado e levantar subitamente de sua cadeira. Ela o olhava pelo canto do olho, por cima do ombro esquerdo, mantendo a seriedade. – *Pra onde você pretende ir com essa porcaria? O máximo que vai conseguir é detonar a si próprio e, possivelmente, seus vizinhos.* – Provocou a garota, quase entregando a encenação que tentava manter.

– *Vou voltar a Palma. Impedir que o imperador La Shiec prejudique o selo que mantém o mal aprisionado.* – Respondeu o professor, em tom irritado. – *O que mais espera que eu faça?* – Perguntou, ainda que com medo de ouvir a resposta.

- *Leve-me com você.* - Finalizou Allyia, virando agora de frente para o professor, olhando com um ar malicioso e um suave sorriso. - *Afinal, alguém vai precisar salvar sua vida. E eu terei minha chance de retribuir de uma só vez tudo o que você já fez por mim. Além disso, eu não tenho mais ninguém mesmo.* - Seu tom de voz e sua expressão mudaram quase repentinamente, assumindo uma postura que a fazia parecer injustiçada, tornando-se capaz de comover apenas com o olhar. - *Só não consigo entender como é que você pensou em tudo isso durante todos esses anos e planejou realizar essa viagem sem mim, me deixando pra trás... me abandonando!* - Terminou com os olhos já marejados e um olhar comprido, focando em algum ponto no chão para não encarar o professor.

Romulus se deixou tomar imediatamente pela emoção, indo até a amiga e a abraçando. Um abraço demorado e sincero. Assim, ela encostou a cabeça no seu ombro e chorou copiosamente. Ele a manteve nos braços o tempo necessário para que ela se acalmasse, mas não conseguiu evitar uma lágrima que já estava presa em seus olhos por algum tempo. Sentiu o peso de todo um trabalho de anos finalmente ser aliviado pelo gesto da amiga que era sua única companhia na maior parte do tempo.

Enquanto isso, em um ponto não muito distante do deserto motaviano, nuvens de fumaça escura pareciam desfilar a poucos metros do chão, desenhando rotas curvas e trançadas, quase invisíveis aos olhos. Até que uma dessas nuvens parou de se mover e solidificou a imagem feminina da Sombra, en-

quanto as demais nuvens se agrupavam ao seu redor, reduzindo seus ritmos até ficarem quase imóveis à sua frente.

– *É chegado o momento, meus amigos. Espalhem-se pelos quatro cantos de Motávia. Destruam os vilarejos menores. Inutilizem meios de comunicação. Matem todos que os avistarem. Não deem tempo para que busquem ajuda. Não poupem ninguém.* – Discursou a Sombra, para as figuras que se materializavam parcialmente em criaturas imensas, com a mesma aparência do monstro que Marius havia avistado em Dezóris. Eram manifestações múltiplas da Força Negra, lideradas pela criatura feminina. – *Esse será nosso primeiro passo, meus queridos. Entrarei numa jornada que talvez não tenha volta.* – Concluiu num tom que poderia ser interpretado como tristeza.

No dia seguinte, Romulus e Allyia caminhavam juntos por uma rua de comércio no centro de Piata, procurando por itens que haviam relacionado em uma lista na noite passada.

Enquanto caminhavam, conversavam sobre a recém-compartilhada ideia de Romulus e sua invenção que ainda precisava de alguns ajustes. Veículos voadores passavam próximos ao chão e alguns metros acima de suas cabeças, enquanto transitavam na larga calçada. Os veículos, com design arredondado, tinham aparência aproximada a de alguns carros terrestres, com cores variadas e vidros sempre escuros. Os prédios possuíam design também futurista, geralmente em cores claras, com laterais curvas, algumas vezes um pouco mais estreitos nos andares do meio, e mais largos nas bases e no topo, com algum tipo de antena que tomava todo o telhado.

- *Negar a história é o mesmo que negar a realidade.* - Começou Allyia, como se estivesse refletindo sozinha. Romulus apenas olhou para ela enquanto caminhava ao seu lado, esperando a conclusão do raciocínio. - *Motávia superou a tragédia de Palma. As pessoas vivem paz. Por que mudaríamos tudo isso agora?* - Finalizou expondo sua dúvida acerca do que havia discutido durante toda a noite anterior.

- *Éramos três. Hoje somos apenas dois. Se Motávia for destruído, para onde iremos? Nossa história já não nos provou que corremos esse risco desde sempre?* - Rebateu Romulus, com um suave sorriso no rosto, encarando a amiga - *Dezóris é muito gelado. E corre o mesmo perigo que nós corremos aqui. Você tem ideia de quantas pessoas morreram com a destruição de Palma? Pelo menos 90% da população palmana foi destruída.* - Terminou olhando rapidamente para o céu como se tentasse imaginar a tragédia acontecida séculos atrás.

- *E você acha que essa ideia tem alguma chance de dar certo?* - Perguntou Allyia olhando agora fixamente para o professor, parando de caminhar por um instante.

- *Você não tentaria?* - Respondeu Romulus, pegando a mão da jovem e a conduzindo para que não parassem a caminhada. Em seguida, olhando para as anotações que estavam em sua mão, apontou para uma loja do outro lado da rua, mudando sua rota para ir até lá.

Ao passarem para o outro lado da rua, já de braços dados e em meio a risos e brincadeiras, Romulus notou a filmagem do evento da noite anterior, no noticiário que passava numa das televisões expostas na vitrine de uma loja.

Instintivamente entrou na loja para verificar o que estava sendo dito na transmissão, e se deparou com uma série de ataques à sua postura na palestra que tratava de um tema delicado para todo o povo palmano.

“...com a ideia absurda de viajar no tempo e alterar o passado, acusando a personagem histórica Alis Landale de ter desencadeado uma série de eventos que culminará na destruição completa da nossa espécie ainda neste século. O reitor J. F. Yoz se pronunciou rapidamente sobre o ocorrido, desculpando-se publicamente com todos os participantes da conferência, que não deixaram de expressar sua indignação.”

Romulus olhava atentamente a notícia sem esboçar reação. Allyia segurou seu braço como se tentasse consolar o amigo de alguma forma, mas qualquer tentativa sequer seria notada pelo professor que estava com todas as suas atenções voltadas para a matéria.

“Romulus Saunders é um professor de muito valor, além de muito querido entre o corpo docente e discente”, iniciava o reitor em sua entrevista. *“Porém, não posso deixar de compreender a revolta dos participantes do evento. E também não posso deixar de tomar uma atitude corretiva nesse sentido. Infelizmente teremos que afastar o professor de suas atividades, talvez permanentemente. Ou pelo menos restringir suas tarefas, afastando a possibilidade de uma nova cena como a que nos perturbou na noite passada. Peço desculpas aos palmanos que esperavam um encontro mais produtivo, e aos participantes de tantas cidades que compareceram à conferência. Obrigado.”* – Concluiu Yoz, baixando a cabeça. A cena retornou para o estúdio do noticiário e outra matéria tomou lugar

na programação, deixando Romulus pensativo e de cabeça baixa, enquanto Allyia ainda tentava animá-lo com gestos de carinho e seu olhar doce.

- *Era de se esperar*, disse ele rapidamente, erguendo a cabeça como se quisesse demonstrar superação imediata. Olhou para cima por poucos segundos, ensaiou um sorriso amarelo e olhou docemente para a amiga, que lhe retribuiu, não escondendo a preocupação. *Iniciei uma jornada sem volta, Allyia. Minha missão agora é muito maior do que escrever artigos ou convencer estudiosos do que está por vir. Preciso agir. Não sei quanto tempo temos, mas tenho certeza de que se eu não tomar uma atitude imediatamente, provavelmente não teremos um amanhã. Sendo assim, minha prioridade está em cumprir meu dever de cidadão palmano.*

- Algoliano, respondeu Allyia. *Se o que planeja der certo de verdade, a vida em Algol será garantida por muito tempo. Estou feliz que tenha me aceitado nesse seu "projeto", porque não poderia deixar de ser testemunha de um feito dessa magnitude. Especialmente por estar sendo realizado por você.* - Nesse momento, Allyia fitou o professor com um olhar diferente. E o encarou por alguns segundos, gerando um clima de intimidade, especialmente a partir do momento em que ele retribuiu o olhar.

- *A única testemunha, Allyia. Ninguém jamais saberá além de você.* - Finalizou Romulus, tocando o queixo da jovem em tom de carinho e puxando-a pelo braço para que continuassem a caminhada. E embora o clima romântico tivesse sido quebrado pelo professor, Allyia se sentiu feliz e aliviada por

perceber que seu amigo estava realmente disposto a superar a perda que havia acabado de descobrir que tivera.

Saindo do local, não perceberam que a notícia seguinte no mesmo noticiário que estavam assistindo revelava que Romulus estava mais certo do que imaginava. A cidade palmana de Aiedo havia sido atacada por algo grande e poderoso, que transformou a maior parte das construções em ruínas. Quase nada sobrou e muitas mortes já haviam sido contabilizadas.

GUERRA NAS ESTRELAS

D.W. 3183 – 15/07

Os magos Éesper deixaram Dezóris a bordo da nave Landale II, ainda no começo da manhã. Marius ainda refletia sobre seu último encontro com a Sombra, na noite anterior. Seu sofrimento era ocultado pelo capuz que cobria suas feições e seu olhar quebrado de uma noite mal dormida. Sua mente permanecia em seu quarto, recordando as diversas visitas que a Sombra o fazia, sempre saindo de cantos escuros em sua forma espectral. Não conseguia entender o amor que sentia por ela, e o porquê de ser tão difícil enfrentá-la. Suas ordens e insinuações. Suas aparições fantasmagóricas.

Ele compreendia que a Sombra era uma entidade oriunda da Escuridão Profunda, assim como a Força Negra. Ela sempre deixou claro quais eram seus interesses e objetivos, mas ele era incapaz de realizar qualquer ação contra ela. Sua voz, seu cheiro e sua presença dominavam todos os seus sentidos. Sua vontade era suprimida pela dela mesmo quando estava sozinho. Era incapaz de contar aos outros Éesper, ou pedir socorro. Um misto de medo e amor pela criatura o tornava uma marionete perfeita. Não conseguia se abrir com seus amigos e companheiros, tampouco alertá-los da infiltração no Templo

Ésper e na barreira mágica que protege Dezóris com a luz sagrada da Tocha Eclipse. Mas o que mais o perturbava, dentre todas as coisas, era a afirmação que a Sombra fez ainda em seu primeiro encontro. Ela havia falado sobre um filho. Um filho com ele. Um filho dele!

- *E se isso for verdade?* - Questionou para si mesmo num momento em que o pensamento involuntariamente foi reproduzido pelos lábios. - *E se eu estiver condenado a ter um filho com a Escuridão Profunda?* - Refletia Marius, considerando que o pensamento poderia estar equivocado e que, até certo ponto, ele próprio poderia estar sendo prepotente. Um filho com uma criatura oriunda da Escuridão Profunda poderia resultar numa espécie de messias do caos. Arauto da destruição e da morte. Especialmente por herdar o mal e os poderes malignos da Sombra, combinados com a magia que corre nas veias dos Ésper.

Desde o início da viagem, Marius ainda não havia sentido a presença sinistra da Sombra. Nenhum sinal da criatura que parecia segui-lo por todo o tempo. Mas uma sensação estranha ainda o mantinha preocupado. Um pressentimento de que algo muito ruim poderia acontecer a qualquer instante.

Estava sentado em uma poltrona acolchoada, semelhante à de um avião terrestre. Semelhança essa que se repetia no formato do corredor da nave, com duas fileiras de poltronas, sempre aos pares, e um corredor no meio. A iluminação, reduzida para poupar combustível e energia, dava ao voo uma sensação muito semelhante à dos voos comerciais terrestres, com a única exceção da ausência de um serviço de bordo e de

janelas. Ao seu lado, o ancião Orakio Rob, adormecido, mantinha uma postura que lembrava a meditação, fazendo uma pirâmide com os dedos das mãos e apoiando o queixo em sua extremidade superior, como se estivesse refletindo sobre algo.

Marius o olhou atentamente por cerca de um minuto, questionando-se sobre a razão pela qual não conseguia falar sobre sua relação amorosa com a Sombra, criatura que jurou acabar com os planetas Motávia e Dezóris antes do final do ano. E, enquanto Marius pensava sobre isso, Orakio balbuciou algumas palavras, como se estivesse em processo de sonambulismo: *“Quando o momento certo chegar, você desempenhará o seu papel”*.

Curioso e surpreso, Marius observou ainda mais atentamente o ancião que parecia prosseguir com seu sono. *“Terá sido para mim?”*, pensou enquanto ainda observava o colega adormecido.

Nesse instante, na cabine de comando, Hasgard observava a rota traçada pelo piloto automático, enquanto lembrava as viagens dos sucessores de Lutz. As memórias de todos que receberam a vontade e a memória do primeiro Éesper no passado ficavam gravadas na Esfera Telepática, sendo somadas às do próprio Lutz, e posteriormente transmitidas ao próximo sucessor. Assim, Hasgard detinha as lembranças não apenas de Lutz, mas de todos aqueles que continuaram sua jornada.

A cabine de comando também era semelhante à cabine de um avião terrestre, com alguns elementos que poderiam ser considerados como futuristas, devido ao design mais arrojado

com teclas sutis, contornadas com uma opaca tira de luz azul, que desenhava todos os comandos do painel principal.

Olhando para as estrelas através do vidro frontal, acima do painel principal, Havgard lembrou a viagem de um sucessor de Lutz chamado Rune Walsh, que enfrentou uma criatura que havia sido ressuscitada de forma sobrenatural e que pairava sobre os destroços de Palma, em um castelo preso a uma rocha entre os asteroides.

Ao adentrar na memória, recordou que aquele demônio era Reipard La Shiec, trazido dos mortos pelo poder da Força Negra. Mas não estava vivo. Era apenas uma sombra do que havia sido no passado, movido apenas pela vingança. Uma marionete das forças malignas que naquela época investiram pesado em mais uma tentativa de destruir os palmanos.

Lembrou que nessa época La Shiec detinha a Tocha Eclipse, quando foi derrotado por Rune. Essa derrota se passou quase dois mil anos depois de sua morte pelas mãos de Alis Landale, com auxílio do Lutz original. Havgard parou para refletir sobre a razão pela qual o artefato estava nas mãos do zumbi.

De repente, em meio aos seus pensamentos, veio uma recordação inédita. Nela surgiu a imagem do demônio La Shiec, que discutia com Rune em uma plataforma de pedra, no meio do nada.

*- Lutz. Não venci você quando usou Alis Landale para me des-
tronar. Não venci você quando recebi a minha segunda vida, ainda
nesse maldito castelo cercado de bestas, pairando sem rumo, no espa-
ço. Mas vencerei você, em sua mais pobre encarnação. E não mais*

como um moribundo derrotado. Eu sou mais! Eu estou vivo! E vou destruir Motávia, Dezóris e Rykros! – Completou La Shiec, com sua voz rouca e grave. Suas grandes ombreiras douradas e seu capacete prateado não escondiam a sua face demoníaca em estado de decomposição. Seus olhos vermelhos, fundos, em suas órbitas em forma de buracos sem fim, causavam calafrios. Seu manto azul escuro, por baixo das grandes ombreiras e da capa vermelha, completava suas vestes de antigo imperador. – *Eu sei que a Escuridão foi derrotada e aprisionada novamente. Mas eu voltarei a reinar! Como Éspér! Reencarnado! Vivo! Como um palmano novamente!* – Terminou abrindo um sorriso maligno, e o brilho dos seus olhos sobrepôs a imagem de todo o resto, fazendo com que Hasgard visse apenas os dois pontos luminosos, enquanto o cenário desaparecia, ficando apenas um fundo preto e os olhos de La Shiec. Hasgard gelou, entendendo que aquilo não era uma lembrança. Era um aviso.

Subitamente voltou a si e percebeu que estava de volta à cabine de comando da Landale II. Então observou o anel de asteroides resultante da destruição de Palma, há tantos anos.

“Mais fraca encarnação”, lembrou a frase do antigo imperador, nessa nova visão. Perguntou-se sobre a natureza desses avisos e qual seria a sua origem. Mas, principalmente, sobre qual seria o seu propósito.

– *Serei eu, realmente, o mais fraco entre os sucessores de Lutz? Se isso for verdade, qual será o destino de Algol?* – Ponderou, enquanto fitava as estrelas.

E, por um instante, viu o que para ele não poderia ser mais do que uma nova ilusão. O planeta azul apareceu entre

os asteroides resultantes de sua própria explosão, por um instante que pareceu uma eternidade, refletindo a luz de Algol. Uma bela imagem de Palma, com seus vastos oceanos e seus continentes manchando o globo com a cor marrom clara.

Sem palavras, Hasgard observou a visão pelo tempo que foi possível, pois não demorou até que a imagem ficasse translúcida gradativamente, desaparecendo por completo, segundos depois. O espetáculo visual o deixou tão perplexo que por instantes esqueceu o aviso de La Shiec sobre o ataque aos três planetas.

A existência de Rykros era um segredo que poucos conheciam. Mas, obviamente, não poderia ser ocultado da Escuridão Profunda. Os maiores guerreiros da Grande Luz viviam lá. E nessa época, a órbita desse planeta tão distante o aproximava de Motávia e Dezóris o suficiente para facilitar um ataque das forças malignas, especialmente depois que Palma deixou de existir.

Para os Éesper, assim como para os dezorianos nativos, o sistema solar de Algol funcionava como um selo. Segundo suas crenças, a Grande Luz e a Escuridão Profunda eram duas entidades cósmicas que disputavam espaço no universo desde os tempos de sua criação. Com a vitória da Grande Luz no passado, a Escuridão foi aprisionada em uma dimensão paralela, e selada pela criação da estrela Algol e dos planetas que a cercavam. Palma, Motávia e Dezóris teriam a função semelhante a um lacre, enquanto Rykros, em sua órbita elíptica, funcionaria como última linha de defesa. A existência de Rykros, segundo os Éesper, seria a razão pela qual as criaturas

oriundas da Escuridão jamais ultrapassaram os limites do sistema solar. Assim, mesmo que conseguissem se libertar, permaneceriam presas dentro de um espaço restrito no universo.

Enquanto pensava sobre isso, Hasgard foi surpreendido ao ouvir gritos e um estrondo que pareciam vir da parte traseira da nave. Ao correr, passar pelo corredor dos passageiros que já estava vazio, e chegar à sala da engenharia onde todos já se encontravam, um novo susto: uma criatura escura, viscosa, com uma aparência semelhante a uma raiz de árvore banhada em tinta azul bem escura ou petróleo, presa aos painéis e monitores do computador principal. Os painéis ocupavam toda a parede de um dos lados da sala, e criatura ocupava todo esse espaço, que deveria ter aproximadamente oito metros de comprimento e três de altura.

No centro das raízes com um tom preto azulado, uma cabeça, com cerca de um metro de diâmetro, olhos vermelhos em uma órbita completamente negra, dentes afiados e apenas uma cavidade onde seria o nariz, com a textura semelhante ao resto do corpo.

Era a Força Negra, sem dúvidas. Infiltrada na Landale sem que os Éspers fossem capazes de detectar antecipadamente sua presença. Hasgard olhou rapidamente para os demais magos que se reuniram em frente à criatura, todos em posição de ataque, com cajados que traziam cristais em diferentes formatos em suas pontas, ou mesmo de mãos vazias. Entre eles, Marius suava muito, como se o pavor tivesse superando sua firmeza.

Um dos magos gritou a palavra “*Warla*”, e um escudo amarelado e translúcido se formou à frente dos magos, servindo de proteção mágica contra uma possível investida do monstro.

A criatura, inclinado a cabeça lentamente para a direita, virou-se para Hasgard, fitando-o. Seu olhar de malícia e ódio causava arrepios em todos ali presentes. Quando respirava, podia-se ver uma protuberância nas laterais de sua cabeça, inchando e murchando lentamente.

- *Cegos. Doentes. Limitados. M-a-n-i-p-ulá-ve-is.* - Disse a criatura com uma voz extremamente grave, que ecoava por todo o ambiente, enquanto inclinava novamente a cabeça, agora para a esquerda, parando-a lentamente na direção de Marius e abrindo um sorriso sarcástico em seguida. Marius suava ainda mais. - *Não há salvação para os palmanos. Vocês, Ésser, serão os primeiros.* - Terminou com tom de asco ao pronunciar o nome da ordem dos magos.

- “*Effess!*” - Gritou Hasgard, que fez surgir do chão uma onda luz branca que atingiu a criatura em toda a extensão de seu corpo, fazendo-a gritar gravemente e contra-atacar logo em seguida.

Três bolas de plasma amareladas surgiram na boca, que se abria cada vez mais, esticando como elástico. As esferas giraram entre si, sem avançar por alguns segundos, sendo disparadas em seguida, chocando-se contra o escudo da magia *Warla*. Porém, antes que o grupo pudesse se recuperar, novas esferas de energia se formavam na boca do demônio, que já desferia um segundo ataque.

Uma sucessão de rajadas de energia, com as mais diversas cores e formatos, foi lançada sobre a Força Negra, que reagia disparando raios vermelhos pelos olhos, ou usando seus tentáculos para tentar ferir os magos.

Um jovem Éesper caiu morto no momento em que foi atingido por uma das esferas de plasma que ultrapassou a proteção mística. E foi nesse momento que Orakio Rob, abrindo espaço entre os demais, gritou “Palavra Santa”, seguido de uma expressão incompreensível. Sua voz pareceu se misturar aos ruídos do confronto, ou ter tomado uma tonalidade sobrenatural. De suas mãos, espalmadas para frente, surgiu um símbolo feito de energia verde e brilhante, crescendo à sua frente e voando rapidamente em direção ao monstro em seguida, quando já crescia além dos dois metros de altura e largura.

Ao atingir a Força Negra, a técnica mágica de Orakio transformou seu corpo em cinzas, gradativamente. O monstro foi desintegrado aos poucos, sumindo em menos de um minuto, deixando apenas poeira. Seu grito de agonia era ensurdecedor e extremamente grave. Os equipamentos onde estava preso foram completamente destruídos.

A nave estava danificada. Os esforços seguintes giraram em torno de consertar o que fosse possível, mas a nave havia sofrido uma grande avaria.

O percurso para Motávia foi mantido, mas Hasgard e o piloto da nave constataram que não seria possível pousar. Estavam em rota de colisão.

APOCALIPSE

D.W. 3183 – 16/07

Enquanto assistia o noticiário da noite, numa pequena TV que Allyia encontrou entre os entulhos no armário do escritório, Romulus repensava os últimos cálculos da fusão de técnicas mágicas, que usaria logo mais no equipamento que estava armado em seu quintal.

Já havia encontrado a combinação de técnicas que permitiria a viagem no tempo e garantiria a integridade física dos viajantes no trajeto e na chegada.

Era uma combinação complicada, pois além de ser necessário processar as técnicas por computador, era preciso calcular os níveis certos e definir o destino da viagem tanto no espaço quanto no tempo. Afinal, seria preciso não apenas voltar para d.W. 342, mas para o planeta Palma, que ainda existia naquela época.

Romulus concentrava suas atenções nos ajustes da técnica “Deban” que os protegeria, e na “Hinas” que impediria que fossem materializados dentro da terra ou de uma parede, por exemplo.

Trabalhar com técnicas mágicas lhe dava uma vantagem: ele não precisaria se preocupar com pequenos cálculos rela-

cionados à posição geográfica, por exemplo. Ou com a posição exata do planeta Palma. As técnicas funcionavam baseadas em pensamento e concentração.

Assim, bastaria manter a ideia fixa de voltar ao planeta Palma de d.W. 342 e liberar a quantidade de fluido mágico necessária para possibilitar a viagem.

– *Caso não haja energia o suficiente ou fluido o bastante pra conseguirmos completar a viagem, ficaremos no meio do caminho?* – Perguntou Allyia com um ar quase distraído, enquanto trazia da cozinha uma bandeja metálica com alguns pães quentes e dois copos de leite. – *Caso a gente pare no meio do espaço, tem como voltar?* – Olhou para Romulus, puxando uma cadeira ao seu lado, e o encarou com um olhar distante e o semblante cristalizado, como se não desse muita importância para a gravidade do assunto, mordendo em seguida um pedaço de pão, ainda fitando o professor, numa postura quase cômica.

– *Eu jamais faria uma viagem dessas se não tivesse feito alguns testes. A combinação das magias sempre funciona. Em 100% dos casos houve êxito. Os testes foram em menor escala, com combinações menores de magias, mas todas funcionaram perfeitamente, em todas as variações que usei.* – Respondeu o professor, com o olhar concentrado no movimento de mastigação do maxilar da amiga. – *Caso não dê certo, acontecerá apenas um grande desperdício, seguido de um grande prejuízo. E, talvez, alguma complicação com a polícia. Mas nada muito grave.* – Sua expressão mudou e seu semblante fechou enquanto desviava o olhar para os papéis na mesa – *Nada pior do que já aconteceu.*

Allyia aproximou sua cadeira e abraçou o amigo, passando o braço direito por suas costas, e deitando a cabeça no seu ombro, enquanto ele debruçava-se sobre a mesa deitando a testa no braço dobrado, sem observar que uma sombra se mexia no canto do laboratório, próxima à janela de onde se via a máquina do tempo, que já estava praticamente pronta.

Enquanto isso, nos arredores de Piata, os espectros de Força Negra se reuniam, em forma de fumaça escura e espessa, flutuando e circulando os muros da cidade, sem serem percebidos pelos soldados que faziam sua ronda no portão principal da cidade.

Um dos espectros, o maior de todos, se materializou em forma humanoide, com grandes garras de três dedos, o característico rosto feito de ligamentos, com olhos vermelhos de órbitas escuras e profundas, com uma grande boca e dentes afiados. Sua cor era um cinza esverdeado, bastante escuro, mas que refletia tonalidades variadas sob a luz da lua, dando a impressão de uma coloração em degradê.

- *Hoje destruiremos a história de Motávia!* - Iniciou com uma voz grave e rouca, como se várias vozes estivessem pronunciando a mesma fala, todas ao mesmo tempo - *Piata detém o conhecimento dos palmanos! Destruindo a cidade, estaremos dando mais um passo para a libertação da Escuridão e para a nossa vitória!*

- *O filho da Sombra reinará! Os planetas de Algol se curvarão à nossa vontade! Nada nos impedirá dessa vez! Reipard La Shiec está voltando!* - Complementou um outro demônio, com características semelhantes ao líder, porém menor e com a coloração

em azul escuro, em tom de exaltação. – *Rykros não nos derrubará dessa vez!*

- *Le Roof não deve ser subestimado. Eu o enfrentarei. Algol não terá mais guardiões da Grande Luz. Rykros cairá!* – Completou o líder, enquanto os demais gritavam e faziam ruídos que lembravam uivos, com um som grave o suficiente para fazer o chão tremer.

Enquanto a agitação prosseguia, não observaram um ponto luminoso se movendo no céu. A nave Landale II se aproximava do solo motaviano em grande velocidade.

Hasgard e Orakio uniram suas forças e, segurando as mãos um do outro, concentraram suas energias na criação de um imenso campo energético das magias “Deban”, “Warla” e outras bênçãos, envolvendo a nave numa espécie de casulo, numa última tentativa de conter o impacto da queda. Os demais, sentados em suas poltronas com os devidos cintos de segurança, se concentravam para ampliar a capacidade de regeneração da magia “Res”, que curaria seus corpos no momento do impacto.

Na casa de Romulus, Allyia observava o pequeno gerador conectado aos fios que, por sua vez, se conectavam às hastes que liberariam o fluido mágico. O colchão, no centro das hastes verticais que tinham suas pontas voltadas para baixo, estava bastante gasto e o descontentamento de Allyia foi nítido quando torceu o nariz com olhar de reprovação.

- *Vamos deitar nisso?* – Virou de costas e saiu antes que Romulus pudesse responder. Porém, o professor sequer olhou

para ela, concentrando suas atenções nas bolsas plásticas brancas, onde os fluidos mágicos se encontravam.

Conectou as bolsas a um pequeno dispositivo metálico preso em cada uma das hastes e fixou-as com fita adesiva. Cada bolsa continha uma magia diferente. Repassou a lista de magias e suas respectivas dosagens. Repetia em voz baixa o nome de cada uma das técnicas mágicas envolvidas: *“Deban’ para nos proteger na viagem e na chegada; ‘Ryuka’ para alcançarmos Palma; ‘Hinas’ para evitar que sejamos teleportados para algum lugar onde fiquemos presos ou dentro de um objeto sólido; ‘Ner’ ampliada e modificada para ultrapassar a velocidade da luz para criar o efeito de deslocamento temporal; ‘Zan’ modificada para criar o vórtice; e ‘Res’ para garantir a integridade física dos viajantes e prevenir qualquer ferimento”*.

Nesse momento Allyia retornou com um lençol nos braços, forrando o colchão que ficava entre as duas hastes. Romulus olhou rapidamente por baixo das sobrancelhas, dando um sorriso de canto de boca. Sem se virar ou olhar para trás, como se soubesse que ele comentaria alguma coisa, ela respondeu dando de ombros: *– É para chegarmos limpos a nosso destino, não?* – E saiu para buscar mais alguma coisa na cozinha, entrando novamente na casa.

O céu estava estrelado, e Romulus não conseguiu evitar fixar as estrelas por um instante. Observou o local no céu onde antigamente havia o pontinho luminoso que já não existia. E tentou imaginar como seria poder viajar para Palma sempre que quisesse. Ou como seria bom ter nascido e crescido no planeta onde sua espécie surgiu.

Allyia parou na porta que dava acesso à casa quando já retornava, abraçada a uma pequena mochila preta. Observou o amigo que não percebia que ela o olhava. Cerrou os olhos tentando imaginar o que passava na cabeça daquele homem sonhador. Às vezes tinha a impressão de que ele não se encaixava no mundo em que vivia, buscando sempre fugir de sua própria realidade, mergulhando em sonhos sem fim.

Não escondia no sorriso a ternura e o carinho declarados ao amigo. Na verdade, nesse momento, ela já começava a se perguntar se seria apenas amizade o que realmente sentia por ele. E foi nesse momento, em que ela o observava, distraído, olhando as estrelas, que a Sombra passou por um canto escuro na parede externa da casa, saindo da janela para o quintal onde a viagem no tempo aconteceria. Sua forma de sutil névoa escura não permitiu que fosse percebida.

Do lado de fora da cidade, o grupo de Forças Negras, composto por pelo menos trinta entidades demoníacas, rumava para a entrada principal da cidade, nos portões de Piata, quando algo chamou a atenção do seu líder, que parou diante dos demais. Materializando-se e apontando para o céu com um misto de surpresa e ódio, gritou para os demais: – *Os É-s-per chegaram! Nosso irmão falhou!*

Do lado de dentro da nave, Orakio Rob sentiu um calafrio muito forte, o que abalou em parte sua concentração na execução das técnicas que protegiam a nave. A sobrecarga provocada em Hasgard fez com que o nível da magia diminuísse e a Landale II ficasse parcialmente desprotegida.

O líder das Forças Negras, percebendo a situação em que a nave se encontrava, concentrou suas energias nas garras, gerando uma imensa esfera de energia negra que, segundos depois, se transformou em uma onda, disparada rapidamente em direção aos Ésperes que caíam sem controle.

Marius sentiu a aproximação do ataque, e executou a magia “Deban”, fortalecendo momentaneamente as defesas da nave. Porém, a onda de energia lançada pela Força Negra atingiu os Éspere e a nave alcançou o solo segundos depois, em alta velocidade, gerando um grande estrondo e uma explosão de poeira.

Dentro da casa de Romulus, os amigos já estavam deitados na máquina quando, através de um computador ao seu lado, o professor ligou a engenhoca. Deitados no colchão e protegidos por uma redoma de vidro que foi posicionada com certa dificuldade, devido ao seu peso e formato, observavam enfim o céu estrelado da agradável e fria noite motaviana.

– *Como devem ter sido as noites em Palma?* – Perguntou Romulus, olhando para o céu, como se estivesse conversando sozinho.

– *Vamos descobrir em breve. Aliás... tem uma coisa que eu não te perguntei.* – Falou Allyia virando o rosto para olhar o amigo que parecia distante novamente. – *Você me falou sobre quase tudo. Mas não me falou sobre a volta. Nós vamos voltar?* – Subitamente foi tomada por uma preocupação que não soube disfarçar.

Romulus sorriu ainda olhando para o céu: – *No meu bolso existem dois frascos com o fluido de uma técnica mágica que anula a*

última magia à qual fomos submetidos. Assim, basta que eu derrame um frasco em nós dois para que voltemos para cá no exato instante em que saímos.

Nesse momento, o gerador deu sinal de sobrecarga. Romulus preocupou-se, pois sabia que teria grande prejuízo caso as dosagens de técnicas mágicas fossem desperdiçadas, além da perda do gerador, que teria que ser substituído caso isso acontecesse. Mas preferiu permanecer deitado, apenas acompanhando o processo, sem intervir.

- *É impossível mudar o curso do passado.* - Soltou Allyia, olhando para o céu, como se estivesse procurando algo.

- *Você tem certeza disso?* - Retrucou Romulus, olhando rapidamente o rosto da amiga e, pela primeira vez, admirando sua beleza.

A Sombra, percebendo a falha no equipamento, ainda na forma de fumaça, penetrou no gerador, usando sua própria energia para aumentar os níveis de eletricidade que faziam o mecanismo da máquina funcionar.

Romulus observou a mudança de comportamento do gerador com estranheza, mas aceitou a sorte de bom grado, enquanto Allyia questionava o que o estava preocupando. Porém, foi surpreendida com uma imagem à sua frente que a fez esquecer momentaneamente todas as outras coisas.

- *P-Palma?* - Balbuciu Allyia com olhar de espanto. Nesse momento Romulus olhou para cima e acreditou ter visto um ponto luminoso no céu, na mesma posição onde deveria estar o antigo planeta.

Foi quando uma forte luz emanou da ponta das hastes acima de suas cabeças e não puderam ver mais nada, fechando os olhos para se protegerem da imensa claridade.

Romulus constatou que a máquina estava funcionando perfeitamente e os fluidos já estavam sendo descarregados e misturados. Involuntariamente, tocou a mão de Allyia que o segurou com força. Estava com medo. Mas nada que Romulus falasse poderia ser ouvido, pois um zunido em seus ouvidos os impedia de qualquer comunicação, exceto pelo apertar das mãos que, de tão forte, fazia-as parecerem uma só.

Foi nesse momento que a Sombra, ainda como fumaça, penetrou na redoma de vidro e envolveu os dois, no exato instante em que o clarão cessou num estrondo, seguido por um silêncio quase absoluto.

As luzes da casa se apagaram. Tudo ficou no escuro por um instante. As luzes das casas mais próximas também se apagaram. O brilho e barulho repentinos chamaram a atenção dos vizinhos e dos que passavam na rua no momento. Lá dentro, apenas a bagunça provocada pela onda de choque e o gerador fumaçando ao lado da máquina do tempo danificada. Os três ocupantes haviam sumido por completo.

A QUEDA DE PIATA

D.W. 3183 – 17/07

Enquanto lia os relatórios referentes à fracassada conferência que deveria discutir o futuro dos palmanos em Motávia, o Reitor Yoz refletia sobre o quanto o professor Saunders o havia surpreendido com uma atitude que jamais esperava de alguém tão confiável, antigo na instituição, e que considerava seu amigo.

Sentado em frente a uma mesa branca, de pontas arredondadas, numa poltrona também branca e bastante acolchoada, ergueu a fronte para observar o quadro na parede do seu lado esquerdo. Nele, a imagem do antigo Reitor Mahlay, com um suave sorriso e um semblante amigável, com seus cabelos castanhos formando uma franja que se estendia até as sobrancelhas, cobrindo parcialmente sua testa, e uma túnica branca, com um tecido bege dando a volta por trás do pescoço, semelhante às vestimentas indianas.

- *O que eu poderia ter feito para evitar isso?* - Pensou alto o Reitor, fitando os olhos da imagem no quadro, enquanto o brilho da tela do seu computador fazia seu rosto refletir uma luz branca. - *O que eu deixei de observar para que as coisas chegas-*

sem a esse ponto? Viagem no tempo? Há quanto tempo Saunders vem trabalhando nessa ideia?

Enquanto Yoz refletia sobre o episódio que arruinara todo um semestre de preparativos, e uma discussão altamente relevante, a praça em frente ao prédio principal, onde funcionava a reitoria, estava repleta de jovens conversando, fazendo lanche, ou mesmo sentados na grama ou em bancos, alguns lendo, outros apenas observando o movimento.

Parecia uma noite comum, quando uma jovem loira, de cabelos cacheados e olhos azuis olhou para o céu por um acaso, avistando uma fumaça escura, que parecia cruzar o céu atravessando a praça e seguindo em direção ao prédio principal da Universidade.

- *O-o que é aquilo?* - Perguntou, enquanto seu coração acelerava, e suas feições tornavam-se rapidamente pálidas, sendo tomada por um pavor inexplicável e crescente, até gritar e cair desacordada, sendo amparada por amigos.

Os jovens ao redor da moça não tiveram tempo de levantar a moça caída, pois já percebiam que o céu estava tomado por rastros escuros, como ondas de nuvem negra, em várias direções. De repente, algo atinge o prédio da reitoria, causando uma explosão no terceiro andar.

Várias explosões começavam a acontecer em vários locais diferentes, enquanto os jovens corriam sem destino, esbarrando uns nos outros, entre gritos e choros de pânico.

Do chão no centro da praça, saiu uma espessa fumaça negra, assumindo a forma de uma Força Negra, alcançando proporções gigantescas, abrindo sua grande boca cheia de pre-

sas e disparando grandes esferas de energia amarelada nos prédios e nas pessoas que corriam desesperadas.

A polícia de Piata combatia com pistolas laser e algumas técnicas mágicas comuns, como a “Foi”, que consistia na produção de um projétil de fogo que atingia os monstros sem causar qualquer dano. As criaturas, por sua vez, pareciam se multiplicar rapidamente.

Do lado de fora da cidade, o líder do exército negro aguardava a aproximação dos magos, que vinham à pé, após a queda e destruição da nave Landale II. Hasgard liderava a marcha dos vinte e cinco magos que se aproximavam dos portões de Piata, onde a criatura maligna os aguardava com um sorriso malicioso.

Sob o céu estrelado os magos iniciavam suas orações silenciosas enquanto caminhavam, e Hasgard encarava a Força Negra com uma determinação implacável. Em sua memória, todas as batalhas de Lutz e seus sucessores contra aquelas criaturas que há tantos séculos tentavam destruir Algol, com o propósito de se libertarem, para vagarem livres pelo universo.

Marius sofria calado, ao sentir com ainda mais intensidade o controle que a Sombra exercia sobre sua vontade. Para ele, as sensações provocadas pelo contato direto com o mal nessas proporções eram ainda maiores, devido a sua conexão com a criatura que pensa antes de agir, e que é o cérebro dos monstros que invadiram Piata.

Ao ver Piata sendo destruída aos poucos, seu sofrimento aumentava, por saber que tinha uma parcela de responsabili-

dade por aquilo. E mais ainda pelo que se via obrigado a fazer, seguindo as ordens da mãe do seu filho.

Orakio, ao perceber a fraqueza nos olhos de Marius, aproximou-se sutilmente, enquanto marchava. Direcionou parte da energia emanada de suas orações para o colega, sem que esse percebesse. Porém, com essa atitude, foi possível perceber que algo terrível havia acontecido com a alma daquele mago.

Imediatamente, Orakio executou a magia “Palavra Santa”, erguendo de suas mãos um grande símbolo verde de energia que fez com que todos parassem a marcha, surpresos.

Hasgard virou para trás para tentar entender o que acontecia, ainda assustado com os dizeres mágicos que eram pronunciados por Orakio. Porém, sua maior surpresa foi ver o aspecto de Marius mudar completamente, com suas veias cada vez mais evidentes por baixo de sua pele, o capuz já abaixado, com sua cabeça exposta, assumindo a aparência cada vez mais semelhante à da Força Negra, numa metamorfose lenta.

Porém, antes que Marius se transformasse em uma daquelas criaturas, a magia de Orakio Rob atingiu o rosto já desfigurado de Marius, fazendo-o voltar quase instantaneamente a sua forma original, liberando de si uma fumaça vermelha que se solidificou rapidamente no formato de um escorpião de pelo menos dois metros de comprimento. A criatura caiu no chão como se tivesse sido jogada, e correu em direção ao monstro que aguardava na porta de Piata, desmanchado em gargalhadas.

Marius caiu desacordado e dois magos o ergueram rapidamente. Hasgard voltou a fitar o monstro enquanto subia a

proteção mágica “Deban” e retomava a marcha, acompanhado dos demais Éesper, que já apontavam suas mãos espalmadas para o monstro que parecia não se importar com a aproximação deles.

– *O que espera com isso, Lutz?* – Zombou a Força Negra. – *Piata é nossa. Nada do que possam fazer aqui mudará o destino dessas pessoas. Tampouco o destino dos palmanos e dezorianos. Rykros está se movimentando rapidamente. E há uma razão para isso. Estamos vencendo! Mesmo com a Escuridão aprisionada, seu poder no mundo material ainda é muito intenso. Temos seu medo a nos alimentar. O medo do seu povo nos fortalece. Estamos cada vez mais vivos. E as cidades palmanas em Motávia serão inteiramente consumidas. Porém, nada melhor do que a armadilha na qual vocês, patéticos magos, caíram perfeitamente.* – Concluiu o monstro, fitando Lutz e baixando um pouco a cabeça para se aproximar dos Éesper, de forma a encará-los no mesmo nível.

– *Não!* – Gritou Marius ainda fraco, apoiado em outros dois magos. – *Hasgard!! Os demônios estão invadindo Dezóris. Nós mordemos a isca! Nosso templo será derrubado!* – Finalizou enquanto Hasgard permanecia imóvel, fitando o monstro, sem olhar para trás para ouvir o que Marius tinha a dizer.

De repente, Hasgard se viu mergulhado mais uma vez em visões. Tudo ao seu redor desapareceu e ele visualizou apenas um ponto azul luminoso em meio à escuridão total. O som da voz de um homem que orava em tom baixo era a única coisa que escutava. O som se aproximava aos poucos, assim como o ponto luminoso que prendia sua atenção.

- *Quem está aí?* - Perguntou a voz que antes apenas orava.
- *Muito ousado vir até aqui, mesmo que em forma astral.* - Terminou com uma voz suave e melodiosa.

Hasgard permaneceu observador, por acreditar que aquela “nova” lembrança traria à tona o diálogo entre duas pessoas. Porém, como o silêncio prosseguiu, suas dúvidas começaram a lhe perturbar.

- *Onde estou?* - Perguntou Hasgard enquanto ainda tentava entender o que estava acontecendo verdadeiramente.

- *Maharu. Mas não creio que não saiba onde está. Seria impossível chegar aqui, independente do meio que usou pra isso, se não soubesse exatamente onde queria chegar. Afinal, você está em um recinto protegido por magia. Quem é você?* - Respondeu e rebateu a voz, que mantinha o tom melodioso e sereno em contraste com as palavras que expressavam determinação e certa rigidez.

- *Maharu...* - Refletiu Hasgard por um segundo, esquecendo-se completamente da batalha que estava prestes a enfrentar segundos atrás, enquanto ainda estava acordado no plano material. - *Eu não sei mesmo onde estou. Estava em Motávia, em missão. Essas visões me acontecem frequentemente há um tempo. Preciso que me diga logo o que quer dessa vez.* - Enfatizou, já com um tom de certa impaciência.

- *Abra sua mente para mim, criatura. Abra sua mente para Lutz.* - Ordenou a voz que agora Hasgard reconhecia. Era Lutz. O verdadeiro. O primeiro. O sagrado mago que enfrentou a primeira Força Negra e impediu que os terráqueos invadissem Algol anos depois.

Hasgard sentiu então uma forte dor de cabeça e em sua mente veio a imagem de um homem branco e cabelos verdes deitado na grama, desacordado. De repente, um turbilhão de informações parecia bombardear seu cérebro com imagens e sons, e ele assistiu em fração de segundos toda a trajetória dos últimos dias de Romulus Saunders, um pesquisador local, em uma luta desesperada para possibilitar a viagem no tempo e alterar o passado.

- *Hasgard, certo?* - Perguntou Lutz agora num tom amigável. - *Você tem o código em sua mente. O código que eu criei para identificar meus futuros sucessores, em casos de viagens no tempo. Para você, aqui é o passado. Você está no ano d.W. 342 e embora ainda não tenha entendido como veio parar aqui, tenho certeza de que há um motivo muito forte e real para que isso tenha acontecido. Porém, como deve ter percebido, você não tem corpo físico aqui. Está em minha mente, e eu sou seu hospedeiro. Você verá com meus olhos, mas não poderá interferir nos meus atos. Poderá influenciar minhas decisões. Mentalmente poderemos conversar. E teremos tempo para entender porque um sucessor de tão longe no tempo veio até mim.* - Finalizou Lutz com um sorriso que Hasgard não pôde ver, mas que poderia sentir facilmente, agora que abrigava o corpo de Lutz.

- *Seremos um só.* - Afirmou Lutz. - *Eu confio em você, Hasgard.*

Enquanto isso, no plano material, os magos cercaram o corpo caído de Hasgard, que desmaiou sem qualquer motivo aparente, causando uma grande preocupação entre os Éspers.

O demônio não deu sinais de que pretendia começar um ataque, demonstrando apenas surpresa e certa preocupação com o que havia testemunhado antes do início de um eminente embate. Ele fitava o corpo no chão como se tentasse adivinhar o que havia acontecido por trás daquele fenômeno.

Embora os Éspers desconfiassem ter sido um truque da Força Negra, o general dos demônios que estavam destruindo Piata sabia que aquilo poderia significar uma ameaça aos planos da Sombra, que eram a real razão pela qual estavam ali, destruindo as cidades mais importantes dos palmanos em Motávia.

Porém, mesmo abalados com o estado de Hasgard, os magos se puseram em posição de ataque e iniciaram uma rajada de feixes de energia, fogo, gelo e eletricidade em direção à Força Negra que parecia estar protegida por um campo energético impenetrável.

O céu começou a escurecer por toda a região, escondendo a luz das estrelas sob uma pesada camada de sombras e fumaça escura.

Da janela de sua sala, Yoz assistia à destruição da praça enquanto ouvia os gritos de pânico dos estudantes, professores e moradores da cidade, correndo para salvarem suas vidas. Corpos eram jogados para o alto ou atirados ao chão, em meio a um grande número de criaturas negras que destruíam tudo o que tocavam. Prédios com andares inteiros destruídos, ou demolidos, com Forças Negras gritando com suas vozes graves e sobrevoando as ruas, como se estivesse se divertindo com o sofrimento do povo.

O pânico no coração de Yoz era tamanho que mal conseguia se mover, sem coragem de olhar ao seu redor, apenas assistindo o que era possível observar através da janela.

– *Senhor Reitor?* – Iniciou uma voz grave como um trovão, às suas costas. – *Vemos aniquilar a história dos palmanos nesse planeta miserável. Mas gostaria de conversar por alguns minutos com a figura mais ilustre dessa cidade.* – Completou em tom de ironia.

Yoz foi incapaz de olhar para trás, com os olhos congelados no infinito, e um semblante pálido e sério. – *O que quer de mim?* – Perguntou tentando manter a aparência de quem tem o controle da situação, ainda sem se virar.

– *O professor Saunders fez uma viagem inusitada até a época em que a princesa Alis Landale derrotou nosso libertador, o imperador Reipard La Shiec. Não vou me estender na aula de história* – interrompeu o assunto com sarcasmo – *mas creio que podemos entender através de você quais são as intenções do seu antigo aluno.* – Concluiu o monstro que já assumia a sua forma demoníaca e se aproximava lentamente do Reitor, que sentia sua presença fria cada vez mais intensa.

– *R-Romulus?* – Deixou escapar Yoz enquanto refletia sobre tudo o que sabia a partir do evento na convenção. Finalmente entendera o que o professor pretendia. Romulus queria apoio para a realização de uma missão já planejada. Devia ter passado anos dedicado aos estudos de viagem no tempo para então alterar o passado e salvar Motávia e os palmanos da destruição completa. Mas não apenas isso. Ele havia dito que a solução

para os problemas dos palmanos consistia em salvar Palma da explosão que sofreu milênios atrás.

– *O que eu posso lhe dizer, criatura das trevas, é que de mim não saberás nada!* – Puxou uma caneta do bolso da camisa e cravou no próprio pescoço, danificando suas cordas vocais e se condenando à morte, salvando os planos do amigo que havia injustiçado até minutos atrás.

Nesse momento, a Força Negra reagiu com um grito grave e estrondoso, causando uma onda de choque seguida de uma explosão que destruiu quase todo o prédio principal da Universidade de Piata, completando o cenário de devastação que se estendia pela cidade.

Do lado de fora da cidade, o demônio que impedia a entrada dos magos na cidade emitiu uma enorme rajada de energia completamente negra, que foi detida pelo poder da magia “Deban” combinada dos sete magos que ainda estavam de pé. Porém, ao final desse ataque, a criatura desapareceu, levando consigo a escuridão que pairava sobre a cidade e seus arredores. Os demais demônios se foram em seguida, voltando ao estado de fumaça e seguindo direções e sentidos diversos.

Do lado de dentro da cidade restaram escombros, corpos e fumaça que compunham a nova paisagem de Piata, banhada pelos primeiros raios de sol do dia seguinte ao ataque. Os magos entraram e testemunharam a tragédia que não puderam evitar, carregando Hasgard ainda desacordado e deixando para trás os corpos dos que não sobreviveram ao combate contra o general maligno.

QUE REI SOU EU?

D.W. 341 – 28/10

— *Algol é uma estrela forjada a partir de uma guerra entre dois deuses que disputavam o controle do universo. A Escuridão está aprisionada. A Luz desapareceu, dissolvida na imensidão do espaço. Há dois milhões de anos essa batalha deu origem aos planetas que hoje são habitados por criaturas que têm como objetivo proteger o selo que aprisiona a Escuridão Profunda. O deus que nos resta.* – Refletia La Shiec sentado em seu trono, falando baixo consigo mesmo, enquanto observava o cristal na ponta do seu cetro.

O salão onde se encontrava era amplo, iluminado pelos reflexos dos pilares e das paredes, que traziam um tom azul claro e filtravam a luz do mundo exterior, clareando o lado do salão como espelhos d'água. O efeito era mágico, desenvolvido pelo próprio La Shiec, através dos seus estudos sobre magia.

Sua mente vivia ocupada com pensamentos e estudos acerca da história dos povos de Algol e seus planetas de origem.

Desde a primeira viagem interplanetária, há cerca de duzentos anos, Palma vinha se desenvolvendo tecnologicamente ainda mais, com a descoberta da lacônia no planeta Dezóris.

Em Motávia, a colônia de povoamento já estava encamiñhada, com um governador representando o governo palmano na capital Paseo. Porém, o clima desértico desse planeta impedia que a colonização tivesse um número de habitantes mais significativo, devido à escassez de água potável.

Os motavianos e dezorianos eram povos menos avançados que os palmanos. Os primeiros eram nômades em sua maioria, agrupando-se em algumas poucas tribos espalhadas pelo deserto. E desde a colonização, alguns grupos e indivíduos solitários passaram a rondar as proximidades das cidades palmanas em busca de alimento fácil nos lixos ou na esperança de receberem doações.

Os dezorianos eram religiosos ao extremo. Seu maior símbolo de adoração, a Tocha Eclipse, trazia uma chama que nunca se apagava, e que, segundo os mais antigos sacerdotes, protegia o planeta gelado de forças malignas externas, além de sua função principal e mais latente, que era a de fornecer luz às cidades durante o período de trevas, já que em Dezóris, os dias e as noites duravam, cada um, metade de um ano. A colônia nesse planeta era de exploração, com foco na extração do metal conhecido como lacônia, virtualmente indestrutível. A permanência dos palmanos era difícil devido às baixíssimas temperaturas, especialmente nos períodos de noite.

Assim, Palma ainda era o paraíso de Algol. Um planeta verde em sua maioria, repleto de oceanos e rios, que favoreciam o crescimento da população, e a qualidade de vida. Mas era justamente devido a esse crescimento populacional que o Rei Aures, antecessor de La Shiec, investia tão pesadamente

na colônia de povoamento em Motávia, dando ao governador local poderes acima dos que eram concedidos aos governadores e prefeitos em Palma. Um erro que La Shiec já considerava corrigir.

No salão, o rei usava seu manto negro, com armadura vazada em tons de dourado, formando um desenho em seu peito que lembrava a formação das costelas humanas. Seu capacete prateado continha dos chifres laterais que se curvavam apontando um para outro pouco acima da cabeça. Seus olhos vermelhos e sua pele pálida davam um ar fantasmagórico ao seu semblante. Seu cetro, do qual não se separava, possuía um desenho que lembrava um pássaro com duas asas douradas que inclinavam-se para baixo, com um cristal no meio. Suas grandes ombreiras sustentavam a capa que possuía o exterior azul e o interior vermelho.

- *Majestade*, iniciou o servo que se ajoelhou no início do tapete vermelho que levava ao trono, no centro do salão. - *Há uma mulher nos portões do castelo, pedindo permissão para falar com o senhor.* - Continuou Luser, um dos poucos que tinham acesso direto ao então rei. - *Tentei fazê-la desistir e retornar para de onde veio, mas ela insiste sob o argumento de que possui algo do seu interesse.*

- *Quantas vezes preciso lhe dizer, Luser, que as decisões são feitas por mim, e apenas por mim?* - Retrucou La Shiec, com tom ameaçador e voz metálica, levantando-se lentamente do seu trono, e caminhando devagar em direção ao servo. - *Essa mulher usa um antigo truque mágico que está inibindo sua vontade, Luser. Você sabe que não atender aos meus comandos pode represen-*

tar sua morte, mas não hesitou em vir até mim para anunciar a chegada da feiticeira. – Chegou à frente de Lusar, olhando-o de cima abaixo com olhar de desprezo, com a fronte erguida, tornando seu semblante ainda mais ameaçador – *Você está livre do encanto.* – Disse levantando a mão esquerda e emitindo uma tímida luz vermelha de sua palma. – *Vá! E traga a visitante ao meu salão.*

Lusar vestia um manto marrom que cobria todo o seu corpo, além de um capuz que impedia que vissem seu rosto, através da sombra projetada. Ao longe, assemelhava-se a um monge.

– *Obrigado, majestade.* – Levantou devagar, afastando-se do rei que o observava apenas movimentando os olhos. Saiu do salão sem dar as costas e fechou o portão, deixando La Shiec pensativo.

Nesse momento, em algum lugar do planeta Palma, um homem atordoado abria seus olhos pela primeira vez desde que havia perdido a consciência.

– *Onde estou?* – Perguntou-se Romulus enquanto esfregava os olhos, tentando se proteger da claridade. – *A-Allyia? Você está aí?*

Aos poucos o professor recobrava a memória, e já passava a verificar a paisagem e se certificar de que sua engenhoca havia, de fato, funcionado.

Não conseguiu evitar o sorriso largo ao perceber que estava sentado numa grama incomum, e que provavelmente aquilo era um campo palmano. Olhou ao seu redor e percebeu uma floresta densa que se iniciava a menos de duzentos

metros. O dia claro, com poucas nuvens e o calor e o brilho de Algol dando vida à natureza palmana. Tudo isso fez o professor esquecer por alguns segundos sua preocupação com sua colega de viagem, que não estava mais próxima a ele.

Passou a procurar Allyia, usando a mão para proteger a visão da claridade do sol enquanto girava em torno de si mesmo, observando o vasto campo em que se encontrava e a floresta mais à frente, sem pistas sobre onde ela poderia estar.

Parou por um instante, tirou de uma pequena mochila que carregava uma garrafa e tomou um gole de água. Sua boca estava seca e uma sensação de enjoo já tomava conta do seu estômago, provavelmente por efeito colateral da viagem no tempo.

Gritou o nome da amiga algumas vezes, mas não obteve resposta. Esperou algum tempo e resolveu checar melhor o perímetro em busca de algum rastro ou sinal da passagem de Allyia.

Após andar alguns quilômetros, iniciando uma volta ao redor do local onde foi materializado, Romulus finalmente percebeu a presença de alguém próximo à floresta que agora já estava bem mais distante. Gritou o nome de Allyia por impulso, usando a mão para tentar expandir o alcance da voz. Gritou mais duas vezes, mas não obteve resposta. A figura que parecia ser a sua amiga perdida continuava em pé, aparentemente parada, próxima às primeiras árvores da floresta.

Romulus acelerou o passo de volta, tentando a cada instante, usando a mão como viseira, para enxergar melhor a

pessoa que permanecia parada como se estivesse aguardando sua aproximação.

Não tardou para que fosse tomado por uma preocupação repentina. Franziu a testa e ponderou, reduzindo o ritmo dos passos num momento de hesitação. “*E se não for Allyia?*”, questionou-se, enquanto tentava em vão enxergar detalhes da aparência da pessoa que se encontrava a pelo menos um quilômetro à sua frente.

E foi nesse momento que a figura mudou de posição, e o reflexo da luz do sol fez reluzir o dourado de uma armadura, que cobria o corpo da criatura, que possuía uma aparência humanoide quando vista de frente, mas cujo corpo se estendia às suas costas terminando em mais duas pernas em sua parte traseira.

Não era uma pessoa, com certeza. Seu sangue gelou ao perceber que a criatura agora se aproximava rapidamente, correndo pelo campo. Lembrou de pronto da arma que trazia sem que Allyia soubesse, e pensou em sacá-la, mas seu medo foi maior e resolveu correr para tentar escapar do ser que já podia ser visto com mais clareza.

Nos momentos em que olhava para trás em busca de identificar o que o estava perseguindo, Romulus observou que a criatura não tinha pernas comuns. Eram patas, como as de um animal de montaria. E vinha galopando agora empunhando uma espada dourada.

Correu por mais alguns metros, quando o cansaço e o medo o fizeram tropeçar em uma pedra, no momento em que

percebia que outras figuras surgiam da floresta e também se aproximavam, correndo pelo gramado.

Colocou a mão no bolso no intuito de pegar um dos frascos que continham a substância mágica que o levaria de volta ao seu tempo, mas foi surpreendido com um chute que o fez virar e ficar deitado de frente para a criatura que já o havia alcançado.

Era meio homem, usando uma armadura detalhada e dourada, com metade do seu corpo em formato de cavalo, aparentando um palmano na parte dianteira, com dorso de animal na parte traseira do seu corpo.

– *Não me mate, por favor. Eu faço o que for preciso para ser útil, mas... Por favor, não me mate.* – Apelou o professor, sem sequer saber se a criatura era inteligente, ou se entenderia o que estava dizendo.

O monstro não emitia som algum, mas ao abrir uma fresta em seu capacete totalmente fechado, liberou um gás roxo que logo fez Romulus sentir uma tontura, além do aumento na sensação de enjoo que oscilava desde que acordou em Palma.

Começou a ver tudo turvo quando as figuras que viu se aproximarem chegaram diante dele. Eram soldados, com aparência de palmanos comuns, em armaduras brancas. Mas não era possível observar detalhes ou entender o que falavam. Eles se olhavam e voltavam as atenções ao professor caído.

– *Qual o seu nome?* – Perguntou um dos soldados que se abaixou para analisar o professor de perto.

– *Ossale.* – Respondeu Romulus, ainda lúcido o suficiente para entender que não deveria usar sua própria identidade

nesse mundo desconhecido. – *Alex Ossale*. – Terminou, desmaiando em seguida.

Enquanto isso, no castelo flutuante, La Shiec aguardava a chegada da visitante, mas uma vez sentado em seu trono, com uma certa ansiedade. “*Como a feiticeira que se anunciou conseguiu chegar ao castelo? Mas, pior que isso, como conseguiu fazer isso sem que fosse percebida por mim?*”, questionou-se o rei enquanto observava o portão à sua frente se abrir e uma figura encapuzada entrar.

– *Lusar*. Onde está a mulher que ordenei que entrasse? – Questionou La Shiec já demonstrando impaciência. – *Você está abusando da minha tolerância, rato*.

– *Lusar!?* – Respondeu a figura com um ar irônico, soltando uma risada em seguida, com uma voz feminina e extremamente sensual. – *Seu capacho foi liberado por hoje, milorde. Temos preocupações mais urgentes*. – Concluiu a mulher com um tom de gozação.

La Shiec preocupou-se. Sua testa franziu e sua mão direita apertou mais firmemente o cetro que o acompanhava onde quer que fosse.

– *Tudo bem, majestade. Não abusarei do seu tempo*. – Começou em tom de desdém. – *Vim lhe oferecer algo que ninguém mais pode oferecer. Sei dos seus anseios quanto à compreensão da origem dos planetas de Algol e do seu desejo por poder supremo e absoluto*. – Continuou a mulher cuja voz causava em La Shiec uma sensação estranha de atração. – *A Escuridão Profunda ainda vive, e eu sei como encontrá-la. Ainda é cedo para libertá-la, mas suas ações, La Shiec, serão fundamentais para o futuro do universo e*

da nossa deusa, que deseja ansiosamente retomar o que é seu por direito.

La Shiec se sentiu estranhamente familiarizado com aquela voz e passou a ouvir passivamente o que a criatura tinha a dizer.

– *Vamos abrir um portal. Você terá acesso à Escuridão Profunda e será seu eterno servo, cumprindo suas vontades em troca da vida eterna. Estou aqui para permitir e garantir que seu reinado cumpra seu destino, La Shiec.* – Exclamou a criatura, abrindo um sorriso por baixo do capuz.

O rei ergueu-se do trono e rapidamente apontou o cetro para a mulher à sua frente, exigindo que lhe revelasse o rosto:

– *Mostre-me sua face, monstro! Não vou permitir que uma bruxa invada meu castelo e leia meus pensamentos. Ninguém jamais entrou ou transitou em meu castelo sem a minha permissão ou conhecimento. Você não sairá ilesa dessa afronta!* – Concluiu enquanto seus olhos brilhavam num vermelho vivo.

– *Em nome da Escuridão Profunda, imperador La Shiec, estou aqui para auxiliá-lo em sua jornada. Sua trajetória é fundamental para os planos da Grande Deusa.* – Concluiu a figura que, ao tirar o capuz, revelou o semblante de Allyia. – *Serei sua Sombra. Inteiramente sua.*

O COMEÇO

D.W. 342 – 11/04

– *Nero!? Nero!! O que aconteceu??* – Gritava uma jovem, com lágrimas nos olhos, correndo em direção a um homem que estava deitado no chão, próximo à saída da cidade. – *O que aconteceu, Nero? Pelos deuses... não morra!* – Suplicava a garota ajoelhada diante da figura ensanguentada, que já apresentava sinais de que não sobreviveria por muito mais tempo.

Era dia claro em Camineet, com poucas nuvens, e as cidades palmanas dessa época possuíam um colorido peculiar. As casas, sempre em formato de ocas metálicas ou iglus, sempre douradas ou prateadas, davam às ruas um aspecto de vila futurística. Os canteiros sempre muito bem cuidados, com flores e grama bem tratadas, em cada esquina e nos jardins das casas. As ruas sempre simétricas davam um aspecto de design projetado, resultando numa obra de arquitetura e engenharia de chamar a atenção. O fluxo de veículos era pequeno, se comparado ao de Motávia em d.W. 3183, mas já era notável, especialmente por se tratar de uma das maiores cidades da época. Porém, havia muitas ruas em que o tráfego era pequeno ou quase nulo, como a esquina nas proximidades da passarela do aeroporto, onde o diálogo prosseguia.

- *Alis, escute...* - Iniciou Nero com muita dificuldade, em meio a tosses. Nero era magro, alto, com marcas de expressão que denotavam uma vivência prematura. As feridas, sujeira e marcas de sangue encobriam seu semblante. - *La Shiee corrompeu não apenas o governo. Seu Império vai além da dominação dos três planetas de Algol. A natureza também foi maculada. Nem os animais foram poupados da insanidade dessa magia negra. Tentei descobrir mais, mas sozinho não pude ir muito longe. Cof! Cof!* - Tossia mais forte, enquanto sua voz perdia força - *Owi dizer de um guerreiro com grande poder... Talvez juntos vocês possam salvar nosso mundo da desgraça. Cof! É muito tarde pra mim... Perdoe-me minha irmã... por não ter voltado pra casa pra cuidar de você...* - Completou, antes de dar um grande suspiro. Em seguida, olhou para o lado esquerdo, como se tivesse avistado algo que lhe prendesse a atenção. E não demorou para que seus olhos perdessem a expressão e sua respiração parasse. Seu coração descansou e sua vida finalmente findou.

A jovem Alis Landale pegou a pequena espada que repousava ao lado do seu irmão, abraçando a arma como se procurasse nela um consolo. Seu semblante mudou. Assumiu uma postura séria e firme, embora não levantasse os olhos, que permaneciam fitando o chão enquanto a última lágrima caía. Pronunciou algumas palavras que não puderam ser ouvidas. O soldado que estava parado ao lado do corpo esperou, respeitando os primeiros minutos de luto da jovem órfã que havia acabado de perder a única pessoa com quem poderia contar de verdade.

Alis olhou para o soldado sem demonstrar qualquer sentimento. Um olhar vazio e frio. As lágrimas já haviam secado, deixando apenas discretas trilhas em seu rosto, desenhando o caminho por onde passaram. Saiu devagar, virando as costas para o corpo do seu irmão, voltando para sua casa, abrindo passagem entre os curiosos que olhavam de longe a chegada de mais soldados para recolher o falecido Nero.

Dentre os guardas, um voltou a fitar Alis. Todos os militares do governo de La Shiec usavam uma armadura branca, com um capacete igualmente branco, e visor espelhado que formava um “T” na parte frontal, na região dos olhos, nariz e boca. Suas identidades eram mantidas em sigilo. Ninguém sabia quem eram aquelas pessoas. Nem de onde tinham vindo. E era essa mais uma determinação do imperador que havia sitiado a cidade de Camineet, onde a trágica cena acabava de acontecer.

O soldado que olhava Alis permaneceu imóvel por alguns segundos. Tempo suficiente para que um colega o chamasse a atenção, e ele voltasse a se concentrar na remoção do corpo. Porém, dentro da armadura, Romulus suava e sofria calado. Sabia, mais do que qualquer testemunha ali, qual era a importância daquele evento. E se surpreendeu com a capacidade de superação que levou uma jovem tão simples e humilde a se tornar a rainha que definiria o destino de Algol.

No castelo flutuante, em Baya Malay, a nordeste de Camineet, La Shiec assistia à movimentação na cidade através de um prisma mágico, que possibilitava a sua onipresença em Palma. Sentado em seu trono, observava com atenção a garota

que já sabia que enfrentaria mais tarde, mesmo não acreditando que uma jovem palmana fosse, de fato, capaz de alcançar o castelo. Em seu entendimento, seria impossível sobreviver aos soldados e criaturas demoníacas que se espalhavam pelas florestas e campos por todo o planeta.

Fechou os olhos e esperou que a inspiração viesse, para definir seus próximos passos. Já não fechava mais os olhos sem que viesse à sua mente a imagem viva do rosto da Força Negra, agora regente de sua vida. Havia entregado sua alma e se tornado escravo incondicional. Era imperador, superando o título de rei que carregava até a chegada da Sombra em seu castelo. Mas, em seu coração, estava cada vez mais dependente e limitado em suas decisões. Questionava-se se havia decidido seguir o caminho correto. Se a vida eterna prometida pela Escuridão Profunda traria a satisfação esperada. Se poderia ainda acreditar em felicidade, qualquer que fosse o significado dessa palavra.

– *Seus pensamentos ecoam em minha mente, querido.* – Iniciou a Sombra, materializando-se por trás do imperador, saindo de um canto escuro por trás do seu trono, envolvendo seu corpo como uma serpente que imobiliza sua presa. Sua presença causava uma sensação desesperada de desejo em La Shieec, que travava uma batalha mental para evitar os pensamentos de natureza sexual, que invadiam sua mente e eram refletidos em seu corpo. – *Gostaria de conversar, querido?* – Perguntou a Sombra em tom de ironia, materializando uma mão escura em meio à aparência de fumaça escura e espessa, deslizando seus

dedos pela armadura do imperador, do seu peito até a virilha, fazendo movimentos curvilíneos.

- *Alis Landale deu o primeiro indício de que iniciará sua jornada contra mim, minha Sombra.* - Respondeu La Shiec, enrijecendo o tronco e inclinando sutilmente o pescoço para trás, como se estivesse buscando se esquivar da criatura que dominava seu corpo e mente com uma sedução infalível. - *Embora eu não veja nessa garota qualquer risco ao meu Império, não deixo de me preocupar ao ver que suas palavras estão se materializando.* - Terminou em tom de receio.

- *É chegada a hora da minha partida, meu amor.* - Afirmou a Sombra, afastando-se rapidamente do corpo de La Shiec, e assumindo a aparência de Allyia, desfazendo o aspecto de fumaça escura. Usando um pequeno trapo, cobrindo parte do seu busto e deixando seu sexo exposto, ela fazia um movimento lento e provocante com o corpo, como se estivesse iniciando uma dança sensual muito lentamente. - *Tenho uma missão muito importante a cumprir, e não mais tenho receio de deixá-lo, pois a Força Negra está com você.* - Continuou em tom provocativo e de deboche, ainda se movimentando sedutoramente, e deixando cair parte do trapo que vestia, revelando o seio direito. - *Receptionarei visitantes de longe, que darão continuidade ao seu trabalho.*

La Shiec se sentia dopado por tanto desejo vindo daquele aroma que a mulher exalava. De seu sexo, podia ver ainda uma pequena porção da fumaça que antes compunha o corpo da Sombra, agora completamente materializada. A lenta aproximação o transtornava por fazer com que o desejo fosse

ainda maior, enquanto ela dançava suavemente em torno do próprio corpo e fitava-o firmemente. Sua barriga delineada e sua cintura fina se destacavam quando se esticava de forma provocante, salientando suas curvas e encantos.

Porém, antes que a aproximação permitisse que La Shiec pudesse tocá-la, Alliya assumiu rapidamente a forma espectral envolta à fumaça escura de antes e disparou em vôo vertical quase instantaneamente, causando espanto no imperador, que assistia atônito ao espetáculo mágico. A criatura atravessou rapidamente o teto em sua forma de fumaça, sem causar danos, e deixou o imperador sozinho, em silêncio, com uma sensação crescente de vazio.

Voltou então a encostar-se em seu trono, levando a mão à cabeça, apoiando sua testa e fechando os olhos, inclinando o corpo para a direita, como se procurasse uma posição confortável que o descansasse, mergulhando em novas reflexões.

Em Motávia, Hasgard dividia com Lutz o mesmo corpo, ainda sem entender a natureza do fenômeno ou a razão pela qual aquilo aconteceu. Ao se concentrar, podia rever a figura do professor Romulus Saunders, perdido nas proximidades da floresta de Eppi, ao sul de Camineet, em Palma, sendo perseguido por soldados de La Shiec. Era estranho estar no passado, mas sua maior preocupação era voltada ao fato de estar mentalmente conectado àquela figura que nunca havia visto antes.

Lutz não se comunicava mais. Para Hasgard, sobrava tempo para meditar sobre o que estava acontecendo e sobre como poderia, ao final de tudo, voltar ao seu corpo original e ao seu

presente. Conseguia ver de modo turvo o que Lutz via, mas não era capaz de realizar qualquer ação física, servindo apenas de espectador. Por isso se perguntava constantemente qual a razão pela qual havia sido levado àquela época, uma vez que não poderia mudar o curso do passado.

De repente, sentiu uma presença maligna muito forte atravessando o céu de Motávia, numa incrível velocidade, deixando Lutz atordoado e tonto.

- Conheço a assinatura energética da Força Negra, Lutz. Essa não é uma manifestação comum. Parece ser algo novo. Talvez algo que nem seja deste tempo. Assim como eu, pode haver outras pessoas ou entidades de minha época tentando alterar o passado e apagar o meu presente. Eu preciso que me permita agir. – Afirmou Hasgard mentalmente, enquanto Lutz se recuperava da tontura provocada pela rápida passagem da criatura maligna pelo planeta.

Lutz se apoiou numa das paredes de pedra que o cercava. Estavam na caverna onde havia sido seu primeiro contato. Ao seu redor, apenas alguns bancos de pedra improvisados e o cajado no meio da sala igualmente improvisada, iluminando o ambiente e mantendo a temperatura agradável, com sua luz azulada. *- Sou responsável por você enquanto estiver em minha mente, Hasgard. Não o deixarei realizar qualquer ação usando meu corpo enquanto não tiver certeza de que posso fazê-lo com segurança. Você já me provou ser mesmo um sucessor do futuro, mas não posso arriscar o curso da história sem antes ponderar. Por favor, não insista.* – Concluiu enquanto sentava em um dos bancos, suando muito.

Lutz era branco, com aparência andrógina, cabelos azuis bem lisos, compridos, no meio das costas, usando um manto azul escuro, e uma capa branca, com um capuz que sempre cobria parte do seu rosto, escondendo uma tiara dourada que cruzava sua testa horizontalmente. Seus olhos eram azul-claros, e seu semblante era o de uma pessoa de bem, emitindo uma doçura rara até entre as mais meigas mulheres.

Já sentado, fechou seus olhos e realizou uma magia de defesa, criando um campo de força esbranquiçado ao redor do seu corpo.

“Deban”, disse Hasgard quando percebeu a execução. – *Nós utilizamos muito frequentemente nos últimos dias.* – Concluiu reflexivo.

– *O nome é “Deban”?* – Perguntou Lutz com um suave sorriso no rosto. – *Nunca havia pensado em um nome para essa magia. Mas se será chamada assim no futuro, que seja. Hasgard... você acaba de batizar a primeira técnica mágica criada por mim. Ainda não é eficiente o bastante para ser usada em situações de estresse, mas já é um começo.* – Terminou abrindo um sorriso um pouco menos discreto.

No espaço, a Sombra se dirigiu velozmente aos limites do sistema solar, onde encontrou uma grande nave espacial que se aproximava dos planetas de Algol.

Penetrou facilmente em sua estrutura, e em poucos minutos estava deslizando entre sombras e cantos escuros, sempre em forma espectral e esfumaçada, invadindo corredores e salas, sem ser percebida por seus ocupantes.

Internamente, a nave possuía corredores largos e de grande extensão, com pessoas transitando para todos os lados. A luminosidade do local era relativamente ampla, dificultando um pouco as trajetórias da Sombra, que precisava se ocultar em cantos escuros. A aparência dos passageiros e tripulantes era muito semelhante à dos palmanos, mas seus cabelos não sofriam as mesmas variações de cores. Os passageiros usavam roupas civis comuns, também semelhantes às usadas pelos palmanos, porém menos padronizadas. Os tripulantes utilizavam roupa militar marrom, com medalhas no peito e detalhes dourados nos ombros.

A criatura deslizou pelos cantos onde havia alguma intensidade de sombra, passando despercebida por vários corredores, todos com a mesma aparência e grande fluxo de pessoas, até alcançar uma sala que se assemelhava a uma biblioteca, penetrando o ambiente.

Lá dentro, buscou os pontos mais escuros da sala e se infiltrou na fileira de um computador, entre os muitos disponibilizados em fileiras para uso dos passageiros. Esses computadores possuíam uma aparência semelhante a notebooks, com cantos mais arredondados, teclas com contornos luminosos e sem alto relevo. As cadeiras em frente aos computadores também eram brancas, com detalhes sempre curvos, e bastante acolchoadas.

Infiltrando-se nas bases de dados da rede de computadores, rapidamente identificou a origem daquela nave. Um planeta pertencente a um sistema distante de uma estrela chamada Sol. Os habitantes da Terra estavam saindo de seu mundo na-

tal para procurar um lugar habitável no universo em que poderiam salvar sua espécie. Marionetes perfeitas para a Sombra, que a auxiliariam cegamente na execução de um plano que escravizaria toda a vida em Algol. Ela seria o “cérebro-mãe” daquele povo desesperado, e usaria sua inteligência para satisfazer a vontade da Escuridão. O futuro estava agora em suas mãos.

Em Palma, Romulus pensava em alternativas para atrasar Alis Landale. Seu objetivo inicial era evitar que La Shiec abrisse o portal dimensional que libertou as criaturas que aterrorizam Algol desde essa época até o seu presente. Compreendeu, porém, que o poder do império o impossibilitaria de penetrar as defesas do castelo flutuante, além de saber que não possuía poder o bastante para enfrentar o imperador. Com isso, optou por auxiliar a jovem Landale sem ser percebido, facilitando inclusive sua própria compreensão sobre a história, observando tudo de perto. Assim, poderia voltar em uma segunda viagem no tempo, após encontrar Allyia, e refazer o passado de forma mais segura, sendo enfim conhecedor dos fatos que resultaram na série de catástrofes que seus estudos relacionaram.

Desde que se tornou soldado de La Shiec, numa tentativa desesperada de salvar sua própria vida, Romulus trabalhou no intuito de identificar falhas de segurança, conhecer os pontos fortes e fracos do império, e ainda entender a trajetória de Alis Landale e seus aliados, de modo a montar um verdadeiro mapa de eventos que o permitiria traçar um roteiro de mudanças para alteração do passado.

Com esses pensamentos em mente, foi até uma casa próxima à passarela do espaçoporto, para tentar retardar Alis Landale até que a segurança de La Shiec fosse minada internamente, facilitando a jornada histórica da jovem.

Ao bater na porta do jovem Nekise, Romulus se apresentou como soldado de La Shiec, pedindo permissão para entrar.

Nekise era um rapaz loiro, jovem e de semblante sempre alegre. Ao avistar Romulus, usando a armadura de soldado imperial, ficou assustado, mas não perdeu tempo, convidando o militar pra dentro de sua residência, ensaiando um sorriso sem graça e gesticulando mais do que o necessário, demonstrando inconscientemente uma inquietação acima do normal. Reação normal, em tempos em que La Shiec cobrava impostos abusivos e ordenava represálias por atrasos ou qualquer outro motivo banal.

Internamente, as casas em Palma se assemelhavam às terrestres, com cômodos separados por paredes, com uma sala de estar no centro, servindo de acesso aos quartos, cozinha e banheiros. As paredes eram feitas por uma liga metálica que absorvia apenas uma quantia moderada de calor, protegendo os moradores das variações de temperatura.

- *Sente-se*, disse Nekise ao soldado, em um tom meio nervoso, mas tentando esboçar um sorriso. - *Posso fazer algo pelo senhor?* - Sentou numa poltrona, cedendo o sofá para o visitante.

- *Pode*, respondeu Romulus, sentando lentamente e tirando o capacete, revelando então seu rosto. - *Sou amigo do guerreiro Nero. E preciso que me ajude.*

A ARCA DE NOÉ

D.C. 2561

– *Como chegamos a isso?* – Perguntou o jovem sentado ao pé de uma árvore de folhas escuras, espessas e abundantes, enquanto acariciava os cabelos de sua namorada, encostada no seu peito, encaixada entre suas pernas, olhando para o infinito. – *O planeta pediu socorro por tantos séculos, como conta nossa história... e agora o início do fim se apresenta. Finalmente vamos buscar refúgio em outra galáxia.* – Completou reflexivo, enquanto levantava o rosto da garota devagar, a fim de beijar sua testa carinhosamente.

Era um jovem alto, de olhos azuis e beleza indiscutível. Seus cabelos pretos e sua pele clara contrastavam com os olhos, causando admiração entre as mulheres e ciúmes à namorada, que não se acostumava com o assédio que o rapaz comumente experimentava. O sorriso estampado no rosto durante quase todo o tempo não contribuía positivamente para o fim desse eterno impasse.

– *Sua missão nos dirá as chances da humanidade de começar um novo futuro, aprendendo com os erros do passado.* – Respondeu a jovem, de pele morena e cabelos escuros e encaracolados, que se inclinava devagar para o lado direito, de modo a conseguir

encarar o rapaz que parecia inseguro sobre seu destino. Seus olhos amendoados com cor de mel intensificavam suas expressões, tornando suas palavras mais convincentes. – *A importância do seu trabalho está clara, meu amor. E tenha certeza de que todos os envolvidos no projeto pensam exatamente a mesma coisa. Nosso salvador!* – Brincou enquanto levava o braço esquerdo ao rosto do rapaz, buscando os cabelos do namorado com os dedos.

Era essa a lembrança mais viva dos últimos momentos do comandante Lucius em solo terrestre. Havia partido há dois dias, e ainda não conseguia desvincular o pensamento de Jessica por um minuto sequer, relembando as palavras, o carinho e a confiança que ela depositava nele e na missão que ele agora liderava.

Estava rumando a um sistema solar distante, cujos estudos astronômicos indicaram a existência de pelo menos dois planetas que poderiam abrigar a vida humana. E essa seria a oportunidade perfeita para colonizar um mundo em que os recursos naturais dariam perfeitas condições de a humanidade não apenas sobreviver, mas aprender a preservar, evitando uma nova tragédia como a que o planeta Terra agora enfrentava.

Sua nave, conhecida como a Arca de Noé, abrigava um número elevado de tripulantes e passageiros, incluindo não apenas humanos, mas espécimes dos mais variados animais e vegetais, de modo a aproximar ainda mais a missão espacial do conto bíblico de Noé. E talvez por isso a responsabilidade

caía tão fortemente sobre os ombros de Lucius, que repousava sobre a cadeira de comandante, em seu escritório fechado.

O ambiente lembrava escritórios comuns, com paredes repletas de quadros de paisagens e pessoas, e uma mesa com computador, suporte para canetas, um porta-retratos no canto esquerdo, e alguns papéis, com anotações diversas, além de alguns documentos que ainda precisariam ser assinados.

Sua jornada estava apenas começando, mas já imaginava seu retorno e o seu reencontro com a mulher que não saía dos seus pensamentos.

Abriu a gaveta lentamente, pegando uma caixinha preta e aveludada, que guardava o anel de noivado com o qual presentearia Jessica em seu retorno. A aliança era lisa por fora, com os nomes dos noivos gravados na parte interior. O nome dele gravado na aliança dela, e vice-versa. Lucius acreditava que era suficientemente criativo para agradar e, talvez, surpreender a amada.

- *Saudades de você, meu amor.* - Sussurrou Lucius, num gesto de carinho, fitando a foto da amada, repetindo a cena incontáveis vezes, desde aquele dia até o momento em que adentraram na área equivalente aos limites do sistema solar recém descoberto, onde certamente encontrariam a salvação de sua espécie.

Na ponte de comando, os pilotos e co-pilotos mostravam entusiasmados os astros que pairavam em frente ao visor, que tinha aproximadamente dez metros de comprimento contra três de altura, permitindo aos tripulantes uma vista abrangente do imenso vazio lá fora.

Todos usavam uniformes militares, com medalhas do lado esquerdo do peito e característica boina semelhante à usada pelo exército. E dos lados direito e esquerdo do grande visor, ficavam bancadas de controle, em que alguns tripulantes permaneciam sentados, operando uma infinidade de equipamentos e computadores.

Haviam chegado ao sistema solar de destino. Era hora de iniciar a segunda parte da missão, que consistia em realizar um reconhecimento da região, e preparativos para a aproximação do planeta azul, que dos três que cercavam a estrela, era o que melhor atendia às condições climáticas desejadas.

Com uma sensação de alívio e de conquista, Lucius se alegrou com os aplausos da tripulação e, posteriormente, com as ovações dos passageiros civis que tomaram conhecimento da chegada tão logo a notícia foi dada pelo próprio comandante, através do sistema de som da nave. Noé finalmente cumpriria sua tarefa de explorar e confirmar a possibilidade de povoar aquele mundo distante.

De volta a seu escritório, Lucius sentou em sua poltrona, como de costume, e pegou a fotografia de sua amada, com um amplo sorriso no rosto e uma sensação agradável de vitória. Logo em seguida, porém, sentiu uma grande tontura e deixou a foto cair no chão, deitando a cabeça para trás como se tentasse expulsar o mal estar repentino que não saberia explicar.

Pensou em pedir socorro, chamar alguém, mas não seria capaz de falar ou se movimentar. Agarrou os braços da poltrona e se esticou, buscando encontrar alguma posição, sem conseguir realizar maiores movimentos. Seus olhos já cerrados

lacrimavam de dor, e sua cabeça parecia estar prestes a explodir. Sua agonia aumentou e gerou um grande enjôo que se somou aos sintomas que surgiram subitamente. Por fim, a dor atingiu o limite da sua tolerância, e o comandante finalmente perdeu os sentidos, escorregando da cadeira e caindo parcialmente embaixo de sua própria mesa, ficando apoiado no assento da poltrona apenas pelo braço direito, onde repousara a cabeça, já sem consciência.

Acordou depois de um tempo com os ouvidos doloridos, olhos inchados e com uma certa tontura e enjôo, mas se sentindo bem melhor do que antes do desmaio, podendo agora se movimentar e se recompor.

Aguardou alguns instantes, após lavar o rosto, ainda olhando o espelho da suíte, enquanto tentava imaginar o que havia provocado aquele conjunto de sensações que o haviam atingido de forma tão abrupta. Olhando a pia branca e oval abaixo do espelho, constatou pequenas gotas de sangue que caíram de suas narinas. E foi nesse momento que se deu conta de que poderia não ser algo relacionado à sua saúde, mas algo que teria atingido a nave Noé.

Correu para a ponte de comando, atravessando alguns corredores brancos e padronizados, passando por diversas pessoas que pareciam estar, todas, se recuperando de um grande mal estar. Alguns ainda desacordados obstruíam o caminho para a ponte, e outros auxiliavam os mais afetados, enquanto a maioria pedia por ajuda ou por alguma explicação do comandante que passava com grande pressa.

Chegando ao seu destino, encontrou a mesma calamidade. Alguns tripulantes já recuperados faziam leituras e cálculos para tentar determinar a origem do fenômeno que atingiu Noé. A resposta veio depois de alguns minutos de tensão.

– Comandante. *Os cálculos iniciais indicam que sofremos um choque com um campo eletromagnético de proporções e intensidade impressionantes.* – Iniciou um tripulante que se virou em sua cadeira para relatar as impressões iniciais. – *Porém, nossos sistemas teriam detectado essa anomalia, e não houve nenhum registro de leituras anormais anteriores ao impacto. Ainda estamos calculando as extensões de possíveis danos físicos na nave, mas a princípio parece ter havido apenas uma sobrecarga em alguns sistemas. O isolamento térmico, elétrico e magnético parece ter evitado o pior.* – Deduziu o operador, franzindo a testa como se tentasse entender ou estabelecer alguma teoria acerca do que aconteceu.

E as horas seguintes foram dedicadas a identificar quaisquer evidências que ajudassem a tripulação a entender o que atingiu Noé e verificar as condições de darem prosseguimento ao programado desde antes de sua partida da Terra. Porém, com o restabelecimento dos sistemas de comunicação, a constatação preocupou ainda mais o comandante: o contato com seu planeta natal havia sido interrompido. Não havia resposta da Terra, mesmo após cuidadosas verificações sobre o correto funcionamento dos equipamentos. Os sinais eram enviados, mas pareciam não alcançar o destino por alguma razão alheia aos seus conhecimentos. Estavam na escuridão.

Dias se passaram e Lucius não conseguia decidir que rumo dar à sua missão. Regressar à Terra após chegarem ao destino

programado, sem terem completado as tarefas de exploração, certamente significaria o fim de sua carreira. Ao mesmo tempo, a segurança de todas aquelas pessoas estava em suas mãos, e a lembrança dos abraços e beijos de Jessica já lhe atormentavam em vez de consolá-lo.

Sentado mais uma vez em seu escritório, refletia sobre o assunto, com a cabeça baixa, apoiada pelas duas mãos espalmadas, esticando sua face, como se tentasse forçar o raciocínio a fim de resolver seus dilemas. E sua concentração em tantas questões não lhe permitiu verificar que uma estranha fumaça escura adentrava seu escritório, passando pelo sistema de ar, deslizando entre os cantos mais escuros do recinto.

A meia luz mantida pelo comandante facilitou a criatura que se materializou como uma figura feminina, de curvas perfeitas, apesar da aparência demoníaca. Seus olhos vermelhos brilhantes se destacavam na pele cinzenta, escura e aveludada, com uma estrutura óssea nos ombros que lembravam chifres e tentáculos repousados por trás da cabeça, com suas raízes onde seriam cabelos.

Em suas mãos havia uma pequena caixa escura, com uma tranca dourada na parte da frente, com o desenho de um rosto de demônio, com dentes afiados e grandes olhos.

Sorriu por alguns instantes, contemplando a caixa, sem ser percebida pelo comandante que permanecia com a cabeça baixa, mergulhado em pensamentos, de costas para a Sombra, que exibia sua verdadeira forma antes de, gradativamente, vol-

tar a assumir a aparência de Allyia, que ostentava enquanto permaneceu no castelo de La Shiec.

Respirou fundo, já com a aparência da jovem possuída, completamente nua, enquanto exalava uma substância gasosa que denunciaria sua presença, erguendo a cabeça suavemente para trás, como se sentisse e aproveitasse o odor de seu próprio veneno.

Em minutos, Lucius estava tomado pelo desejo característico dos que encontravam com a Sombra. Seu rosto começou a suar, e seus batimentos cardíacos aceleraram. Sua excitação já era evidente e seus pensamentos se voltaram à sua amada por alguns instantes, perdendo-se em seguida entre desejos que já não direcionavam seu pensamento a ninguém, mas apenas à satisfação imediata, levando-o a buscar através do tato algum prazer sexual.

Foi interrompido pela sedução da criatura que iniciou seu jogo de provocações, atuando diretamente na mente do comandante, que tinha seus sentidos e pensamentos turvos, acreditando estar em um ato sexual com uma mulher linda, feita de sonhos, numa realidade que ele mesmo não entendia, mas não tinha condições psicológicas de questionar.

Lucius caiu em sono profundo durante o processo hipnótico da Sombra, e só então se iniciou o diálogo que definiria o futuro da nave que acabara de chegar ao sistema solar Algol.

– Meu amor. Serei sua Sombra. Serei sua. Serei sua respiração e seu desejo. Seu prazer e sua conquista. Sua vitória e o desfrute. Serei seu coração e sua mente. Serei seu cérebro. Sua mãe. E seus engenheiros desenvolverão um sistema que lhe dará o controle de tudo o

que é vivo em Palma e Motávia. Um sistema vivo. Minha consciência, à frente do desenvolvimento das condições climáticas e de ecossistemas. A vida e a sobrevivência da humanidade está em suas mãos. – Discursava a Sombra, exibindo a forma de Allyia, agora emitindo uma luz opaca, movimentando os braços lentamente, imitando o balançar das ondas, e aparentando não ter apenas dois, e sim quatro braços, revezando posições. Seus cabelos flutuavam como se estivesse mergulhada em água, e de seu ventre era possível avistar o espectro dos três planetas que giravam em volta da estrela Algol. – *Sua caixinha será nosso segredo. Guarde nossa criança, que um dia crescerá e os protegerá de qualquer mal. Ainda é um bebê, mas será poderoso o bastante para salvá-los. Só não o revele para ninguém. Trate-o e considere-o como se tivesse vindo com você de seu miserável mundo. Será o presente do seu planeta natal para os nativos de Algol, que farão o possível para os destruir. Conte comigo, meu amor. Siga-me cegamente, e sua salvação está garantida.* – Concluiu o monstro, assumindo novamente o aspecto esfumado, parcialmente materializado em forma feminina, saindo do escritório pela entrada de ar, deixando o comandante desacordado, caído no chão, segurando a caixa que posteriormente foi batizada de “Caixa de Pandora”.

GENERAL PHALLUS

D.W. 344 – 10/11

O dia já terminava quando a entidade conhecida como Força Negra se materializou no deserto ao sul da cidade de Casba, em Motávia. Desde sua derrota pelas mãos da jovem Alis Landale, que também havia destronado o imperador La Shiec, a criatura perambulava pelo planeta sob a forma de uma sutil fumaça escura, presenciada apenas por animais e alguns motavianos nativos, que devido a sua percepção limitada, se restringiam a olhar sob espanto aquela manifestação misteriosa.

Fraco demais para ostentar sua forma original, assumiu a aparência semelhante à de uma criança palmana, com a diferença de possuir a pele cinzenta e ser rodeado por uma fumaça escura, que não permitia que sua aparência fosse completamente revelada, limitando a visão a um vulto escuro em meio a uma névoa igualmente escura.

Deitou-se no chão, encostando a cabeça numa pedra pequena e arredondada, debaixo de uma grande pedra, que pela sua inclinação para cima formava uma sombra que o protegia da luz do sol, que cobria todo o deserto de areia amarelada.

Quase sem forças, a criatura, na forma de um menino, permaneceu deitada por horas, enquanto respirava ainda com certa dificuldade, relembando a derrota pelas mãos de uma garota, um mago, um guerreiro e um gato almiscarado, alimentando ainda mais o ódio que já nutria pelas criaturas vivas de Algol.

Nesse momento, a Sombra saiu lentamente de um canto escuro, por baixo da rocha sob a qual a criatura se abrigava, tentando recuperar, sem sucesso, suas forças.

Materializou-se lentamente em frente à criatura que permaneceu imóvel no chão, apenas fitando a manifestação, sem expressar qualquer reação. – *Desistiu de viver, colega?* – Perguntou a Sombra, com a sua sensualidade costumeira e olhar de desdém, materializada em sua forma original, com seus olhos vermelhos brilhantes fitando a criatura moribunda.

– *Falz. Eu sou Falz.* – Respondeu o monstro, ainda sem esboçar reação, fitando a Sombra sem hesitação. – *Eu não respondo a você, demônio. Vá... e me deixe morrer.* – Completou, olhando para seu lado esquerdo, como se quisesse ignorar a presença da criatura feminina que o incomodava.

– *Seu nome não me importa, colega. La Shiec foi seu capacho e ele que o considere um deus. Tenho tanta importância para a Escuridão Profunda quanto você. Somos iguais. E vim aqui para lhe oferecer ajuda.* – Disparou enquanto seu olhar parecia querer desmentir suas afirmações. – *Vim de muito longe no tempo para garantir que as coisas aconteçam.* – Concluiu, com um olhar vago para seu lado direito, pensativa.

– *Aquele cientista. O tal Romulus. Você sabe que ele está aqui, vindo do seu futuro, pra mudar o passado. Eu deveria ter vencido a garota. A presença do forasteiro certamente influenciou os acontecimentos, mudando a porcaria do seu futuro.* – Retrucou Falz, demonstrando agora impaciência, com olhar fixo e agressivo. – *Sua missão parece estar muito mais próxima de beneficiar a Grande Luz do que a nossa deusa injustiçada.*

– *Calese!* – Gritou, enquanto sua aparência mudava lentamente para a figura de Allyia, agora vestida com uma armadura negra, feita de escamas, cobrindo todo o corpo. – *Acredita mesmo que sabe alguma coisa sobre os planos de nossa grande mãe? Sou eu a responsável por fazer sua vontade prevalecer. Sempre fui eu! Você e sua corja de monstros não passam de soldados. Estou aqui não para mudar o passado, mas para fazê-lo acontecer! Não é possível alterar o passado. Nunca foi! A presença de Romulus, ao contrário do que sua mente limitada acredita, possibilitou que as coisas acontecessem exatamente como tinham que acontecer. Conheça seu lugar!* – Terminou exaltada, quase gritando, apontando o dedo indicador para Falz, que permanecia deitado.

Nesse momento, a criatura conhecida em vários momentos do tempo como Força Negra levantou do chão, ainda sob a forma de um menino, e se aproximou lentamente da Sombra, sem dizer uma palavra.

A Sombra o olhava atentamente, agora em silêncio, porém, sem a sensualidade que exaltava comumente em cada movimento e palavra. Estava aborrecida, e isso era visível em seus olhos, que acompanhavam atentamente o garoto que se aproximava.

Falz chegou à frente da Sombra e tocou seu braço suavemente. Ela não reagiu, ainda demonstrando certa raiva no olhar, permanecendo imóvel. Enquanto isso, a mão do menino deslizava pelo seu braço, como se fizesse carinho por cima da armadura espessa.

Suas mãos começaram, pouco a pouco, a explorar o corpo da Sombra, que ainda na forma de Allyia, continuava a observar silenciosa. O menino tocou seu rosto, seus lábios, e passou os dedos pela armadura, desenhando o contorno dos seus seios, acompanhando as carícias com os olhos, como se admirasse aquela beleza feminina.

Suavemente se afastou e voltou a fitar a Sombra, que ainda o olhava. – *Sou uma marionete para a deusa. Não sou mais do que um soldado descartado, mesmo tendo sido sempre o melhor. Enfrentei Le Roof e quase conquistei Rykros no passado. E agora serei substituído por uma mulher vinda do futuro. O que isso significa, afinal?* – Completou questionando sua própria existência, com um olhar de decepção.

– *Sua jornada não terminou, Falz.* – Afirmou a Sombra, ainda demonstrando frieza. – *Nossa mãe tem planos para você. Para ela não existe tempo. Ela conhece nossos caminhos. E, acredite, ela sabe seu valor.* – Terminou, se afastando delicadamente, exalando uma fumaça escura que se instalou entre os dois. Dessa fumaça, aos poucos, formas turvas foram ganhando contornos sólidos.

As imagens revelaram Romulus iniciando sua viagem com Allyia, deitados na máquina do tempo, enquanto a Sombra garantia o sucesso da operação, que teria resultado na morte

de ambos sem a sua intervenção. Em seguida, as imagens mostraram Allyia e a Sombra sendo mescladas numa única criatura, revelando a possessão realizada durante a viagem para o passado.

Depois disso, a fumaça deu forma a Romulus, sendo recrutado como soldado de La Shiec, assumindo a identidade de Alex Ossale, tentando sabotar os sistemas de segurança do império e facilitando a aproximação de Alis Landale. Dentre as ações de Romulus, na figura de Ossale, estavam a entrega de um cristal mágico para Damor, antigo conselheiro do rei; o roubo de um pote de lacônia da prataria real; e uma conversa com um jovem chamado Nekise, morador de Camineet, cidade onde vivia a futura rainha.

- Isso só prova que tenho razão. O forasteiro está mudando seu passado. – Retrucou Falz, mantendo a forma infantil, mas expressando a maturidade contrastante de uma criatura mais antiga que qualquer mortal.

- Onde está vendo isso? – Perguntou a Sombra com um suave sorriso no rosto, reduzindo um pouco a tensão entre os dois. *- Tudo isso já estava escrito. Alis Landale recebeu um pote de lacônia das mãos do moleque de Camineet. A ideia do cientista era retardar a jornada da jovem, para que ele pudesse “limpar o caminho”, facilitando sua chegada ao imperador. E ele fez isso porque sabia que algo estava errado com o sumiço da sua querida amiga.* – Nesse momento, ela apontou para o próprio corpo, como se estivesse se gabando de sua aparência. *- Ele precisava garantir que as coisas acontecessem. E isso era ainda mais urgente do que encontrar Allyia. Porém, agora eu sou Allyia, e ele, fazendo o meu*

trabalho, me deu tempo para recrutar soldados para a próxima guerra. – Continuou até ser interrompida por Falz.

– *Soldados?* – Soltou num ar de espanto, fitando-a com curiosidade. – *Do que você está falando? Quem são esses recrutas?*

– *Uma nave de outra galáxia chegou aos domínios de Algol. Pessoas que buscam um novo lar para sua espécie. Estou me encarregando de tornar essa visita mais duradoura e favorável à nossa missão. E você, meu bem, será o responsável por esse exército. Vamos trabalhar juntos. Eu como mentora e líder de uma missão de invasão. Você... será o general que manterá o punho de ferro sobre a cabeça de cada um deles.* – Concluiu, levantando uma de suas sobranceiras. – *O que me diz?* – Perguntou, demonstrando achar graça na reação do monstro.

– *E La Shiec? A missão era manter o homem no poder de Algol, garantindo o crescimento da fenda que libertaria a Escuridão. Ele está morto e a fenda enfraqueceu. Levará mil anos até atingir seu novo ápice.* – Ponderou Falz enquanto olhava para o chão, buscando entender o quebra-cabeça.

– *O papel de Reipard vai muito além dessa época, Falz.* – Iniciou a Sombra. – *Ele surgiu como uma espécie de messias. Sua derrota lhe renderá muito sofrimento. Mas isso não o derrotará por completo. Ele há de viver como um zumbi, em seu castelo flutuante agora perdido no espaço, em meio a assombrações e horrores que o atormentarão por dias escuros. Anos passarão e ele recuperará suas forças. Não como homem, mas como uma criatura além dos poderes de muitos de nós. Mas ainda assim, será derrotado mais uma vez. Porém, seu espírito estará poderoso o suficiente para renascer entre os vivos. Disfarçado e crescendo entre seus inimigos, tomando-se uma*

nova criatura, ainda mais poderosa, e que terá a inteligência e a sabedoria para nos salvar, ou nos vingar. – Concluiu a Sombra, passando a mão em sua barriga, que agora parecia subitamente projetada, como se estivesse em estágio avançado de gravidez. – La Shiec agora é meu filho, Falz. Com poderes de um verdadeiro descendente da ordem de mágicos criada por Lutz. Ele é quem irá definir o resultado dessa sucessão de guerras que atravessa os milênios.

– Entendo. Porém, estou fraco e não sobreviveria a combates diretos. Talvez não tenha mais utilidade para a Escuridão. – Completou Falz, com ar de descrença, baixando a cabeça mais uma vez, quase distraído.

– É aí que você está enganado. – Retrucou a Sombra, agora num tom mais doce, tocando o rosto de Falz, que retomava a forma de Força Negra. – Seu papel é maior do que suas ambições. Você será general dos terráqueos que estão chegando ao nosso mundo. Mas isso é apenas o começo. Deixei com os alienígenas um soldado de sua espécie, ainda em fase de crescimento. Um Prophallus que, quando adulto, se encarregará de enfrentar os novos guerreiros da Grande Luz, no momento certo. E, enquanto isso, seu papel será o de liderar os soldados que arrasarão Palma no momento de sua destruição. A partir daí, você será conhecido pelos demais da sua espécie como General Phallus. O guerreiro que sobreviveu a Alis Landale, e que responderá diretamente a mim.

PALAVRAS E SILÊNCIOS

D.W. 3183 – 18/07

O dia clareava os destroços de Piata, revelando detalhes da chacina que arruinou a cidade e praticamente não deixou sobreviventes. O som dos mosquitos sobrevoando os corpos mutilados no caminho até a Universidade, somado ao som das aves que já começavam a rondar as rochas em busca de carne morta, formavam um cenário de terror, resultante de um clima de morte e derrota completa.

Os Éspers sobreviventes, ainda abalados com o que presenciavam, e com o fato de seu líder estar desacordado desde seu encontro com a Força Negra, marchavam silenciosamente, em luto, buscando um norte para sua missão, que rumava ao fracasso completo.

Marius, instintivamente assumindo a frente do grupo, se aproximou lentamente de Orakio Rob, enquanto caminhavam entre corpos e rochas entulhadas.

- Temo não ser a pessoa adequada para assumir a missão, mestre Orakio. Há algo que nunca revelei e que pode ser a chave para tudo o que está acontecendo. Sei que deveria ter procurado ajuda antes, mas não fui capaz de superar a presença da criatura que me dominava. - Explanou enquanto Orakio acompanhava o cole-

ga, em silêncio, com os braços cruzados às suas costas, olhando para frente, com seu corpo ligeiramente curvado, em decorrência da idade avançada. – *Fui conduzido pela vontade da Sombra, mestre. Ela me manteve sob sua influência por mais tempo do que gostaria de admitir. Estou envergonhado e me sinto incapaz de comandar esses magos. Por favor, mestre. Diga-me alguma coisa.* – Suplicou, com os olhos cheios de lágrimas, embora mantivesse o rosto protegido pelo capuz que sempre usava.

Orakio prosseguia em silêncio, ainda acompanhando o companheiro, caminhando à frente dos demais Éssper, que os seguiam com uma diferença de poucos metros. Nesse momento, uma fina chuva começava a cair.

– *Não sei se Hasgard ainda está vivo. Gostaria de acreditar que sim, mas não quero alimentar esperanças no seu retorno ainda em tempo de concluirmos nossa missão.* – Disparou enxugando as lágrimas com as mãos, enquanto Orakio prosseguia apenas ouvindo. – *Como podemos descobrir o paradeiro do nosso líder?*

Nesse momento o ancião parou subitamente, ainda olhando para frente. Olhou suavemente para cima, tocando sua barba com a mão direita, numa pose que denotava reflexão. Acariciou a barba por alguns segundos e depois voltou seus olhos para Marius, sem virar a cabeça. – *Acha que Hasgard está vivo, Marius?* – Perguntou com um tom sério e ligeiramente desafiador.

– *Acredito que esteja, mestre. Mas não sabemos seu paradeiro, e acredito ser essa uma questão fundamental para nossa jornada. Preciso saber onde Hasgard está... é importante...* – Refletiu Marius, voltando os olhos para o chão por uns instantes.

– Sabe, Marius. – Começou Orakio – A Força Negra, da forma como é conhecida, é na verdade uma espécie viva, assim como nós, com habilidades sobrenaturais, que vão desde a força física e a manipulação de magias diversas, até a posse de pessoas que de alguma forma baixam a guarda para pensamentos perversos. Mas por mais que sejam conhecidos pelas pessoas normais como demônios e assombrações de outros planos de existência, sabemos que não passam de seres vivos, feitos de pura maldade. – Nesse momento, o ancião levantou o cajado que se encontrava em sua mão esquerda, empunhando-o com firmeza. – Nós, Éesper, somos treinados e preparados para conhecermos as armadilhas e trapaças dessas criaturas, que muitas vezes são confundidas e tidas como deuses. Nosso dever é enfrentar e vencer essas criaturas. E eu... bem... eu criei as técnicas mágicas que hoje usamos para derrotar essas criaturas. Por isso, demônio das trevas, saia imediatamente do corpo de Marius e avise aos seus superiores que Lutz está vivo novamente! Hasgard é meu pupilo e aprendiz, mas eu sou aquele que derrotou seu general no passado! Eu vou destruir todos vocês! – Gritou, girando o corpo, ficando de frente para Marius, emanando uma luz branca muito forte, deixando os magos que vinham logo atrás atônitos. Ergueu o cajado em direção ao colega e disparou uma rajada de luz que o fez gritar.

O respeito que os Éesper tinham para com Orakio Rob fez com que ninguém reagisse ao comportamento do ancião, embora a atitude tivesse causado grande estranheza. Porém, em poucos segundos, o corpo de Marius se desfez numa explosão, revelando uma Força Negra, que em vez de enfrentar o mago,

tornou-se fumaça escura e se espalhou no ar, em um ato de fuga.

Ainda com um semblante tenso, em decorrência do embaite que acabara de realizar, Orakio voltou seus olhos para os magos que ainda estavam de pé e afirmou em um tom altivo: – *Tragam os corpos até mim. É hora de revivermos nosso pequeno exército. O infiltrado já não está mais entre nós. Marius e os outros serão ressuscitados.* – Concluiu causando ainda mais espanto.

– *Mas senhor... o que aconteceu?* – Perguntou um dos magos que se encontrava entre os sobreviventes.

– *Lutz voltou, meu irmão. Está aqui, com vocês, reencarnado. Eu sou Lutz.* – Finalizou o ancião, emanando novamente a luz branca que exibiu ao enfrentar a Força Negra, agora revelando uma imagem às suas costas do mago que inspirou os Éser por milênios, convencendo finalmente seus colegas de batalha, e causando grande comoção em cada um deles.

Longe dali, num ponto do deserto localizado ao sul das ruínas do que um dia foi a cidade de Casba, o General Phallus reuniu seus soldados em frente a uma grande rocha, que projetava uma larga sombra onde as criaturas se materializaram.

– *A grande mãe está presa, graças aos malditos guerreiros da Grande Luz. O último confronto. Mas algo precisa ser revelado a vocês, de modo que entendam o sentido de nossa última batalha.* – Iniciou Falz, enquanto as criaturas à sua frente mantinham total concentração. – *A Sombra, nossa mentora, está no passado, garantindo que nossa história aconteça conforme foi escrita, e montando o cenário que definirá nossa vitória. Devemos estar atentos a*

qualquer sinal, pois não temos garantias de que ela volte ao nosso tempo, ou que sobreviva no passado, alcançando o dia de hoje.

– *General, interrompeu um dos soldados. – Não temos referências concretas da passagem da Sombra no passado. Não nos lembrariamos de sua existência naquele tempo? Ou teria ela iniciado uma nova linha de tempo?* – Indagou pensativo, com olhar de curiosidade e certa apreensão.

– *Há evidências.* – Respondeu Falz com os olhos cerrados, projetando as grandes presas. – *Cérebro-mãe. Era a Sombra, infiltrada em um sistema eletrônico, disfarçada sob a forma de uma inteligência artificial, ditando os rumos de Algol. Foi ela quem destruiu Palma.* – Concluiu, aumentando o tom de voz, e encarando os soldados com sua altivez de costume.

– *Então ela está morta.* – Concluiu um outro soldado, baixando a cabeça por alguns instantes, até que o general retrucou.

– *Não é certo. Cérebro-mãe foi destruído. Mas a consciência que o animava pode ter sobrevivido. Eu não presenciei a batalha. Na ocasião, liderei soldados da Escuridão Profunda numa missão que consistia em espalhar o terror em Palma minutos antes de sua destruição. Muitos palmanos que poderiam ter escapado morreram por não conseguirem embarcar nas naves de fuga. E muitas naves foram destruídas pouco antes de sua partida. Esse foi o grande propósito da Sombra.* – Finalizou, baixando a cabeça como se demonstrasse certa tristeza ao falar sobre o assunto. – *Depois disso, porém...* – Refletiu antes de ser interrompido pela chegada de mais um soldado.

- *Mestre!!* - Gritou a criatura que acabara de chegar, se materializando e caindo ao chão em seguida, demonstrando grande fadiga e ansiedade em sua respiração e olhar. - *Lutz, senhor. Lutz está vivo!!* - Concluiu ofegante, apoiado por seus braços.

- *Ainda aguardo novidades, capacho.* - Respondeu Falz, com grande irritação e olhar fulminante, se aproximando lentamente do soldado caído. - *Todos sabemos que Lutz está vivo na consciência daquele mago imbecil. O que o fez abortar a missão que o confiei?* - Perguntou impaciente, cerrando o punho e pressionando as próprias garras contra os pulsos, numa demonstração de raiva.

- *Não me refiro ao mago Hasgard, senhor. Estou me referindo ao próprio Lutz, reencarnado. O velho! O ancião! Ele é o verdadeiro Lutz! O outro é apenas uma espécie de aprendiz!* - Disparou na tentativa de conter a fúria do seu líder, ainda ofegante e falando com dificuldade, demonstrando grande medo de uma possível punição.

- *O quê??* - gritou Falz em espanto, recuando alguns metros, desmaterializando suas pernas, flutuando sobre uma fumaça escura. - *Desgraçado Lutz. Maldito seja.* - Resmungou cerrando os olhos. - *As forças da Grande Luz ainda estão atentas aos nossos movimentos. A situação é pior do que imaginávamos. Precisamos retornar à cidade de Piata.* - Concluiu reerguendo a frente e encarando mais uma vez seus soldados.

Em meio aos gritos de guerra dos soldados conhecidos pelos palmanos como “Forças Negras”, Falz relembra sua batalha contra Alis Landale, e recorda a presença de Lutz, que

lançava magias diversas de seu cajado, sempre com potencial destrutivo impressionante.

Mesmo após quase três mil anos, ainda era possível lembrar detalhes daquele confronto. E nesses detalhes havia algo que sempre o intrigava, mas que voltou à sua memória de modo inusitado, permitindo montar um quebra-cabeça que até o momento permanecia confuso e sem nexo.

Durante a luta contra os quatro guerreiros que restauraram a paz em Algal no ano d.W. 342, Lutz atacava sussurrando entre uma magia e outra, como se estivesse conversando com alguém. De fato, ele era o único que agia daquela forma. E essa foi uma característica que não foi observada nos modos de combate de nenhum Éesper desde então. E agora, com a descoberta de que o ancião era na verdade o próprio Lutz reencarnado, foi possível comparar os comportamentos. Mas o velho não age da mesma forma, abrindo duas possibilidades de conclusão. Ou o velho não era quem dizia ser, ou Lutz dividia sua consciência com alguma outra entidade, na época de sua primeira encarnação.

- *Hasgard!* - Sussurrou Falz, trincando os dentes em ódio, enquanto concluía o que já parecia óbvio. O velho havia lançado a consciência do aprendiz para o passado. Essa foi a razão pela qual o mago desmaiou à sua frente instantes antes do combate. Agora tudo fazia sentido. Hasgard havia voltado ao passado para garantir a derrota de Falz. O atual líder dos Éesper ainda não estava fisicamente pronto para enfrentar o general. Lutz, por sua vez, certamente já sabia que em algum momento teria que mandar Hasgard ao passado.

Enquanto isso, no planeta mais afastado de Algol, Rykros, uma reunião acontecia num templo feito de cristais empilhados irregularmente, que refletiam uma luz que parecia vir de todos os lugares.

Uma voz que parecia ecoar da consciência dos guerreiros ali reunidos relatava os últimos acontecimentos em Motávia e Dezóris. A aparência dos presentes era a de criaturas feitas de puro fogo, com alguns elementos sólidos que remetiam a partes de armaduras, e verdadeiros espectros, semelhantes a fantasmas, completamente translúcidos, com formas humanoides pouco definidas.

– *A Escuridão repousa seus olhos sobre Motávia. Algo muito sério acontece nesse momento. Fatos que podem interferir no curso das coisas. Não apenas de agora em diante, mas desde muito antes. O tempo também é alvo das forças malignas desses demônios.* – Disse a voz, se concentrando agora num ponto único no centro do vão onde a reunião acontecia, enquanto uma figura de luz se solidificava lentamente, assemelhando-se aos palmanos.

– *Receio que nossa guerra comece aqui, Le Roof. “Forças Negras” pousaram em solo sagrado. O sucessor de Lutz dessa geração desapareceu. Chegou o momento dos palmanos conhecerem Rykros. Nunca antes estivemos tão perto da derrota.* – Afirmou um dos espectros, movendo-se como se estivesse gesticulando. – *Talvez esse seja o fim de Algol, para a desgraça de todo o Universo.*

– *Estou ciente disso. A Tocha Eclipse, em Dezóris, finalmente apagou por completo. Cidades inteiras do planeta gelado estão sendo tomadas pela peste que transforma os mortos em zumbis. O terror lá é indescritível. As pessoas estão enlouquecidas, tomadas pelo medo e*

pela maldade das criaturas que atacam sem cessar. Os Éšper que permaneceram lá foram neutralizados. Já enviamos soldados nossos para auxiliar nessa batalha. Mas nós precisamos acertar o olho desse furacão. Rykros nos abrigou até hoje. – Fez uma pausa, franzindo a testa, enquanto sua luz se reduzia ao ponto de permitir que os demais conseguissem enxergar sua silhueta. – Nossa missão não é aqui. O planeta não é mais importante do que aqueles que o habitam. Algol sofre mais pela ausência de Palma do que se beneficia com a existência de Rykros. É hora de partirmos. É hora de darmos nossa última cartada. – Finalizou com a aprovação silenciosa de todos os presentes.

Do lado de fora do templo de cristais, bolas de fogo se aproximavam com grande velocidade, rompendo a atmosfera frágil do planeta e se chocando contra o chão com extrema violência, causando grandes explosões. Essas bolas, porém, após o choque, ganhavam nova forma, assumindo a aparência das criaturas do exército do General Phallus.

Enquanto isso, em Piata, os magos terminavam de ressuscitar os últimos Éšper que haviam sido mortos na batalha contra o general das Forças Negras, e Orakio se preparava para usar a mesma técnica mágica, conhecida como “Regen”, em Marius, que havia sido completamente despedaçado durante o exorcismo que o livrou da possessão por completo.

A técnica exigia muito esforço dos magos, e só podia ser aplicada em pessoas mortas recentemente, e cujos espíritos desejassem permanecer vivos. Assim, os magos sobreviventes se revezavam de modo que não houvesse sobrecarga e todos tivessem um mínimo de energia após o processo.

Um dos Éesper, intrigado, indagou Orakio com certa hesitação, tocando seu ombro com delicadeza e cuidado, e uma voz suave em tom baixo – *Senhor Orakio... digo... mestre... mestre Lutz...* – continuou tentando iniciar o assunto – *Acha mesmo sensato trazer de volta o Éesper que quase permitiu nossa destruição no espaço e que carregava consigo o mal vivo?* – Completou, de cabeça baixa, esperando a resposta com grande receio e respeito.

– *Em primeiro lugar, meu amigo, me chame apenas de Lutz. Ou de Orakio, se preferir. Não sou mais do que um mentor, e não preciso ser venerado por nenhum de vocês.* – Iniciou o ancião com um sorriso amigável. – *Eu iniciei essa ordem para que enfrentássemos o que vamos, finalmente, enfrentar. E me mantive em segredo apenas para proteger nosso templo de investidas anteriores, e para me manter vivo até hoje.* – Olhou para o local onde Marius sucumbiu e, desmanchando o sorriso, prosseguiu. – *Hasgard foi mandado por mim para o passado, porque precisamos garantir que esse passado aconteça tal como foi escrito. Então o enviei para meu equivalente em d.W. 342, de modo que ele possa, junto comigo, impedir que qualquer coisa aconteça ao nosso passado. Porém, depende dele próprio descobrir a natureza de sua missão. Não pude adiantar nada para ele, que ainda sequer sabe que sou Lutz, porque fomos pegos de surpresa. Eu não poderia imaginar que encontraríamos Falz tão cedo.* – Explicou, virando novamente o olhar para o Éesper que o havia abordado, inclinando suavemente a cabeça para a sua direita. – *Porém, você me perguntou sobre Marius. E em verdade eu posso lhe assegurar que esse mago foi um herói. Ninguém escapa da vontade da Sombra, quando ela encontra uma forma de se*

aproximar. Ela fez uma raça inteira refém de seus próprios desejos, no passado. Ela é muito mais perigosa que o exército de Forças Negras. Ela é uma representante fiel da terrível mente da Escuridão Profunda. E Marius conseguiu evitar que seu controle nos levasse à morte. Sua luta psíquica foi árdua, e agora é o momento de agradecer. – Finalizou fechando os olhos, voltando-se para o local onde os restos mortais de Marius se encontravam, iniciando a emanção da magia “Regen”, que se manifestava em forma de uma luz vermelha, que ganhava uma proporção que tornava impossível enxergar a restauração do corpo do mago, dissipando-se apenas quando o processo havia, enfim, terminado.

A alegria de Orakio, porém, foi interrompida por uma presença maligna muito forte, que parecia emanar dos destroços, assumindo rapidamente a forma do General Phallus, condensando-se a partir de uma fumaça escura que vinha de todos os lados, materializando-se a poucos metros do grupo de feiticeiros. – *Você! Você é meu, Lutz! Você é meu!!* – Gritou o monstro, emitindo uma rajada que atingiu o ancião enquanto ainda estava fraco, fazendo-o desaparecer, enquanto o próprio Falz também desaparecia, deixando os feiticeiros completamente impotentes e desnorteados.

VITÓRIAS E DERROTAS

D.W. 342 – 11/06

Romulus refletia sobre sua participação na jornada de Alis Landale e o desaparecimento de Allyia, que já estava sumida havia cerca de oito meses. Estava sentado num banco do espaçoporto, que fazia fronteira com as cidades de Parolit e Camineet, em Palma. As lojas de conveniência coloridas, em formato semelhante ao das casas palmanas, vendiam artigos de segunda mão, utensílios diversos, roupas e afins. Havia também os balcões de venda de passaporte, com o que se tornava possível conhecer Motávia, que naquela época era uma colônia de povoamento em fase de expansão.

Sentado num banco de praça, do outro lado da rua, o professor analisava os modos de vida dos palmanos, perguntando a si mesmo se seria prudente cogitar a possibilidade de um dia viver o resto de sua vida naquele planeta e naquela época.

Uma das naves palmanas estacionada no pátio iniciou o processo de decolagem. A pista do espaçoporto ficava, pela perspectiva de Romulus, por trás das lojas de conveniência. Sua atenção foi totalmente tomada para aquele espetáculo. A decolagem era bastante barulhenta, e a grande nave vermelha, com asas e caudas semelhantes às dos aviões terrestres, não

demorava para inclinar-se para cima, deixando um grande rastro de fumaça, subindo aos céus, desaparecendo em minutos em meio às nuvens.

Aquilo tudo era ainda muito novo para o professor, que vinha de uma época em que as viagens espaciais já não passavam de histórias de um passado distante. Sua expressão de espanto, com a boca entreaberta e olhar vidrado, chamaria a atenção, se não estivesse usando o capacete da Guarda Imperial. Fardamento esse que incomodava Romulus cada dia mais, por acreditar estar completamente oposto aos seus propósitos e crenças.

Lamentava a cada instante por ter tido que se submeter ao treinamento e ao ingresso na guarda que La Shiec comandava. Mas não encontrou outra forma de sobreviver ao ataque das criaturas que o encontraram momentos depois de sua chegada àquela época. Allyia não foi vista em nenhum momento, e ele já se perguntava qual poderia ser o impacto disso na história de Algol, uma vez que eles não poderiam mudar o passado deliberadamente.

O tempo que passou trabalhando para o império o fez refletir sobre qual seria a melhor estratégia para mudar o passado garantindo o melhor para o futuro. E decidiu que deveria conhecer a verdadeira história, acompanhando de perto os principais acontecimentos de d.W. 342, para em seguida voltar ao presente e traçar um plano de ação concreto. Era preciso comprovar que os livros estavam certos, antes de iniciar uma missão dessa natureza.

Lembrou então do pote de lacônia que entregou a Nekise, e do efeito que isso causou. Alis Landale recebeu o pote que tinha o propósito de confundi-la, para que sua jornada fosse brevemente adiada. Deveria servir como charada, uma vez que foi entregue como um presente que ali havia sido deixado, para que fosse utilizado sabiamente, com um propósito urgente não especificado. Porém, em sua primeira viagem para Motávia, a jovem trocou o pote especial por um gato almiscarado, que alguns livros de história apontavam como personagem ligado à rainha de Algol.

Os gatos almiscarados, muito comuns na literatura dezoriana, eram animais exóticos considerados extintos ainda em meados de d.W. 2500. Eles possuíam a habilidade de se comunicar verbalmente, além de uma inteligência comparável à dos motavianos nativos. Tinham cor amarela ou alaranjada, e eram muito comuns em Dezóris na época anterior ao Grande Colapso, evento resultante da destruição de Palma e de Cérebro-Mãe, no ano de d.W. 1284.

Foi enigmática a forma como o destino se mostrou eficaz no sentido de remontar a história da forma como foi escrita. A participação do gato em questão foi fundamental para que Alis vencesse La Shiec e recuperasse o trono de Algol, segundo os livros de história. Porém, a interferência de Romulus, ao invés de prejudicar esse evento, pareceu ter, ao contrário, possibilitado que isso acontecesse. E isso era algo sobre o que ele refletia desde então.

Com a jornada de Alis seguindo seu curso normal, o professor começou a se questionar sobre quais efeitos as

providências que havia tomado teriam sobre a história escrita, uma vez que a primeira intervenção teve um resultado completamente contrário ao esperado. Já havia entregado um cristal mágico ao adivinho Damor, que perambulava pelos labirintos de Baya Malay desde que foi descartado por La Shiec. Esse cristal, que continha uma mistura de fluidos mágicos, despertou a curiosidade de Romulus, por parecer ter sido fabricado de forma artificial, usando manipulação de magia processada, que era uma tecnologia surgida apenas por volta de d.W. 2900.

A ideia de Romulus, diferente do que esperava que acontecesse com o pote de lacônia, era fazer com que Alis encontrasse Damor ao subir a torre de Baya Malay, que era o único caminho possível para alcançar o castelo flutuante. Porém, já surgia a preocupação sobre quais seriam os efeitos dessa segunda intervenção, que não poderia mais ser desfeita.

Assim, enquanto pensava sobre os efeitos de sua permanência naquela época, Romulus foi surpreendido com um animal relativamente pequeno, que sentou ao seu lado, no banco de praça onde se encontrava.

Olhando para o seu lado direito, se deparou com um gato alaranjado, com grandes orelhas pontudas e uma cauda felpuda, com as pontas dos pelos escurecidas. Em seu pescoço, um frasco com um líquido rosa, que se assemelhava a um frasco de perfume. O animal olhava para as lojas à sua frente, como se ignorasse a presença do soldado, que permaneceu imóvel para não assustar o bichano. Porém, o silêncio foi

quebrado quando o gato subitamente olhou para o soldado soltando suas primeiras palavras.

– *Sua armadura é espessa, mas meu olfato é poderoso.* – Iniciou o animal, para surpresa de Romulus, que chegou a tremer de imediato, numa reação quase cômica. – *Eu não sei quem você é. Mas você tem o cheiro daquele pote que Alis trocou por mim.* – Continuou, voltando sua face para frente para assistir a uma nova decolagem que se iniciava. – *O problema é que você não cheira como um palmano, ou motaviano, tampouco me parece um dezoriano. E o cheiro também não bate com o dos soldados comuns de La Shiec. Aliás, caso você fosse realmente um deles, eu não teria conseguido chegar tão perto, sem ser chutado ou coisa pior.* – Voltou o olhar novamente para o soldado, cerrando os olhos por um instante. – *Vou tentar ser direto.* – Pausou por um segundo, olhando rapidamente para o lado, para depois fixar o professor novamente. – *Por que quer nos ajudar?*

Romulus, ainda atônito com a presença do animal que certamente era o gato dos livros de história, ponderou por alguns segundos antes de iniciar o diálogo. – *D-Desculpa. Eu sei que não posso mentir para você. Mas nós não poderíamos estar tendo essa conversa. Venho de muito longe, e não posso permitir que minha presença mude o curso das coisas.* – Tentou iniciar antes de ser interrompido pelo animal, que levantou de repente, se aproximando ainda mais do soldado.

– *Não me parece que não quer intervir. Sem o pote Alis não teria como me “comprar”. Não que eu não seja grato por isso, mas há uma razão por trás de tudo. Não há?* – Questionou o gato, pas-

sando para o outro lado do banco, através das pernas do soldado, como se quisesse inspeciona-lo.

– *Não sei se posso lhe contar a verdade. Essas informações não podem chegar a Alis. Isso mudaria o curso da história. Eu posso confiar em você?* – Perguntou, ainda com receio do rumo que aquela conversa poderia tomar. Aquele gato era muito mais inteligente do que os livros contavam. Estava claro que os gatos almiscarados eram superiores aos motavianos em intelecto.

– *Não sei. Não sei se pode confiar em mim, pois não sei se posso confiar em você. Seu medo não é muito encorajador, nesse sentido.* – Afirmou, deixando Romulus chocado com a capacidade de percepção de animal que sequer podia ver o seu rosto, por trás da armadura e capacete que usava em público. – *Me convença.* – Finalizou em um ultimato, com um ar mais descontraído, que poderia se assemelhar a um suave sorriso.

– *Você é fiel a Alis. A história conta isso. Então, quando contar a você a verdade, certamente entenderá que isso deve ficar entre nós dois.* – Iniciou, preparando o gato para ouvir o que tinha a dizer, enquanto se inclinava no banco para observar melhor o animal. Encontrava dificuldade em se portar, buscando uma posição mais adequada e olhando para os lados, para se certificar que ninguém observava. Nunca havia conversado com um bicho antes, e aquela experiência era excitante, mas causava certo constrangimento. – *Eu vim de d.W. 3183. No meu tempo, diz a história escrita que Alis Landale liderou uma batalha que levou o imperador Reipard La Shiec à derrota e desgraça, restaurando a paz em Algol e assumindo o trono em seguida. Porém, esse*

ponto no tempo é crucial para entendermos o que aconteceu nos anos seguintes. Em intervalos regulares no tempo, tragédias indescritíveis assolaram os planetas conhecidos, incluindo a destruição completa de Palma. Tragédia essa, que estou estudando a melhor forma de evitar, numa tentativa de salvar o meu presente, que está ameaçado pelas criaturas que La Shiec libertou ano passado. – Deu uma pausa por alguns segundos, como se tomasse fôlego, e prosseguiu. – Cheguei aqui há oito meses, e fui surpreendido com o ataque de soldados de La Shiec, além de algumas criaturas que não pareciam naturais. Então optei por assumir uma identidade diferente e iniciar meu treinamento na Guarda Imperial, de modo que eu pudesse ganhar tempo, entender o governo de La Shiec e procurar secretamente minha companheira de viagem no tempo, que não vejo desde que fomos desmaterializados na viagem pra cá. – Pausou novamente, num longo suspiro, agora apoiando as mãos nos joelhos, e olhando para um ponto no chão. – Essa é a minha história. E pela primeira vez pude conta-la para alguém. Espero que não me arrependa. – Terminou, olhando novamente para o animal que o assistia paralisado.

– Qual o seu nome? – Perguntou o gato, com curiosidade, não escondendo a surpresa pela história que acabara de ouvir.

– Alex Ossale. – Respondeu Romulus, sem pensar, enquanto permanecia imóvel.

– Certo, Alex. Meu nome é Myau. Meu sugestivo, mas foi o que a sorte me conseguiu. – Concluiu, como se achasse graça, olhando rapidamente para o lado, ensaiando um quase sorriso. – Seu segredo está guardado, por ora. Pelo menos posso lhe garantir que não vou falar nada para Alis. Porém, em nosso grupo há um

mago telepata que mantém nossas mentes conectadas. Assim, possivelmente ele já sabe tudo o que conversamos aqui, e certamente vai querer falar com você. Se possível, vá até a pousada de Suelo, na entrada oeste de Camineet, amanhã à noite. Se suas informações são verdadeiras, podemos conversar sobre como seguir daqui por diante sem que causemos riscos para o seu e o nosso futuro. Tudo bem pra você? – Questionou agora fitando fortemente o soldado, com a longa cauda em movimentos suaves para os lados.

– *Sim. Amanhã nos encontraremos, Myau. Obrigado por me ouvir. Passei muito tempo sozinho neste mundo estranho. Já não aguentava mais esse silêncio.* – Finalizou enquanto observava Myau descer do banco, sorrir suavemente, e deixar o local, caminhando próximo à calçada, desaparecendo na primeira esquina.

Ainda não acreditava no diálogo que acabava de ter com um gato almiscarado, mas certamente seu alívio por saber que finalmente não estaria mais sozinho era muito maior. Suspirou profundamente, colocando as duas mãos em cima dos joelhos, apoiando o corpo e inclinando-se suavemente para frente, agora apreciando a paisagem com muito mais leveza, aguardando a próxima decolagem para assistir a mais um belo espetáculo, agora com um sorriso leve no rosto, por trás do visor do capacete que o escondia do resto do mundo.

Na noite seguinte, Romulus estava fazendo ronda nas proximidades da saída oeste de Camineet, quando observou a presença do gato almiscarado, no terraço da pousada que havia sido indicada como ponto de encontro no dia anterior. Receoso, caracterizado novamente como soldado de La Shiec,

caminhou lentamente até o local combinado, tentando não chamar a atenção de passantes ou de outros soldados. Ao chegar ao ponto escuro do lado esquerdo da pousada, que diferenciava das demais casas apenas por uma discreta placa metálica acima da porta de entrada, surgiu o mago que Myau havia mencionado.

Sua presença causava calafrios em Romulus. Embora possuísse expressões suaves, seu olhar penetrante e fixo causava uma grande inquietação no professor, que já se questionava se estaria mesmo fazendo a coisa certa. Seu rosto era fino, branco, com pele bastante delicada. Seus olhos azuis possuíam um brilho diferente do normal, como se emanassem algum tipo de magia desconhecida. Usando um manto azul-escuro, que cobria todo o corpo, com detalhes dourados nas mangas e na parte inferior, o mago histórico que era mencionado com tanta frequência nos livros *Ésper do futuro* estava, enfim, à sua frente. Esse certamente era Lutz, fundador da famosa ordem de feiticeiros.

– *Olá, Romulus. Ao que parece, há mais viajantes do tempo nesta época do que imaginava. Enfim, meu convidado estava realmente certo.* – Exclamou Lutz enquanto abria um sorriso suave e inclinava discretamente a cabeça para a direita, como se observasse melhor o soldado à sua frente. – *Pode retirar o capacete?* – Perguntou curioso.

Romulus, com as mãos trêmulas, ergueu o capacete revelando seus cabelos verdes e bagunçados, enquanto suava e evitava olhar nos olhos do mago. Sabia que não havia dito seu

verdadeiro nome a Myau, e a forma como fora facilmente descoberto o preocupava.

– *Erga sua frente, amigo. Não tenho dúvidas de que buscas fazer o melhor.* – Suavizou Lutz. – *O quebra-cabeça está cada vez mais complexo e precisamos concluí-lo antes que o seu passado, meu presente, prejudique ainda mais o futuro. Porém, preciso introduzi-lo a um amigo, com quem deverá conversar nas próximas horas. Há muito ele vem tendo visões de sua jornada, e o destino de ambos pode estar conectado. Abra sua mente para mim.* – Pediu, enquanto se aproximava e erguia as mãos em volta da cabeça de Romulus. – *Relaxe e deixe que a magia faça o resto. Confie em mim.* – Finalizou, enquanto Romulus tentava relaxar, controlando a imensa tensão que sentia por estar alterando o passado de uma forma tão diferente da que havia planejado.

Instantes depois, o professor já não via qualquer coisa à sua volta. Estava em um ambiente completamente escuro, sem paredes ou limites. Não sentia qualquer temperatura ou sensação física. Na verdade, não sentia sequer seu corpo, como se sua existência tivesse sido reduzida apenas à sua própria consciência. E assim permaneceu por alguns segundos, que pareceram intermináveis, até que uma voz ecoou em sua mente, para sua surpresa.

– *Então você é Romulus Saunders. A pessoa com quem estive conectado espiritualmente desde que cheguei a esta época.* – Começou a voz, com tom delicado, porém firme. – *Sou Hasgard. Sou de d.W. 3183. Acredito que você seja da mesma época. Acredito porque essa seria a única explicação para eu ter sido lançado no passado dessa forma. Devo ter sido, de certa forma, sugado pelo vórtice tem-*

portal gerado em sua viagem. E agora quero entender o que você faz aqui e como pretende voltar. – Indagou, dando uma pausa no aguardo de uma resposta.

– *Sim. Sou Romulus Saunders, professor na Universidade de Piata, também em d.W. 3183. E vim para o passado para salvar Palma.* – Respondeu Romulus agora assumindo um tom mais altivo, refletindo a antiga arrogância.

– *E como pretende fazer isso, professor?* – Perguntou a voz em um tom mais grave.

– *Nesse ponto do tempo a maldição que levou Palma à destruição teve início. E essa maldição se estende até nossos dias, levando nosso povo à desgraça em intervalos regulares. Porém, se eu puder impedir La Shiec de abrir o portal...* – prosseguia quando foi interrompido.

– *O imperador já abriu o portal. Você está na época errada. No final do ano passado, há boatos de que La Shiec encontrou-se com o mal encarnado. E a partir desse encontro, ele finalmente teve acesso aos deuses que o dariam a vida eterna. É assim que conta a história. Porém, a verdade é que ele foi guiado por alguém que veio de nosso tempo. Alguém cuja passagem maligna pela atmosfera de Motávia abalou a mim e ao meu hospedeiro, Lutz. Alguém que veio de carona em sua máquina do tempo. Alguém trazido por você.* – Afirmou, deixando o professor surpreso.

– *Allyia...* – refletiu Romulus, enquanto ouvia a voz que continuava seu discurso.

– *Sua viagem ao passado trouxe a criatura que iniciou essa maldição que você quer combater. Então, agora, eu lhe pergunto, professor. O que fará para restaurar Palma? Como pretende conser-*

tar o passado que você mesmo construiu? – Questionou agora em um tom mais severo.

– *Desde que cheguei aqui, percebi que uma viagem não bastaria. Perdi Allyia de vista, que insistiu em vir comigo. E agora não sei sequer por onde começar a procurá-la. Porém, não faz sentido que ela tenha sido a criatura maligna de quem você fala. Não tem nexo. Conheço essa garota faz um bom tempo, e posso assegurar que tem boa índole. Não faz sentido. Não faz sentido.* – Prosseguiu repetindo, como se tentasse se convencer.

– *Meu diálogo com você terminou. Agora... cabe a você encontrar o monstro à solta, de modo que ele não cause mais estragos na linha do tempo.* – Concluiu a voz, enquanto Romulus acordava do transe, ainda tonto e desorientado.

– *Não! Allyia não!* – Gritou Romulus, surpreendendo Lutz e Myau que se alarmaram, tentando acalmar o soldado que suava muito, demonstrando grande sofrimento. – *Allyia não... ela não.* – Repetia enquanto tentou caminhar ainda cambaleando.

Tropeçou na própria perna e caiu de lado. Porém, com a queda, um dos frascos que o levaria de volta para o presente estourou dentro da armadura e o líquido entrou em contato com sua pele.

Ainda concentrado na ideia de que Allyia poderia ser a criatura maligna que amaldiçoava Algol em seu presente, não percebeu a quebra do frasco e se surpreendeu com um grande clarão que surgiu em sua frente, fazendo seu corpo inteiro paralisar, antes de perder os sentidos completamente.

Soldados de La Shiec se aproximaram rapidamente do local de onde surgiu um grande clarão, na tranquila noite de Camineet, em que havia sido estipulado o toque de recolher. Porém, ao chegarem ao ponto de onde partiu a luminosidade, ao lado da estalagem da jovem Suelo, havia apenas um mago caído desacordado e um gato almiscarado ao seu lado.

Após algum tempo desacordado, o professor finalmente despertou e, depois de alguns segundos, levantou devagar, enfrentando uma grande dor de cabeça, sem se dar conta de onde estava. Olhou para cima num impulso e verificou um clarão estranho no céu. E não demorou para entender que aquilo estava acontecendo no mesmo ponto do céu de onde passou a vida observando Palma, reconhecendo as estrelas e sua configuração. Era ali que o planeta Palma deveria pairar. Significava que havia voltado à Motávia, e aquele clarão só poderia significar uma coisa.

Olhou para os lados em busca de entender o que estava acontecendo e onde estava, e observou uma cidade sofisticada alguns quilômetros à sua frente. Ao seu redor, apenas pequenos aglomerados de árvores e um vasto campo. A limitada visão noturna dificultava reconhecer melhor o lugar, mas já estava claro que estava sozinho num local bem diferente de onde estava quando desmaiou, durante o encontro com Lutz e Myau.

Tocou a perna por cima da armadura e só então se deu conta de que perdera um frasco, concluindo que havia viajado no tempo novamente. Porém, não sabia onde ou quando

estava, até que uma voz feminina e familiar se pronunciou às suas costas.

– *Você foi o causador de tudo. Você é o culpado por tudo. Vim dizer a você “muito obrigado”.* – Concluiu Allyia antes mesmo que seu antigo amigo olhasse para trás, deixando-o congelado, com um grave frio na espinha, sem saber o que pensar ou dizer.

FOGO E GELO

D.W. 3183 – 15/07

Dezorianos se reuniam ao redor do necrotério Guaron, enfrentando o frio e a neve, com o propósito de iniciarem um ritual religioso, para espantar espíritos malignos.

Milhares de pessoas estavam reunidas no deserto gelado em frente ao portão principal, de onde foi vista, dias antes, uma criatura hedionda e feita de pura maldade, que era apontada pela crença local como “Saccubus”.

Segundo os antigos, Saccubus era capaz de se alimentar do medo, atuando principalmente através dos sonhos. Criatura inteligente e sagaz, raramente era vista e era sempre atraída pelo sofrimento e pela dor, sendo o necrotério um lugar propício para sua aproximação. Os palmanos residentes em Dezóris reconheciam essa criatura como a “Força Negra”, criatura que se manifestava não apenas naquele planeta, e que tinha uma grande influência sobre mentes fracas, além de ser capaz de causar grandes calamidades.

Alguns sacerdotes dezorianos coordenavam o ritual que se iniciaria em alguns minutos. Sua aparência os diferenciava dos palmanos, por possuírem um visual que os aproximava de lagartos, com narinas sem a protuberância do nariz dos pal-

manos, olhos pequenos e rasgados, boca também pequena, sem lábios, pouco ou nenhum cabelo, pele esverdeada, podendo variar em tons, sempre apresentando um aspecto de ressecamento. Os sacerdotes, em especial, usavam roupas sempre brancas com detalhes e desenhos em cores azul, verde e vermelha, com chapéus grandes e largos. Os chapéus altos eram um hábito de todo dezoriano, diferenciados dos chapéus dos sacerdotes apenas pela largura, abas laterais que cobriam a altura das orelhas, alcançando os ombros, e os detalhes coloridos, característicos dos adereços religiosos.

Thiagus Crixus, filho mais novo de tradicional família dezoriana, acompanhava o ritual sozinho, enquanto seus pais trabalhavam sem saber o quão longe seu filho estava de casa. Com quatorze anos de idade, não tinha permissão para sair da cidade sem a presença de um responsável, mas devido a sua estatura pouco acima da média, conseguiu acompanhar a multidão sem chamar atenção.

Semelhante aos demais dezorianos em aparência e vestimentas, trazia em seu olhar um brilho diferente. Uma energia e um desejo por respostas às suas muitas questões. Questões que envolviam os hábitos, a religião e a história do povo de Dezóris, além de uma grande curiosidade sobre o que era verdade e o que era fantasia nas músicas e contos que ouvia desde pequeno. Histórias de grandes aventuras e tragédias. Guerras e seres fantásticos. Amores tão verdadeiros que atravessaram o tempo. Personagens heróicos e criaturas malignas. O próprio Saccubus, que parecia mais um elemento mitológico do que uma ameaça real, responsabilizado pelos erros e

atitudes negativas de pessoas de má índole. Eram muitos questionamentos, e o jovem Crixus saiu com a multidão em busca de algumas dessas respostas.

O bispo Paschoalin, responsável pelo movimento que levaria todas aquelas pessoas pelo deserto dezoriano até a entrada do necrotério, iniciou seu discurso com uma oração, em forma de música.

*Oh, meu senhor!
Ouça meu canto!
Oh, meu senhor!
Ouça os prantos!
Dos infiéis que jazem
Pois suas almas nos trazem
Dos tempos há muito idos
Os nomes dos guerreiros jamais esquecidos
Enquanto a Tocha Sagrada brilhava
Grande batalha ecoava

Oh, meu senhor!
Ouça o que eu sinto!
Oh, meu senhor!
Ouça! Eu não minto!
Aos pés da torre, hoje Corona
Vil realidade vinha à tona
Infiéis à Ennudia tramavam a morte
Mas essa é que foi sua sorte
Bravos guerreiros bradavam pela vida
E assim a batalha foi decidida*

Oh, meu senhor!
Ouça o que eu falo!
Oh, meu senhor!
Ouça! Não me calo...
Dos guerreiros havia um mais bravo
Lutava sem saber se sairia a salvo
Liderou os Guardiões da Tocha até a grande vitória
Mas restou para si pouco da glória
E Aqueles-que-andam-do-outro-lado o viram
E o enorme poder do bravo guerreiro sentiram

Oh, meu senhor!
Ouça seus destinos!
Oh, meu senhor!
Ouça por eles os sinos!
O bravo guerreiro foi pelas trevas tragado
Bravura, espada e espírito, tudo sugado
E negro será o dia em que ele reaparecerá
E negro seu coração tocado pelas trevas sempre será
Nosso destino não haverá quem os tome
Reze senhor, pois Corona era também seu nome

O bispo possuía a mesma aparência comum dos dezorinanos, porém com uma voz bastante forte e roupas mais densas, aparentando ser mais gordo que os demais, apesar de isso não ser mais do que a impressão causada pela indumentária. Seu sorriso e suas bochechas ligeiramente mais arredondadas aumentavam essa ilusão.

- *Corona há de retornar, meus irmãos.* - Iniciou o discurso que antecedia os rituais. - *Os demônios do espaço trouxeram a desgraça para Ennudia, mas o espírito corajoso que segurou o mal com as próprias mãos estará entre nós, impedindo que os demônios se apoderem de nossas casas e famílias. Nossos deuses nos protegerão! Sylph, Maitavo e Ennudia estão conosco. E o filho de Ennudia nunca nos abandonará. A torre Corona, destruída e reconstruída, mantém o brilho da Tocha Eclipse aquecendo nossas terras e nossos corações. E assim permanecerá. Oremos para Corona, oremos para Ennudia! Vamos expulsar o filho do mal vivo que veio perturbar o sono dos nossos mortos. Oremos!* - Prosseguiu Paschoalin, enquanto Thiagus Crixus assistia curioso à manifestação de fé do seu povo.

O jovem Thiagus não aceitava calado as imposições religiosas que seus pais faziam, sempre questionando a veracidade do que era dito nas histórias contadas nos templos. Nunca compreendeu completamente como um deus tão poderoso como Uth teria sofrido uma divisão tão severa ao ponto de se transformar em três planetas.

Para os dezorianos, a criação de Algol se deu pela expulsão de Uth do paraíso conhecido como Ak-Tezar, onde viviam os demais deuses. E o motivo de seu banimento foi a revolta contra Rather, um deus que brincava com suas criações, sempre construindo e destruindo tudo, para recomeçar em seguida.

Rather, dentre os demais, era o único com o comportamento leviano de construir e destruir, exaurindo gradativamente seus próprios poderes, e tomando empresta-

das as energias de outros deuses para continuar sua brincadeira, encontrando em Uth o único ser que se opusera ao seu comportamento vil.

Os deuses, maravilhados pelas habilidades de Rather, e indignados pela resistência de Uth, sentenciaram o segundo à solidão na vastidão do Universo. E foi nesse momento que, segundo as crenças dezorianas, houve a ruptura do caráter de Uth, em duas entidades de pensamentos opostos, que iniciaram uma guerra interminável. Uma aceitava de bom grado a decisão dos deuses, sofrendo calada e aceitando seu destino. A outra queria vingança e destruiria o Universo inteiro para vingar-se dos que lhe impuseram o exílio. A Grande Luz e a Escuridão Profunda. Dois lados de uma mesma moeda. Duas personalidades de um único ser.

Por fim, a lenda rezava que a Grande Luz venceu as sucessivas batalhas, aprisionando a Escuridão Profunda num selo criado por ela mesma. E com a fraqueza provocada pelos embates, sua integridade foi corrompida, sendo então dividida em três divindades inferiores. Sylph, simbolizando o planeta Palma, seria a responsável pela criação da inteligência, e representava o dinamismo e o amor. Maitavo, simbolizando o planeta Motávia, seria responsável pela alma de tudo o que era vivo, além representar força, coragem e perseverança. E Ennudia, simbolizando o planeta Dezóris, era a calma, a sabedoria e a origem da água e da vida. Algol era tudo o que havia restado da essência original de Uth, e estaria sentenciada a vigiar o selo para que a Escuridão jamais pudesse escapar.

A história de Corona, por sua vez, era uma lenda que dizia que um jovem guerreiro havia defendido a Tocha Eclipse dos impuros que desejavam o fim de Ennudia, comandados pelos Sombrios, uma raça que respondia a uma entidade de pura maldade conhecida como Acna-Tur. O nome desse herói inspirou a criação da Torre que até aquele dia abrigava a Tocha Sagrada, que iluminava Dezóris nos dias escuros, conhecidos como “Grande Eclipse”.

- Ennudia não permitirá a presença do filho das sombras entre nós! – Emendou o bispo Paschoalin, erguendo os braços para o alto, levando a multidão a repetir o gesto. *- Nós te expulsamos, criatura das trevas! Volte para o buraco escuro de onde saiu!* – Completou, pouco antes de um estrondo que levou os que estavam mais à frente a se agacharem, assustados.

O portão principal do necrotério era bastante largo, e abria-se ao meio, para fora. Era feito de um metal escuro, contrastando com os muros brancos de blocos de pedra, perfeitamente esculpido. Seus muros atingiam os seis metros de altura, dando uma grande imponência à construção que abrigava os recém-mortos, antes de serem despachados para os cemitérios secundários, que eram localizados nas periferias das cidades, ou para o cemitério central, que ficava por trás do necrotério, onde eram enterrados os sacerdotes e políticos.

Após o som, o silêncio se instalou de modo que só se ouvia o vento cortante da nevasca que assolava o deserto dezoriano. Os nativos possuíam grande resistência ao frio, e não se abalavam com a neve ou as ventanias que teriam potencial para matar palmanos em poucas horas. Mas o medo

crescente fazia com que, gradativamente, os participantes do ritual comessem a se questionar se haviam tomado a decisão certa ao irem até lá.

Thiagus observou um fenômeno estranho, que o fez lembrar imediatamente de seus pais, refletindo se não deveria ter ficado em casa em vez de contrariá-los, e que a essa altura eles já deveriam estar sentindo sua falta. Horas haviam passado desde a sua partida, e agora seu coração acelerava num medo cada vez mais evidente, e que parecia ser compartilhado pelos demais presentes.

De repente, o portão de Guaron começou a se desintegrar, como se sofresse um ataque mágico de grande poder. O metal sólido deu lugar a uma areia grossa e escura que começou a desmoronar, revelando uma única pessoa ferida, que saía lentamente da construção.

Os mais próximos da entrada se aproximaram ainda mais, mesmo assustados com o fenômeno, a fim de auxiliar o homem ferido. Porém, antes mesmo que o primeiro chegasse perto o suficiente, o dezoriano que já atravessava o portão do necrotério ergueu o rosto, revelando a garganta cortada e um olho arrancado, com sangue coagulado impregnado em seu rosto e roupas esfarrapadas. Sua palidez e comportamento agressivo, rosnando para os que pararam à sua frente, revelava a triste verdade. Não estava mais vivo. Era um zumbi. A peste havia voltado.

Thiagus tremia de pavor enquanto assistia paralisado o fenômeno de horror, quando Paschoalin ergueu um cajado branco que um assistente o entregou, gritando a palavra

“Foi”. Da ponta do cajado, então, manifestou-se uma bola de fogo, e ela voou em rapidamente em direção ao zumbi, que rosnava e se aproximava destemido.

O fogo, em contato com o morto-vivo, queimou seu corpo lentamente, tornando-o carbonizado após alguns minutos. Todos assistiam assustados e atentos o zumbi cambaleiar e só cair quando finalmente estava completamente queimado, restando pouco mais do que ossos.

Thiagus já olhava para os lados pensando em como poderia voltar antes mesmo que o grupo o fizesse, mas foi surpreendido por uma voz extremamente grave e assustadora, que vinha da direção do necrotério.

- Algol encontra seu fim. A grande deusa retornará. A luz se apagará! A Tocha não mais os salvará! – Exclamou a voz, finalmente revelando sua origem, quando a Força Negra surgiu atravessando o portão do necrotério, aproximando-se dos dezorianos, fazendo com que muitos corressesem desesperados. Era a criatura conhecida pelo povo dezoriano como Saccubus. O grande mal. E entre os que fugiam, Thiagus corria na esperança de chegar em casa a salvo do terror que acabara de presenciar.

O som da voz daquela criatura parecia não ser captado pelos ouvidos apenas, atingindo diretamente o interior das pessoas, causando um pânico incontrolável aos de mente mais fraca. Porém, alguns sacerdotes permaneceram de pé, erguendo cajados ou mãos vazias, preparados para viver ou morrer em defesa de suas terras e de seu povo.

A criatura, por sua vez, emitiu um rosnado tenebroso, fazendo com que sua presença fosse ainda mais temível, disparando uma onda de pura escuridão em direção aos valentes religiosos que bloquearam o ataque com magias como “Deban”, “Warla” e outras bênçãos.

Porém, a Força Negra não permaneceu na batalha, disparando no ar em forma de fumaça escura, dirigindo-se para a Torre Corona, onde a Tocha Eclipse ardia, protegendo os dezorianos.

E das sombras do interior do necrotério, vultos se mexiam de forma aleatória e lenta. Não demorou para que, enfim, novos zumbis atravessassem os portões em direção aos vivos, com os braços erguidos, para agarrar a primeira vítima que alcançassem.

– *Avante, amigos! Seja feita a vontade de Ennudia, Maitavo e Sylph! Que Uth presencie nosso triunfo ou desgraça! Avante!* – Gritou Paschoalin, incitando os poucos que permaneceram, dispostos a combater o mal. E ali se iniciou uma batalha pela vida, com resultado incerto.

Entre os que fugiam para a cidade mais próxima, Zosa, Thiagus não conseguia tirar da cabeça a lenda sobre o guerreiro Corona, e sua vitória contra o mal que se instalou em Dezóris naquela época. Pedia a Ennudia que preservasse a vida e a segurança de sua família, até que chegasse em casa. Porém, ao alcançar ao topo de um elevador de neve, avistou as chamas que consumiam as casas e ruas onde cresceu. Zoza estava em chamas, e pessoas corriam desesperadas para todos os

lados, fugindo do fogo que era lançado por grandes dragões brancos e vermelhos, que pairavam no ar.

O jovem não resistiu ao impulso das lágrimas, sendo surpreendido quase imediatamente pela visão de um dragão branco que, ao avistar as pessoas que assistiam a tragédia ao longe, passou a se dirigir a multidão, que se dispersou imediatamente, buscando esconderijo contra o fogo que certamente os aniquilaria.

A chama que consumia a cidade, o Saccubus vivo em Guaron e a perseguição pelo dragão eram muito para a mente de Thiagus, que não se deu conta de que estava escurecendo rapidamente. A escuridão alcançava o grupo e parecia cobrir em pouco tempo toda a superfície gelada do planeta. E à medida que essa escuridão crescia, o pânico aumentava nos corações dos dezorianos que choravam enquanto corriam, certos de que aquele era o fim.

Thiagus, correndo então por sua vida, tropeçou numa pedra encoberta na neve, caindo no chão e rolando para uma fenda debaixo de uma rocha com tamanho suficiente para camuflá-lo, servindo de abrigo. E lá permaneceu desacordado, enquanto o dragão queimava a multidão que corria desesperada, para todos os lados.

Enquanto isso, o bispo Paschoalin recuava, já ferido, junto aos poucos sobreviventes que ainda lutavam para sobreviver às centenas de zumbis que se aproximavam, alguns mutilados, outros em chamas, mas sempre avançando.

- *Ataraxia!* - Gritou um dos sacerdotes, restaurando momentaneamente a capacidade do grupo de emitir ataques

mágicos. Uma medida de efeito temporário e emergencial, para uma situação de calamidade.

E quando parecia não haver mais solução, com muitos guerreiros e sacerdotes mortos, parcialmente devorados pelos zumbis que não se cansavam, Paschoalin olhou para o céu dezoriano, iniciando uma prece silenciosa para os espíritos protetores de Algol. E, como se tivesse sido ouvido de imediato, uma bola de fogo surgiu nos céus, aproximando-se com grande velocidade, chocando com a neve. Caiu em cima de grande parte dos zumbis que se espalharam com a explosão de fogo e gelo.

O som causou surdez temporária nos que ali estavam, e alguns caíram atordoados com a onda de choque que os atingiu.

- *Acna-Tur não terá Ennudia* - Pronunciou uma voz profunda e grave que saía da cratera, sendo ouvida mesmo através do zunido causado pela explosão anterior. - *Nós, guerreiros e protetores de Rykros, não permitiremos!* - Finalizou a criatura de fogo que se erguia na cratera causada pelo seu pouso, emitindo uma luz tão forte que não permitiu que os dezorianos presenciassem a extinção completa dos zumbis que ainda restavam após o impacto.

Em outro ponto do deserto gelado, porém, despertava o jovem Thiagus que ainda sentia as dores da queda que sofrera no ataque do dragão branco, enquanto constatava aterrorizado que não haviam restado sobreviventes num raio de quilômetros.

Em pé, imóvel, viu corpos ainda em chamas, enquanto percebia a escuridão que já tomava Dezóris, e iniciou instintivamente uma oração pelos que deixavam o mundo dos vivos.

Durante a prece, porém, percebeu uma força incomum tomar seu corpo, e interrompeu suas palavras por uns instantes para sentir e entender a energia que sentia em sua mão direita. Com o olhar amargurado pela tragédia que acabava de enfrentar, o jovem inclinou lentamente a cabeça e o olhar para a mão, de punho cerrado, que parecia emanar um poder que não saberia explicar.

De repente, sentiu o impulso de abrir os dedos e apontar sua palma para o primeiro corpo em chamas que avistou, a poucos metros de onde estava em pé, parado. E qual foi sua surpresa quando o fogo que queimava a jovem caída agora dançava sobre sua mão, acompanhando seus movimentos e aumentando e diminuindo de intensidade conforme sua vontade. O fenômeno mágico o surpreendeu, mas sua expressão manteve-se fria e amargurada.

Seus olhos se cerraram lentamente, enquanto voltou a fechar o punho, entendendo que aquilo era um sinal: Corona venceu os Sombrios com um fogo que ele não criou, mas que comandou e direcionou para a destruição dos impuros. Assim, certo de seu novo papel, finalizou enfim sua oração, com uma grave alteração que definiria seu destino daquele momento em diante.

Oh, meu senhor!
Ouça por eles os sinos!
O bravo guerreiro foi pelas trevas tragado
Bravura, espada e espírito, tudo sugado
E negro será o dia em que ele reaparecerá
E negro seu coração tocado pelas trevas sempre será
Nosso destino não haverá quem os tome
Reze senhor, POIS CORONA SERÁ
TAMBÉM O MEU NOME!

DE VOLTAS PARA O FUTURO

D.W. 1284 – 23/11

– *Não!!* – Gritou Romulus quando se virou e contemplou a imagem deturpada do que antes era a sua única amiga de verdade. – *Não pode ser... você não pode ser Allyia. Não pode!* – Continuou desesperado, enquanto lágrimas escorriam de seu rosto sujo, segurando com as duas mãos a própria cabeça, com seus dedos desaparecendo entre os cabelos bagunçados. – *Eu te procuro há tanto tempo!! Desde que cheguei em Palma minha busca nunca cessou. Não pode ser! Fala a verdade!! Fala!!* – Insistia sentindo seu desespero aumentar ao ver o sorriso frio e debochado da jovem, que ostentava uma armadura negra, escamosa e com ombreiras que traziam espinhos que apontavam para cima e para os lados. Seus olhos eram vazios, como se estivessem mortos, e sua expressão demonstrava claro desprezo pelo homem que buscava desesperadamente uma explicação para o que presenciava naquele momento.

Caíndo ajoelhado em frente àquela que antes era sua confidente, praguejou contra a ideia da viagem no tempo e sua arrogância por achar que, sozinho, mudaria o curso da história, salvando Algol. Lembrou em seguida da tranquilidade com a qual Allyia havia aceitado a proposta de mudar fatos

passados, mesmo sabendo que isso aniquilaria seu presente e os levaria a ter que aprender tudo sobre a nova realidade que criariam com essa ação.

– *Tanto tempo no passado... e só agora puder perceber que o que eu iria fazer era ridículo e impossível. Jamais poderia mudar o curso das coisas sem destruir a mim mesmo e a você também.* – Ponderou ainda de joelhos, enquanto Allyia acompanhava seus movimentos e gestos apenas com os olhos, agora com o semblante sério e sem expressão. – *Eu não entendia como é que você tinha aceitado tão facilmente meu plano, mas não quis contestar a sorte. Mas... era isso o que você queria, não é? Me usar pra disseminar o mal. Pra destruir o que eu vim consertar! Como pôde me enganar por tanto tempo?? Como pode ser tão má??* – Indagou enquanto levantava a cabeça, fitando a amiga nos olhos, enfrentando-a.

– *Eu vim lhe agradecer. Apenas isso.* – Começou, desviando uma tira de cabelo que caia na frente do rosto, depois de um breve suspiro, sem demonstrar ainda qualquer apego sentimental ao que estava presenciando ou ao seu antigo amigo. – *Se os terráqueos iniciaram o plano contra os palmanos usando o Cérebro-mãe pra escravizá-los, foi graças a você. Se La Shiec foi derrotado para viver como um zumbi por dois mil anos, tornando-se depois uma peça chave no nosso presente, foi graças a você. Se Alis Landale não foi capaz de chegar até La Shiec antes que ele pudesse, por conta própria, abrir o portal que libertou o General Falz, foi graças a você. Enfim. Palma acaba de morrer, graças a um super-computador construído pelos humanos, e controlado por mim. E o mérito é todo seu. Mas espere!* – Interrompeu espalmando a mão para frente por um segundo com olhar de espanto, levando a

mesma mão em seguida para a boca, fazendo uma simulação de susto e entusiasmo, num gesto de pura ironia. – *Essas coisas já estavam escritas antes da sua viagem, não foi?? Que incrível!! Isso significa que sua importância foi muito além do esperado, Rom!! Sua jornada não apenas mudou o passado. Você possibilitou que o passado acontecesse!! Não é excitante? O fim de Algol está mesmo nas suas mãos! Afinal, é você quem vai destruir tudo!! Ai como eu te amo!!* – Exclamou num gritinho acompanhado de pequenos pulos de excitação. – *Se eu tivesse certeza de que você não iria me morder, te daria um abraço beem apertado, agora! Coisa linda da mamãe!!* – Concluiu, zombando às gargalhadas, inclinándose para a frente, simulando o desejo de apertar as bochechas do professor com as duas mãos, num falso carinho.

Sem pensar, Romulus saltou de onde estava ajoelhado para cima de Allyia, agarrando sua garganta, enquanto ela, tomada pela surpresa, não conseguiu evitar o súbito receio que durou alguns segundos. O ódio do professor o fez apertar o pescoço da jovem por algum tempo, até que sua razão retornasse e ele voltasse a si, percebendo a atitude violenta que acabara de tomar. Foi surpreendido, porém, ao notar que à sua frente só havia uma fumaça escura, e que suas mãos apertavam o nada.

– *Estou grávida. Não pode agredir uma mulher grávida.* – Dizia a voz da Allyia que vinha de suas costas. – *La Shiee cresce em meu ventre, como uma nova vida. A última sob a luz dessa estrela imunda que vocês chamam de Algol. Ele trará sua salvação, sabia?* – Continuou, aumentando o tom de sarcasmo, enquanto com a mão esquerda mexia nos cabelos de forma sensual, e com a

outra acariciava a barriga que agora aparecia nua e projetada, denotando uma gravidez avançada. – *O parto acontece logo mais. E eu quero que você presencie. Quero que seja você o primeiro a carregar a criança, já que o pai não está presente. Você vai me negar esse pedido, meu amor?* – Perguntou em tom sensual, já se apresentando completamente nua, com a barriga de volta ao tamanho normal, e os seios cobertos pelos longos cabelos vermelhos, confundindo os sentidos de Romulus com sua presença entorpecente.

A culpa que sentia por ter levado Allyia consigo numa viagem que havia planejado apenas para si, somada ao respeito que sempre teve pela amiga, conflitando com a confusão de sentimentos diante de tantas revelações, dificultava o processo de sedução que a Sombra executava com tanta facilidade contra todos os que precisava persuadir. Com o professor a magia não funcionava da mesma forma, e embora ele estivesse sofrendo perturbações causadas pelo veneno da criatura, seus conflitos o freavam, causando ao monstro frustração e raiva.

– *Venha, seu desgraçado. Me toque. Quero sentir você dentro de mim.* – Dizia a Sombra, em meio a gemidos, e suspiros, fechando os olhos e jogando a cabeça para trás, enquanto esticava seu corpo, mexendo a cintura de forma provocativa. – *Me pegue, seu imbecil. Por que você não me toca!? Você sempre quis transar comigo! Você sempre me quis... e agora estou aqui, nua, inteira, doida pra sentir você usar todas as energias de seu desejo...* – Parou para suspirar, enquanto fechava os olhos e inclinava a cabeça lentamente de um lado para o outro, deslizando a mão

pelo corpo, acariciando os próprios seios – ...dentro de mim. – Completou entre gestos e provocações.

Romulus, ainda desnorteadado e dividido entre a razão e o crescente desejo provocado pelo veneno que a Sombra exalava, cambaleava com a tontura, aproximando-se da antiga amiga, tentando encontrar algo concreto naquela situação. Algo que o trouxesse de volta à realidade. Já não sabia mais onde estava ou o que estava realmente acontecendo. Seu raciocínio era cada vez mais lento, e seus sentidos já não eram mais latentes, causando apenas algumas impressões distantes. Estava embriagado pela presença sobrenatural da Sombra, enquanto tentava, insistentemente, manter seu pensamento em Allyia, buscando não perder completamente a razão, numa luta já quase perdida.

Ao tocar a criatura no ombro, porém, subitamente recobrou a razão, restaurando quase que imediatamente seus sentidos e a capacidade de raciocinar. Mas não estava mais diante de Allyia. Estava num transe semelhante ao que esteve quando encontrou Lutz. Não havia nada ao seu redor, mesmo que não estivesse exatamente escuro. Não havia ambiente palpável ou nada que pudesse associar ao mundo físico, mas suas faculdades físicas pareciam renovadas mesmo assim. Dessa vez, porém, sentia o próprio corpo e podia caminhar. E embora sentisse o chão, ao olhar para baixo, não via absolutamente nada além de si mesmo.

– *Romulus?* – A voz de Hasgard foi imediatamente reconhecida, vindo do seu lado esquerdo, para onde olhou de imediato. Dessa vez, um vulto branco foi avistado, ao invés de

uma voz que se ouvia por toda a parte. Mas estava claro que era a mesma entidade com quem havia dialogado anteriormente. Era aquele que dividia o corpo físico com Lutz, em d.W. 342. E essa constatação aliviou o coração de Romulus, que finalmente havia encontrado alguém que poderia, de alguma forma, ajudá-lo. – Estou em seu corpo agora. Fui tragado junto com você para esse novo ponto no tempo, mas agora não estou mais ligado a Lutz. Talvez por sermos ambos anomalias no tempo, minha consciência lhe acompanhou na viagem involuntária. Porém, não sei ainda como podemos voltar à nossa época de origem. – Ponderou Hasgard, ainda aparentando a forma de um vulto branco, suavemente luminoso.

– *Escute, Hasgard. Tenho que lhe explicar algo. Minha vinda para o passado..* – Iniciou Romulus sendo imediatamente interrompido pelo mago.

– *Não, Romulus. Meu tempo com Lutz me despertou algumas faculdades até então adormecidas. Neste momento estamos compartilhando o mesmo corpo, eu e você, e sua mente é um livro aberto para mim. Sei exatamente sua angústia e agora entendo que sua vinda para o passado não foi exatamente uma decisão sua. Há muito mais coisas acontecendo em Algol do que você seria capaz de imaginar. Você foi um instrumento, conduzido por seres além de sua compreensão, a ingressar numa missão que definiria o passado, o presente e o futuro de uma guerra que começou muito antes do nosso sol nascer. Não se culpe pelo aparente fracasso, ou pelas coisas que parecem ser de sua responsabilidade. Desde sempre as forças fundadoras dos nossos planetas atuam na vontade e no destino dos seres vivos e*

inteligentes. Mas talvez tenhamos a chance de virar o tabuleiro desse jogo. – Completou Havgard, agora assumindo sua aparência física.

As palavras do mago comoviam e aliviavam Romulus, que já começava a entender que sua fascinação pelo passado e sua busca incansável por uma forma de viajar no tempo eram mesmo incoerentes com sua postura e conduta rotineiras. Sua vida sempre foi pacata, embora sempre tenha procurado estudar a história dos palmanos. Porém, até cerca de cinco anos atrás jamais teria pensado ou sequer imaginado a possibilidade de tomar uma atitude tão radical, abrindo mão da própria realidade para modificar um passado que julgava ter sido “mal escrito”.

Veio à sua memória a imagem de Allyia, quando a viu pela primeira vez, machucada, vestindo apenas um pano de chão rasgado que mal cobria seu corpo ferido e arranhado por pedradas e pancadas.

Era comum em d.W. 3183 a agressão às pessoas dessa raça. Por não poderem definir a real origem dessa espécie, deduzindo que não eram motavianos ou dezorianos, e que certamente tinham apenas algumas características dos palmanos, muitas vezes eram associados às catástrofes do passado, ou apontados como monstros e até mesmo demônios. Os mais religiosos chegavam a caçar essas criaturas sob o pretexto de estarem “purificando” as terras consideradas “do bem”.

Allyia foi acolhida por Romulus quando apareceu num beco próximo à sua casa. O primeiro encontro foi determinante para que ele se comprometesse em cuidar dela até que

tivesse condições de sobreviver e se sustentar sozinha. Seu olhar naquele momento, num misto de súplica e medo, aproximou sua imagem a de um animal de rua que passa a vida fugindo dos maus tratos de passantes. As lágrimas, escorrendo pelo rosto sujo de terra e sangue, comoveram o professor de uma forma nunca experimentada antes. Não disseram nada um para o outro. Os dois minutos em que se olharam fixamente iniciaram uma relação de confiança que não se abalaria jamais.

Levou a jovem para sua casa, deu-lhe banho, secou e penteou seus cabelos vermelhos, fez curativos e tratou os machucados e feridas que carregava. Alimentou a moça e aguardou até que a primeira palavra fosse pronunciada. Não lhe fez perguntas ou lhe questionou qualquer coisa. Apenas cuidou e aguardou, sempre oferecendo um local confortável para sentar, ou alguma coisa saborosa para comer. Ao final da noite, quando lhe deixou no quarto dos fundos, sentada ao pé da cama onde passaria aquela noite, deu-lhe um suave beijo na testa, desejando-lhe “boa noite”, antes de sair e deixá-la dormir, sendo surpreendido com um súbito e forte abraço. O abraço mais gostoso que já havia recebido. O mais verdadeiro, desde que perdera sua mãe. E provavelmente o mais demorado também.

Na manhã seguinte já não precisou preparar comida, pois a jovem já havia posto à mesa um café da manhã mais elaborado do que jamais havia feito ele próprio. Ao levantar e ir ao encontro de Allyia que o aguardava na mesa, a primeira palavra finalmente veio:

- *Amigo!* - Exclamou a jovem com um sorriso quase infantil, sendo retribuída com um ar de surpresa e alegria. Era o começo de uma amizade que deveria ser eterna.

Essa lembrança lhe confortava e, ao mesmo tempo, causava confusão em sua mente, enquanto ouvia Hasgard falar sobre sua jornada ao passado, provavelmente provocada pela anomalia temporal que Romulus havia gerado, ao criar o vórtice no quintal de sua casa em Piata.

- *A criatura que estamos enfrentando é a mais perigosa dentre as crias da Escuridão Profunda.* - Ponderou o mago enquanto levava a mão ao queixo, olhando para o lado, perdido em pensamentos. - *Eu nunca vi casos de possessão dessa natureza. Essa criatura é diferente das que Lutz e seus sucessores antes de mim enfrentaram. Ela não parece agressiva como a "Força Negra", mas chega a ser mais cruel e maligna, tamanho o seu sadismo.* - Completou, despertando a atenção de Romulus, que se voltou para Hasgard com grande surpresa.

- *Possessão? Está me dizendo que essa não é Allyia??* - Gritou o professor enquanto a imagem do mago sumia, dando lugar à figura da Sombra, em sua forma escura original, fitando-o com olhar de puro ódio, ao mesmo tempo em que ele próprio se viu no chão, como se tivesse caído durante o transe.

- *Esqueceu da minha cara, verme? Sou eu, sua amiguinha querida.* - Respondeu com sarcasmo, expressando asco com a boca e o olhar. - *E além de não ser capaz de me possuir, ainda se dá o direito de desmaiar?? Eu não consigo entender como ainda estou perdendo tempo com você.* - Finalizou dando as costas ao professor, se afastado em seguida.

- *Ei!!* - Gritou Romulus, agora levantando e assumindo uma postura firme e olhar fulminante e um tremor que se manifestava inclusive em seus lábios. - *Olha pra mim, monstro!!* - Ameaçou com agressividade. - *Não me dê as costas antes de me dizer onde está minha Allyia!!* - Terminou, dando um empurrão nas costas da criatura, que imediatamente assumiu a forma parcialmente esfumaçada.

- *Você é o único que eu não consigo seduzir.* - Olhou para ele, afastando-se, flutuando envolta à sua fumaça escura. - *Por que será?* - Questionou-se por um instante, até voltar a fitar o professor com fogo nos olhos. - *Venha comigo, imprestável. Vamos dar uma voltinha pelo túnel do tempo que você criou.* - Finalizou voando em direção a Romulus e o envolvendo em sua fumaça antes de desaparecerem.

Hasgard, ainda ligado à mente de Romulus, assistiu tudo sem poder interferir. Mas a última atitude da criatura alegrou seu coração. Sabia que era a sua oportunidade de ter uma visão panorâmica dessa batalha cujo resultado estava agora em suas mãos. Era o momento perfeito para um contra-ataque.

SANGUE E AREIA
D.W. 3183 – 18/07

Caído nas areias geladas do deserto de Motávia, Orakio se recuperava dos efeitos colaterais da técnica mágica “Ryuka”, empregada pelo General Phallus, que os afastou de Piata, de modo que os demais Éspor não pudessem interferir no confronto que se seguiria.

Olhou para Algol, que brilhava já próxima do horizonte, sinalizando o final da tarde, e provocando a projeção de largas sombras das montanhas atrás das quais começava a se esconder. O céu já se tornava laranja nessa direção, e o vento já recuperava o frio que o caracterizava no período da noite.

Ao olhar para sua frente, próximo a pequenas pedras, o líder das “Forças Negras” já se projetava em sua direção, com suas imensas garras à frente, flutuando sobre a fumaça escura, aproximando-se rapidamente para o ataque.

Não houve tempo para se esquivar do golpe, restando ao mago usar uma magia antiga de proteção que ele mesmo havia desenvolvido na época de Alis Landale.

- *Deban!!* - Gritou Orakio, sendo envolvido rapidamente numa espécie de redoma avermelhada, no momento em que

recebeu o choque do golpe da gigantesca criatura que o atacava.

Foi jogado para trás, embora a redoma não tenha se desfeito por completo, protegendo seu corpo envelhecido. A dor não foi disfarçada, e um fraco gemido foi saboreado pelo monstro que sorriu, evidenciando seus dentes afiados e língua pontuda.

Ainda no chão, o mago fez alguns sinais com os dedos na própria testa, fechando os olhos e pronunciando alguns dizeres num idioma antigo. A estranheza daquela atitude não freou a criatura que se preparou para o segundo ataque, enquanto o ancião suava e prosseguia com o ritual. Porém, subitamente, um clarão envolveu Orakio fazendo-o desaparecer em meio à luz, e Falz logo percebeu que algo havia mudado em seu adversário.

Quando o brilho, que durou cerca de cinco segundos, finalmente enfraqueceu, no lugar do velho mago de barba longa e aspecto franzino, surgiu a imagem radiante de um antigo rival, que se apresentava como um ser translúcido, emanando uma luz branca e opaca, com um grande cajado dourado, que possuía um grande cristal brilhoso em forma de losango em sua ponta.

A criatura emitiu um rugido ensurdecedor, que estremeceu o chão do deserto, enquanto o mago, agora exibindo a aparência de sua primeira encarnação, avançava para o contra-ataque, com seu cajado apontado para frente.

Do cristal surgiu uma luz azulada que tomou rapidamente grandes proporções, gerando uma onda de energia que atin-

giu o monstro com grande força, jogando-o alguns metros para trás.

Porém, mesmo atingido e sem defesa contra o ataque sofrido, Falz manteve-se firme e tornou a avançar contra Lutz, com os olhos cerrados de tanto ódio, esbarrando em seguida na barreira energética que protegia o mago de luz, sendo novamente jogado, caindo poucos metros à frente.

Lutz se preparava para aplicar um golpe com a ponta do cajado, quando o general dos demônios, ainda caído ao chão, abriu sua boca além do que parecia ser possível, liberando uma onda de energia negra que se assemelhava a uma maré de escuridão. A onda então cobriu a luz do mago com sombras, de forma contínua e persistente.

Orakio começou a sentir, pouco a pouco, o peso da energia negativa que atingia seu corpo agora feito de luz. Sabia que se aquilo não parasse logo, não aguentaria por muito mais tempo. Já sentia o suor escorrer de seu rosto, agora transmutado na imagem de sua encarnação anterior. Sentiu que precisava fazer algo e, num momento de desespero, acreditando que não havia outra saída, pronunciou as palavras em idioma antigo que evocavam uma antiga técnica mágica. Técnica que seu mestre o havia ensinado milênios atrás. Sentia suas barreiras se despedaçarem enquanto uma forte dor crescia em seu peito. Soltou um grito longo que denotava grande sofrimento, enquanto uma energia vermelha emanada de suas mãos circulava seu corpo e se expandia, atingindo o General Phallus, e o envolvendo em seguida.

Esse fluido energético cobriu a visão de ambos, e após alguns segundos um silêncio profundo se estabeleceu. Porém, aos poucos, a cor vermelha que os circulava começou a ceder, permitindo que ambos pudessem voltar a enxergar.

Falz, antes uma criatura de grandes proporções, agora apresentava uma aparência aproximada a de um jovem palmano, com a diferença de possuir a pele totalmente negra, com olhos amarelos brilhantes, e uma fumaça escura emanando suavemente de seu corpo.

– *O que você fez??* – Gritou o monstro, com sua nova aparência, olhando as mãos espalmadas à sua frente.

– *Fiz o que precisava ser feito para que nosso confronto fosse justo, filho da Escuridão. Não espero que você entenda, porque não acredito que ensinem “honra” nas escolas do seu submundo.* – Respondeu em tom de gozação, o mago que ainda ostentava a imagem de Lutz, agora com menos brilho. – *Não somos mais capazes de usar alta magia. Não vou mais ser vencido por suas traças negras. Agora, se quiser me derrotar, terá que passar pela lâmina sagrada.* – Finalizou levantando o cajado dourado que emanou um brilho forte, assumindo a forma de uma espada imponente, com cabo dourado. – *Enfrente o corte de Elsydeon!!*

O espanto de Falz ficou evidente, e em sua mente vieram diversas questões. Como aquela espada, que havia sido destruída, estava de volta às mãos do mago Éesper? Se Elsydeon era mesmo aquela espada, e se os resíduos dela não permaneceram no grande abismo, o que terá acontecido de fato com o portal que havia libertado a Escuridão no passado? Sua mente

trabalhava com o propósito de responder esses enigmas, porque essa poderia ser a chave para o fim da guerra.

- *Não vou me deixar abater tão fácil, velho arrogante!* – Iniciou reassumindo a postura altiva de general. – *Nas sombras existem espadas tão perigosas quanto essa relíquia desgastada que você usa!* – Provocou a criatura, unindo suas mãos, e fazendo nascer de sua própria essência uma espada que parecia uma extensão de seu próprio corpo, escura e com alguns pequenos pontos luminosos em sua lâmina negra.

- *Vamos dançar*, respondeu Lutz com um sorriso malicioso, assumindo uma postura de ataque, enquanto o sol Algol já escondia metade de sua luz atrás das montanhas do horizonte, evidenciando o crepúsculo que antecedia a noite gelada do deserto.

Em Piata, do outro lado do planeta, os Éser se agrupavam em torno do recém revivido Marius, ajudando-o a se erguer, ainda tonto e desequilibrado, mas já consciente e com o corpo e a saúde renovados.

- *Onde está o mestre Orakio? E Hasgard? Alguma evolução no seu quadro?* – Perguntava Marius enquanto os magos lhe inteiravam rapidamente sobre os últimos acontecimentos.

A preocupação de Marius era crescente, pois sabia que sem Hasgard ou Orakio para liderar o grupo, estariam todos em grande perigo. Olhou ao seu redor e recordou o massacre que havia devastado a cidade, observando prédios completamente demolidos, outros com alguns andares em chamas, ruas destruídas, calçadas arrancadas dos chãos e milhares de corpos ao seu redor até sumirem de vista. A chacina não pôde ser e-

vitada, e agora estavam presos em Motávia, sem abrigo ou comida, com a Landale II inutilizada e sem qualquer ideia sobre o que deveriam fazer.

– *Sakin, Akino... meus irmãos... será que não há sobreviventes nessas terras destruídas?* – Indagou o mago a dois magos mais próximos, que se aproximaram prontamente. – *Uma cidade inteira devastada dessa forma é algo indescritivelmente triste... mas deve haver vida em algum lugar nesse cemitério gigante. Deve haver algo que possamos fazer por alguém aqui.* – Completou, baixando lentamente o capuz, revelando seus cabelos curtos e prateados. A dupla, concordando imediatamente com a possibilidade levantada por Marius, partiu em direção ao centro de Piata, à procura de sobreviventes.

Antes que os demais pudessem discutir os próximos passos, foram todos surpreendidos por uma imensa nuvem escura, aproximando-se em grande velocidade, vinda dos céus ao norte, destoando do aspecto do céu, que quase não apresentava nuvens naquela manhã.

Boquiaberto, Marius se inclinou para observar a grande nuvem negra, com movimentos sobrenaturais, e entendeu que aquilo era um aglomerado de criaturas malignas que estava se aproximando, possivelmente para atacá-los, uma vez que o líder dos monstros já havia capturado Orakio. Sua surpresa fez seu sangue gelar e uma gota de suor escorreu sobre sua testa, deslizando pela lateral do seu rosto, enquanto iniciava uma oração silenciosa.

Pediu aos espíritos protetores de Algol que os ajudassem nessa batalha em que não tinham chance alguma de sobrevi-

vência. Pediu que a paz fosse restaurada através do merecimento dos algolianos de bom coração, e que o planeta que ele tanto sonhou um dia conhecer fosse poupado do destino que Palma sofreu.

Sua prece íntima prosseguia, e os demais magos iniciavam seus encantos de proteções e barreiras diversas, de modo a retardar os ataques ou reduzir o poder destrutivo da magia negra do exército que já estava bem mais próximo.

E quando parecia que não havia mais esperanças, todos foram surpreendidos com uma voz familiar, mas com um alcance incrivelmente ampliado.

- *Fogo Santo!!* - Gritou Hasgard que se ergueu entre os magos, levantando os braços para o alto com as mãos espalmadas e um olhar cortante, em direção à nuvem escura. - *Eu sei o que vocês fizeram no passado, criaturas das trevas!! E vou, ao lado dos meus irmãos, mandá-los de volta para o abismo do qual nunca deveriam ter saído!! Avante, Éssper!!* - Provocou o grupo que respondeu com um rápido e potente grito de guerra, seguido de rajadas de diversas mágicas de fogo, gelo, magnetismo e eletricidade, que saíam das pontas de seus cajados em direção aos monstros que começavam a se materializar, já bastante próximos do grupo.

A alegria no coração de Marius foi imediata, com a surpresa do retorno de seu líder, que despertava de um sono inexplicável. Acreditava que tudo tinha um propósito, principalmente quando se tratava do representante de Lutz nessa geração. Suas preocupações agora estavam voltadas ao desfecho da batalha, que mesmo com a presença de Hasgard, não

poderia ser previsto. Mas não recusou o impulso de um largo sorriso, e da comoção com o consolo de que agora não estavam mais sozinhos.

As Forças Negras chegaram, com suas garras abertas, com o propósito de esmagar os magos, quando foram jogadas aos montes para todos os lados, por uma luz incrivelmente forte, que cegou a todos por alguns instantes. De todos os Éesper, Hasgard foi o único que não se protegeu do fenômeno inesperado, reagindo apenas com um sorriso contido, mantendo a postura firme de quem tem a vantagem numa guerra. E para a surpresa maior de todos os magos, uma criatura de fogo e luz, com algumas placas flutuantes ao seu redor, lembrando partes de uma armadura, se instalou entre os Éesper e o exército de demônios, que se reagrupava depois do choque sofrido.

– Essa luta não passará deste dia, seres de puro mal. Ordeno que se rendam e retornem ao selo que prende e adormece sua mãe doente. Assim falou Le Roof. – Disse a criatura de luz enquanto os monstros rosnavam e exibiam os dentes, como cachorros rai-vosos, porém sem avançar.

Os magos se reergueram ainda surpresos, mas com as esperanças renovadas, e a certeza de que a sorte e as chances haviam se invertido, pois nunca haviam visto um Rykrano antes, mas sabiam o poder que esse povo dominava. Essa certamente era a resposta às suas desesperadas preces.

Do outro lado do planeta, porém, a luta ainda era bastante equilibrada entre Orakio e Falz, que trocavam golpes de espada com o crepúsculo como cenário de fundo. As primeiras estrelas já apareciam no céu, enquanto se golpeavam e defen-

diam as investidas do adversário, em meio a gritos intimidadores e rangeres de dentes.

Nenhum dos dois ostentava físico avantajado, tendo ambos uma aparência mais franzina e força mediana, equilibrando ainda mais a batalha que se estendia por vários minutos.

Orakio, ainda com a aparência de Lutz, havia levado um corte no braço direito, enquanto Falz estava com a perna esquerda sangrando.

Ambos lutavam com suas espadas, e cada golpe enfraquecia a defesa do outro. O cansaço já era evidente de ambas as partes, mas permaneciam atentos, golpeando e defendendo investidas com grande determinação.

O brilho emanado por Orakio já havia se dissipado, e o general das trevas estava cada vez mais magro. Eram indícios de que suas energias começavam a se esgotar. O suor no rosto do mago entregava sua fadiga, alimentando em Falz o pensamento de um golpe fulminante num momento de distração.

Com o aumento do brilho das estrelas e os últimos minutos de luz do que restava do sol Algol no horizonte, Orakio cedeu ao cansaço, deixando Elsydeon cair no chão.

Falz, por sua vez, também andando com dificuldade, abriu os braços em pose de deboche, questionando a atitude do oponente, e emitindo uma grave e sarcástica risada. Recuperou a postura de ataque e desferiu um golpe mortal no pescoço do mago Lutz, que já começava a retomar a aparência de ancião.

Porém, seu golpe não alcançou o inimigo, tendo esbarrado em uma proteção mágica que parecia uma redoma de vidro

com flocos de neve circulando ao seu redor. Elsydeon estava, mais uma vez, interferindo no destino de Algol. E foi nessa brecha de surpresa que Orakio ergueu o cajado que foi novamente materializado em sua mão direita, num golpe rápido que posicionou o cristal de sua ponta na boca do monstro. “Foi”, gritou Orakio antes de ver seu adversário tombar, com a cabeça em chamas, para seu lado direito, antes de cair, por sua vez, para o lado esquerdo, completamente esgotado e já aparentando novamente sua verdadeira idade, e sua longa barba branca.

DOR, RESENTIMENTO E LAÇOS DE FAMÍLIA

D.W. 3183 – 18/07

Marius observava a determinação de Hasgard, recém despertado de um transe misterioso que o manteve desacordado por horas, e se perguntava sobre o que estava, de fato, acontecendo. Desejava que seu papel tivesse uma importância positiva naquela batalha. Aquela luta certamente era diferente de todas as outras que os palmanos já haviam enfrentado. Era uma ameaça com características de vingança contra os povos inteligentes de Algol, e não apenas uma tentativa de conquista ou libertação da Escuridão. O selo não estava mais enfraquecido, e o ciclo de mil anos não deveria se repetir. Porém, era curioso o fato de haver tantas Forças Negras livres, reunidas como nunca na história havia sido registrado, exceto em lendas e contos antigos sobre a origem dos mundos.

A permanência dos Éesper em Dezóris nos últimos milênios não era por um acaso. A natureza religiosa dos dezorianos agregava conhecimentos às práticas místicas dos magos, que passaram a entender a origem e as motivações da guerra que atravessava gerações. Entre esses conhecimentos, o acesso ao mito do deus Uth, e sua divisão em duas entidades que foram posteriormente batizadas de “A Grande Luz” e

“Escuridão Profunda”. Essa batalha teria dado origem ao sistema solar de Algol, tendo como resultado a prisão da Escuridão e o sono da Luz. História questionável, pois foi passada de geração a geração entre os dezorianos, sendo passível de alterações no decorrer dos séculos, podendo ainda ter tido sua origem no imaginário popular antigo, mesmo que algumas evidências tivessem sido notadas no decorrer dos últimos tempos.

Com a descoberta desse novo exército de entidades malignas, Marius começou a considerar a possibilidade da existência de um povo originário da Escuridão, assim como os povos de Algol são vistos como “filhos” da Grande Luz.

A batalha ganhava proporções, com gigantescas criaturas de luz e sombra chocando, emitindo rajadas de fogo e sombras para todos os lados, em meio aos destroços e placas de concreto que antes eram ruas. Magias de todas as formas e cores se manifestavam entre as inúmeras formas de vida sobrenaturais que se enfrentavam naquele cenário que até pouco tempo não passava de um cemitério em ruínas.

Tentando entender a sua participação nessa guerra, ainda atormentado pela culpa por ter se deixado dominar pela Sombra, numa manobra que levou os Éesper para uma emboscada que quase os destruiu, Marius buscava algo que pudesse ser feito para compensar suas faltas, ou ao menos para aliviar sua consciência, de modo que pudesse sentir que ainda era honrado o suficiente para permanecer em sua ordem.

Seus pensamentos, nesse momento, eram mais altos do que o som estridente das explosões e rajadas da guerra que o

cercava. A imagem de Hasgard, ali parado, no meio do fogo cruzado, altivo e resignado, assistindo de perto o embate que definiria seus destinos, levou Marius a imaginar se um dia conseguiria seguir aqueles passos. Ao mesmo tempo, preocupava-se com Orakio, o ancião, que havia sido levado pelo mais letal entre os demônios que enfrentavam, e sua angústia tornava-se ainda maior com a ausência de notícias sobre seu paradeiro.

Alguns magos procuravam abrigo nas sombras dos prédios tombados e construções arruinadas, enquanto os gêmeos Akino e Sakin, dois jovens Éssper, retornavam, esgueirando-se pelas sombras e evitando os resíduos da batalha que prosseguia entre as entidades que se degladiavam.

- *Marius!! Encontramos um sobrevivente!* - Gritou Akino próximo ao ouvido do colega, que mal conseguia escutar, devido aos grandes estrondos que se sobrepunham por todos os lados. - *Está gravemente ferido, mas ainda pode ser salvo com algumas técnicas mágicas combinadas. Precisamos de sua ajuda!* - Concluiu puxando-o pelo braço.

Os gêmeos eram brancos, magros, de rosto redondo e amigável. Seus cabelos azuis claros e bastante compridos chamavam a atenção, mesmo presos logo atrás do pescoço, por quase alcançar a cintura e possuírem um brilho diferenciado. Seus olhos verdes, redondos e grandes completavam a aparência jovial da dupla, que estava sempre unida em quaisquer situações.

Marius se pôs entre os irmãos e seguiu correndo, olhando rapidamente para trás e vendo Hasgard fitar-lhe fixamente por

alguns instantes, com um suave sorriso. Quase pôde ouvir seus pensamentos, e entendeu rapidamente a benção que seu mestre explicitou naquele simples gesto. Uma lágrima de felicidade deslizou pela sua face direita, enquanto corria em direção ao ponto indicado pelos colegas, em socorro de uma vítima inocente. Seu coração estava restaurado, junto com seu novo corpo físico. Um presente dado por Orakio e Hasgard, seus dois mentores, e uma dívida que jamais seria capaz de pagar.

Chegando aos destroços que antes eram o campus da Universidade, entre os muitos mortos, havia mesmo um homem caído. Com o corpo muito queimado e uma ferida mortal na garganta, dava seus últimos suspiros de vida. Seria difícil, até para familiares, o reconhecimento daquela vítima, que sofria desde a noite anterior, com o corpo tão debilitado. O sofrimento sensibilizou o trio de magos que imediatamente iniciou o ritual de “Regen”, com o propósito de restaurar a saúde do homem que morreria em pouco tempo.

A prática dessa técnica mágica possuía um efeito colateral que ocorria especialmente em situações mais graves de regeneração celular. As lembranças e os sentimentos do paciente, em alguns casos, passavam como um filme na mente dos aplicadores da técnica, podendo ser apenas impressões passageiras ou mesmo memórias permanentes.

– *Ressurreição de Palma??* – Gritou Sakin em surpresa, quase quebrando a corrente da técnica que ainda estava em execução.

- *É, meu amigo* - Respondeu Marius - *Parece que essa guerra é muito mais complexa do que imaginávamos!* - Exclamou observando rapidamente o colega, pelo canto do olho, enquanto o corpo do senhor começava a apresentar indícios de que estava, enfim, sendo restaurado.

Em algum outro ponto do tempo, Allyia e Romulus se mantinham abraçados enquanto raios vermelhos se entrelaçavam à sua volta, formando uma redoma. Do lado de fora, várias imagens passavam rapidamente, mostrando o que pareciam ser acontecimentos passados e futuros. Os dois antigos amigos seguravam um ao outro, num forte abraço, demonstrando nítido medo sobre onde aquilo os levaria.

- *Rom?? Rooooom!!* - Repetia Allyia enquanto seu corpo nu tremia, abraçado ao seu amigo. - *Eu sou uma ameaça, Rom!! Me mata!! Me mata enquanto ainda dááááá...* - Tentou continuar, sendo silenciada pela lufada de vento e pelos rodopios que os dois faziam no ar, tirando seu fôlego e levando o som de sua voz para longe.

- *Me abraça, Allyia!!* - Gritou Romulus, enquanto apertava contra si o corpo frágil da jovem. - *Nós vamos sair daqui!!* - Finalizou buscando em seu bolso o segundo frasco com a solução que carregava para levá-los para casa, ao final da viagem no tempo. Ao conseguir tatear o recipiente, no bolso de sua calça, imediatamente chocou o braço com o máximo de força na perna, quebrando o vidro e liberando o fluido mágico.

Hasgard, sentindo que aquele seria o último instante em que estaria em ligação mental com Romulus, passou instru-

ções para o professor que imediatamente empurrou Allyia para trás, afastando-a de si, espalmando suas mãos em sua direção, repetindo dizeres que eram ditados em sua mente, antes de gritar com os olhos esbugalhados o termo “Palavra Santa”, emitindo em seguida uma luz verde, em forma de símbolo, atingindo a amiga no peito.

Tudo ficou branco para Romulus, e vieram à sua mente as melhores lembranças com a amiga, a jovem que havia resgatado de um linchamento, e que era sua única confidente.

Recordou o dia em que conseguiu alugar uma casa próxima à sua, dando à jovem uma dignidade até então nunca experimentada. Lembrou a primeira conversa que tiveram sobre sua vida até então solitária, desde que seus pais haviam morrido e ele havia começado a trabalhar e estudar, para sobreviver. E veio à sua mente o dia em que Allyia o apoiou integralmente, quando decidiu que assumiria a missão de salvar o futuro de Algol, mesmo que para isso tivesse que sacrificar sua realidade e sua história. Mas seus pensamentos foram subitamente interrompidos por um forte impacto na barriga, seguido de uma forte dor na região do abdômen.

– *Finalmente!* – Tripudiu a Sombra. – *Finalmente uma atitude de homem! Tudo bem que dependeu do mago imbecil. Mas mesmo assim estou orgulhosa. Orgulhosa e feliz, meu amor!! Agora conheço o composto que você carregava como “passagem de volta”, e isso vai nos garantir uma aventura inesquecível.* – Sorriu, enquanto passava a mão nos cabelos, jogando-os de um lado para o outro, como se fizesse charme, olhando para Romulus com um ar quase infantil. – *Você me deu a chave para o que antes ne-*

nhum de nós era capaz de fazer. Você me deu a chave para controlar o tempo!! – Finalizou aos pulos, enquanto o professor, ainda sentindo muita dor, via-se imobilizado e incapaz de se movimentar ou reagir.

Subitamente, o cenário externo ao cerco formado pelos raios vermelhos que os mantinham conectados tomou uma forma nítida e familiar. Era o campus de Piata. Romulus reconheceu imediatamente o prédio da reitoria, que estava cercado por criaturas gigantescas, feitas parcialmente de fumaça escura, com garras e dentes desproporcionais, disparando ondas negras para todos os lados.

– Não. Não é verdade. Esse é o presente. Eu não deixei Piata nessas condições. Você não pode ter feito isso!! – Gritou Romulus, já sentindo em seu coração o desespero da culpa, por ter iniciado uma jornada que resultou na desgraça de toda uma cidade. *– Pare!! Faça isso parar! Allyia!! Me ouça!! Pare com isso!!* – Implorou aos prantos, com os punhos cerrados, ainda preso a uma rede de energia vermelha.

– Eu!? Mas quem fez tudo isso foi você!! Eu só peguei carona na viagem de vocês, meu amor! – Debochou enquanto assumia novamente a forma física demoníaca, com a pele escura, em forma de couraça, como se seu próprio corpo fosse uma espécie de armadura. A fumaça ao seu redor dificultava ver os detalhes, mas seus olhos brilhantes se destacavam em meio à imagem turva. *– Você é incapaz de perceber que eu não sou uma. Somos duas, meu bem! Eu e Allyia agora somos parceiras. Os tormentos de sua alma frágil me fortalecem. E seu corpo...* – Nesse momento parou por alguns segundos, transmutando seu cor-

po rapidamente para a aparência de Allyia, e deslizando suas mãos para a região do seu sexo, tocando-o enquanto soltava um longo suspiro. – *Ah... esse me dá prazer e forças para suportar essa magia maravilhosa que você me ensinou!* – Finalizou retornando sua forma original mais uma vez, numa alternância que causava ainda mais confusão à mente do seu inimigo.

Os pensamentos de Romulus para tentar digerir o que estava presenciando foram interrompidos por uma forte explosão de seu lado direito, seguido de uma forte luz. Era o prédio da reitoria que explodia, em seus andares superiores, revelando a figura do reitor Yoz, caindo de uma altura considerável, atingindo o chão com grande impacto, e algo cravado no pescoço. Mas antes que pudesse dizer ou pensar, avistou o General Phallus, saindo das chamas do prédio, vindo em sua direção, flutuando em sua própria fumaça negra.

O pânico do professor era crescente. A universidade e a cidade estavam sendo destruídos, enquanto pessoas eram jogadas para o alto ou desintegradas com raios de várias naturezas, prédios tombavam, e explosões ocorriam em toda parte. Mas naquele momento, a figura do demônio voando em sua direção foi ainda mais forte do que a chacina que o cercava, além da redoma de energia. Porém, sua surpresa foi ainda maior quando percebeu que o demônio passou por eles, atravessando a redoma, ressurgindo do outro lado e seguindo adiante, como se não os percebesse, causando de certa forma um alívio momentâneo.

– *E você ainda pensou que poderiam nos ver? Estamos além do tempo, meu bem! Eu e você. Aliás, nós três... somos o próprio tempo.*

- Completou a Sombra, sorrindo e abrindo os braços, convidando Romulus a olhar ao seu redor mais uma vez.

- *Tire Allyia desse jogo, maldita!* - Gritou o professor em resposta. - *Ela é inocente e pura. É uma irmã pra mim! Faça o que quiser comigo, mas liberte-a!* - Ordenou cerrando os dentes com olhar fulminante enquanto as lágrimas ainda percorriam seu rosto sujo.

Antes que a Sombra pudesse responder, porém, pôs sua mão na barriga, soltando um breve suspiro, enquanto contraiu suavemente o corpo, denotando dor. Respirou fundo duas vezes e repetiu o movimento anterior, com novo suspiro, antes de olhar assustada para o professor com a boca entreaberta.

- *Chegou a hora.* - Soltou antes de se contorcer em dor mais uma vez. - *La Shiec vai nascer de novo.*

GÊNESE

D.W. 3183 – 18/07

Akino e Marius, ainda enfraquecidos, ajudavam o homem recém curado pela técnica mágica Regen, erguendo e sustentando o sobrevivente do massacre, enquanto Sakin os dava cobertura até chegarem a um abrigo que os protegesse dos disparos mágicos e dos destroços que voavam para todos os lados.

Hasgard, do outro lado da batalha, tentava insistentemente fazer contato telepático com Orakio, depois de tomar conhecimento de seu desaparecimento e de ser informado que o ancião era o verdadeiro Lutz, reencarnado. Essa informação mudaria o curso da batalha, dando aos Éesper uma vantagem ainda maior contra as forças da Escuridão, que agora enfraqueciam exponencialmente.

Sua concentração, no meio do campo de batalha, sem se esquivar ou buscar proteção, era algo que intrigava e preocupava os outros magos, que temiam pela segurança de seu líder. Mas seus pensamentos estavam completamente voltados para o amigo que o havia ensinado suas primeiras magias. Seu antigo professor e eterno conselheiro, era enfim aquele que

mantinha a chama Éesper acesa, mesmo depois de dois mil anos de sua primeira existência no mundo dos vivos.

- *Hasgard?* - Ouviu o mago depois de exaustivas tentativas de contato mental. - *Que bom que você já está entre nós novamente.* - Continuou Orakio, falando diretamente na consciência do mago que permanecia no meio da rua, em cima de uma placa de concreto elevada. Mantinha ainda a mão esquerda em sua têmpora, numa tentativa de filtrar os sentidos e melhorar a comunicação telepática. - *Sua viagem ao passado foi de suma importância. Nesse momento, o filho da Sombra está prestes a nascer, e cabe a você impedir que isso aconteça. Nosso contato no passado possibilitou que você e eu compartilhássemos algumas habilidades mágicas que seus colegas jamais experimentarão. Uma magia antiga de poder indescritível agora flui em suas mãos. E será essa arma secreta que você usará para pôr um fim nessa guerra, destruindo a Sombra de uma vez por todas.* - Concluiu o ancião.

- *E quanto a você, velho amigo?* - Hasgard mudou de assunto, em um tom doce e cheio de preocupação. - *Onde você está nesse momento?* - Perguntou com medo da resposta, fechando os olhos numa tentativa vã de localizar o ancião através da comunicação mental.

- *Não importa, irmão. Estou velho nesta existência, e minha essência já está preparada para ser incorporada à esfera telepática. Por isso, continue a ser o Lutz desta geração, e mantenha nosso grupo inspirado e forte. Meu tempo neste mundo, mais uma vez, está no fim.* - Explicou enquanto Hasgard deixava as lágrimas rolarem pelo seu rosto, olhando para o infinito, entendendo que aquilo seria uma despedida. - *Nenhuma técnica mágica poderá me*

restaurar, pois além dos ferimentos da batalha, meu corpo também já pede descanso da vida. Mas não se preocupe com isso. O importante é que Falz, aquele que enfrentou Alis Landale e que era o líder de todos os demônios, está agora morto à minha frente. A Força Negra original não existe mais. E agora é a minha vez de deixar esse mundo.

- Espere! - Interrompeu Lutz subitamente. - Antes disso, meu amigo, eu preciso lhe contar uma coisa. - Parou por um segundo, prosseguindo depois de um suspiro, enquanto enxugava as lágrimas com a mão esquerda. - Os rykranos estão aqui. Eu os chamei. Durante a viagem de volta ao presente, fui jogado numa espécie de túnel do tempo que me permitiu criar uma rota, digamos, alternativa. Fiz contato com os Rykranos e os chamei para nos auxiliar. - Terminou com um sorriso suave no rosto, imaginando que a notícia alegraria o coração do verdadeiro Lutz, antes de sua partida definitiva.

- Eu não esperava menos de você, meu garoto. E tenho uma surpresa pra você também. - Disse em tom de leve entusiasmo. - Fui eu quem lhe mandou ao passado. E as visões... eram para lhe abrir os olhos sobre sua verdadeira missão. - Revelou o ancião renovando as esperanças de Hasgard. - Você é o novo Lutz, como os demais foram, meu amigo. E é um verdadeiro líder. Sua importância é talvez até maior que a minha, pois é você a verdadeira arma secreta. Só precisava desse pequeno empurrãozinho. Espero que me perdoe, no fim das contas. - Finalizou enquanto Hasgard era capaz de imaginar o sorriso maroto de Orakio.

- Perdão não é necessário quando o amor prevalece. - Respondeu Hasgard, soltando um sorriso um pouco mais largo

enquanto novas lágrimas desciam em seu rosto paralisado. – *Os Éesper o amam, Lutz. E assim sempre será. Seria impossível não amar. E eu...* – Pausou num breve soluço. – *Eu só posso agradecer.* – Concluiu se entregando à emoção.

Nesse momento Hasgard sentiu o elo telepático se desfazer. Havia entendido, naquele instante, que seu antigo mestre já não estava mais entre os vivos, e seu coração sentiu o baque pela perda irreparável que acabara de sofrer.

No campus da universidade, os magos finalmente haviam encontrado um abrigo numa lanchonete destruída, e assistiam à destruição por um janelão de vidro, enquanto o sobrevivente descansava deitado em quatro cadeiras enfileiradas, formando uma cama improvisada.

– *E eu sei o que Romulus foi fazer no passado.* – Iniciou o homem, ainda deitado devido a tontura e o mal estar que ainda experimentava. – *No encontro de mestres...* – continuou com certa dificuldade – *ele falou sobre Palma e a importância que o planeta tinha nos eventos trágicos que assolaram nosso povo.* – Engasgou por um segundo, continuando em seguida, enquanto os Éesper se aproximavam para ouvir. – *E ele sabia o que fazer pra evitar essa desgraça, mas eu não acreditei nele.* – Lamentou, com dificuldade de respirar. Por estar acima do peso, tinha dificuldades de falar quando deitado daquela forma, com o corpo virado para cima. – *Eu sou amigo de Romulus Saunders. Na verdade... Cof! Cof! Eu sou seu antigo reitor.*

Nesse momento, antes que os Éesper pudessem perguntar mais sobre o que o homem os revelava, foram surpreendidos por um clarão diferente, no meio do que antes era a praça

central. Foram até o janelão para acompanhar e entender o que acontecia, e viram a luz ceder, formando a imagem de uma grande redoma de energia, cercada por raios vermelhos e intermitentes que se cruzavam e se movimentavam, numa manifestação mágica nunca vista. Dentro dessa redoma, porém, duas formas humanóides intrigavam ainda mais o grupo, que não fazia ideia do que poderia ser aquilo.

Sakin observou atentamente, usando uma técnica mágica que ampliava sua capacidade de visão. Identificou a presença de um homem completamente nu, preso no que seria uma rede de raios vermelhos, de frente para uma figura feminina, com a pele em tom azul escuro, usando o que parecia ser uma armadura da mesma cor, com espinhos e protuberâncias em algumas extremidades. Mas o mais impressionante era que a criatura em questão parecia estar grávida e em trabalho de parto.

Marius, ansioso por entender o que se passava, perguntou ao colega o que ele estava vendo, com certo nervosismo. E ao ouvir os detalhes do que podia ser visto além da redoma, disparou para fora da lanchonete, correndo em direção ao fenômeno mágico, invadindo a praça e se aproximando o suficiente para que pudesse, ele mesmo, reconhecer a criatura que o havia escravizado por tanto tempo.

- A *Sombra...* - Disse o mago, cerrando os dentes numa expressão de ódio. E não perdeu tempo em se preparar para iniciar seu primeiro ataque. - *Effess!!* - Gritou com fúria, emitindo uma imensa onda de luz que seguiu em direção à barreira mágica, que não sofreu qualquer abalo.

Sem forças, ainda fraco pela magia que salvara o reitor Yoz, tombou no chão, caindo com o rosto no gramado, sem ser notado pela criatura que se contorcia de dor.

O céu então começou a ficar cada vez mais escuro, como se um eclipse estivesse cobrindo a luz de Algol, permanecendo sem estrelas, embora também não houvesse nuvens para cobri-las. Os soldados do General Phallus, recuando dos ataques dos rykranos, deslocaram-se para o local onde a redoma de energia pairava, assumindo postura defensiva, como se a estivessem protegendo.

Akino, vendo Marius caído próximo aos raios que cercavam a Sombra, correu em seu auxílio, disparando algumas rajadas de fogo de seu cajado, para tentar se proteger da aproximação dos demônios que agora se aglomeravam ao redor daquela imensa manifestação mágica. Mas antes que pudesse chegar ao amigo, foi atingido pela garra de um dos demônios e caiu desacordado com dois grandes cortes em suas costas.

Marius avistou o companheiro no chão e sentiu, naquele momento, que o destino daquela luta poderia depender apenas dele. Havgard, ao longe, corria para se aproximar do novo campo de batalha, acompanhado pelos demais magos, que erguiam seus cajados e se preparavam para um grande ataque organizado.

Sakin, por sua vez, protegia o homem que continuava desacordado, utilizando as magias Deban e Warlla, assistindo impotente à queda do irmão, no meio do campo de batalha onde seus amigos se sacrificavam pelo bem de Motávia. Porém, seu senso de dever e responsabilidade para com o único

sobrevivente de Piata falava mais alto, e ele, mesmo contra sua vontade, não foi ao auxílio do seu irmão, pela primeira vez em toda a sua vida.

Enquanto isso, Marius, ainda se recuperando da fadiga, aproximava-se sorrateiramente, entre as pedras que o camuflavam, enquanto os rykranos disparavam raios e rajadas de fogo contra as criaturas outrora conhecidas como “Forças Negras”. Na ausência do General Phallus, os monstros agiam deliberadamente, sem qualquer estratégia definida, enquanto os guerreiros de fogo, liderados por Le Roof, avançavam destruindo a tropa negra que protegia a redoma onde a criatura feminina mantinha Romulus como prisioneiro.

– *Você não é digno, rato!* – Gritou a Sombra em meio a gemidos de dor. – *Sua presença aqui apenas garantirá minha segurança e do meu filho!* – Continuou ainda falando com dificuldade. – *Será meu refém até que o nosso salvador tenha nascido!* – Terminou, deitando a cabeça para trás, abrindo ainda mais as pernas, num preparo para a próxima contração.

Romulus não era capaz de se mexer. Tanto pela perplexidade que a situação lhe causava, quanto pelo efeito da magia da criatura na qual Allyia havia se transformado. Sua angústia era crescente, mas era incapaz de sequer tentar reagir, tamanho era o transtorno que experimentava. Não ousava falar, sendo mantido laçado por feixes luminosos que o suspendiam no ar, com braços e pernas esticados.

Não podia ver o que acontecia fora da redoma. Via apenas cenários de batalhas entre a Luz e a Escuridão, intercalando-se e sobrepondo-se, como vários filmes em telas que se moviam

desordenadamente. Cenas envolvendo Alis Landale, Reipard La Shiec, uma versão luminosa da Sombra, projetada como um holograma, enfrentando um grupo de jovens, uma grande guerra entre máquinas e monstros, a explosão de Palma, a inundação de Motávia, entre tantos outros momentos de batalha e catástrofes que se sucederam através dos milênios. Esses momentos no tempo estavam agora todos interligados numa chuva de imagens aleatórias, parecendo culminarem naquele momento perdido do tempo.

De repente, um choro agudo e forte interrompeu os pensamentos de Romulus e pareceu paralisar o tempo por completo, gerando um sentimento nunca antes experimentado pelo professor. Uma criança surgiu nos braços da Sombra, emanando uma luz branca e uma aura de pureza que contrastava com a maldade da criatura que acabara de dar a luz. Era uma menina.

- *Luz?? Como luz?? Como pode ser luz? O que isso quer dizer?* - Perguntava-se a Sombra, visivelmente transtornada, com a criança em seus braços, olhando para os lados em desespero, tentando entender o que acontecia. Seu pânico era latente e sua expressão agora era de medo e surpresa.

Romulus chorava emocionado ao ver que as esperanças que o alimentavam em sua jornada não estavam perdidas. Algo estranho mas positivo estava acontecendo. E não demorou para que o transtorno da Sombra fosse refletido na magia que os mantinha isolados do mundo exterior. Os raios vermelhos perdiam intensidade, e a rede elétrica que o segurava já se mostrava mais flexível. Aos poucos, era possível ver novamen-

te a guerra no centro de Piata, mas agora com os demônios sendo aniquilados por seres luminosos que pareciam anjos dos contos que sua mãe lhe havia ensinado em sua infância. Em pouco tempo, conseguiria reagir àquilo e se livrar da prisão imposta pela criatura maligna.

Porém, antes que pudesse tentar qualquer coisa, foi atingido por uma energia incrivelmente forte que vinha de suas costas, e que destruiu completamente a redoma, com um fogo mágico que passou numa velocidade e intensidade jamais vistos. Pensou ter escutado, em meio aos gritos em forma de coro, uma palavra que havia lido em seus estudos sobre o passado de Algol: “Megid”.

Os raios que o cercavam não existiam mais, e ele tombou de uma altura que equivalia ao triplo de sua altura, sentindo o impacto e fechando os olhos por alguns instantes, em função da dor. Porém, lembrando da criança que acabava de nascer, procurou se reerguer. Procurou rapidamente a Sombra, avistando-a e percebendo que ainda segurava a criança, mas estava caída no chão. Porém, antes que Romulus pudesse se aproximar, viu um braço cruzar o pescoço da criatura, seguida da figura de um mago Éesper, surgindo por trás.

- *Estou aqui, “meu amor”. Voltei para garantir que você receba de volta tudo o que me deu.* - Disse Marius, antes de cortar a garganta do monstro com uma adaga, amparando em seguida a criança, que já quase caía dos braços da Sombra, que tomou de lado, com os olhos esbugalhados.

- *Nãããã!!* - Gritou Romulus, que levantou rapidamente, correndo em direção à criatura que sangrava um líquido verde

escuro. – *Allyia!! Nããã!!* – Chorava segurando o monstro em seus braços, enquanto Marius se afastava lentamente, sem dar as costas, com a criança nos braços.

Hasgard, ao ver Romulus, sentiu uma alegria que não saberia explicar. A magia Megid, ensinada por Lutz, havia funcionado. Ele havia libertado o professor e a criança, enquanto os rykranos destruíam os últimos demônios. A Sombra, ferida, não seria capaz de sair dali, e morreria em alguns instantes. A vitória foi alcançada. Mas o sofrimento do homem que iniciou toda essa batalha o comovia. Perder a amiga que o motivava a mudar o mundo não era justo. Algo precisava ser feito. “Mas o quê?”, perguntava-se o mago.

Antes que a resposta viesse, porém, a Sombra assumiu a forma de Allyia, ainda com o ferimento mortal no pescoço, e abraçou Romulus, sussurrando em seu ouvido enquanto mexia com a ponta dos dedos em seus cabelos verdes e bagunçados.

– *E-eu disse que você ia precisar de mim. N-não disse?* – Começou a jovem, ainda abraçada, e falando quase sem voz, bem próximo ao ouvido do professor. – *A Sombra queria destruir tudo. E eu não deixei. Ela assumiu meu corpo, mas nunca deixei que assumisse meu coração. Eu s-só precisava esperar um momento de fraqueza. E agora ela está morta.*

– *Nós vamos salvá-la, Allyia. Não é o fim. Eu prometo.* – Retrucou Romulus com seu rosto coberto por lágrimas, abraçando a amiga.

– *Não. Não é o fim. Mas minha vida acaba aqui, Rom. E-eu não posso viver. A Sombra viveria através de mim. Você não disse*

que queria salvar o mundo? Estou fazendo a minha parte. Faça a sua. Crie Lyana como se fosse sua filha. E não deixe que ela seja parte dessa loucura. – Pediu, antes de fechar os olhos e deitar a cabeça no ombro de Romulus, enquanto a vida finalmente deixava seu corpo.

O professor baixou a cabeça e chorou copiosamente. Sentia em seu coração uma pálida alegria por saber que Allyia não era o monstro que acreditou que ela teria se tornado, mas não saberia lidar com a perda de sua única amiga de verdade.

Nesse momento, sentiu uma mão em seu ombro e ouviu uma voz familiar. – *Você estava certo, amigo. Peço perdão por não ter lhe dado ouvidos, mas prometo que vou fazer o possível para reparar o meu erro.* – Disse o homem, com um sorriso pálido no rosto, comovido com o sofrimento do amigo, mas feliz por vê-lo novamente.

Ouvindo essas palavras, Romulus levantou a cabeça lentamente e olhou nos olhos de Yoz, seu antigo reitor. – *Allyia está morta. Pra mim, nada mais importa.* – Baixou a cabeça, enquanto o antigo colega de trabalho tentava consolá-lo de alguma forma.

Sakin e Akino se aproximaram de Marius, observando a criança iluminada que acabara de nascer. O céu voltava a clarear, e o último demônio caía morto sob os pés de Le Roof. A criatura de luz se aproximou então de Hasgard, que assistia à tristeza de Romulus, impotente.

– *Temos trabalho a fazer, Hasgard. Sua missão ainda não está concluída, e receio que a do seu amigo também não. Essa criança será o futuro de Algol, e deverá crescer aqui. Já Rykros...* – Pausou,

olhando rapidamente para os céus. – *Bem... tudo tem seu fim. É chegada a hora de iniciarmos uma nova época.* – Finalizou com certo saudosismo.

– *Será essa a saída, Le Roof? Destruir para construir?* – Indagou Hasgard, olhando para a criatura de luz que tinha pelo menos o dobro de sua altura, franzindo a testa em preocupação.

– *Sim, meu jovem.* – Rykros foi tomado por criaturas malignas e seu solo já não é mais sagrado. E nosso tempo como guardiões chegou ao fim. Nunca antes fomos atacados por tantos demônios com esse poder. Porque esse foi um ataque desesperado. Uma última tentativa. Afinal, a Escuridão já não se comunica mais com eles. Foi adormecida novamente, e não deverá acordar tão cedo. É o fim da guerra, por ora.

– *Por ora?* – Perguntou Hasgard em tom de surpresa, levantando as sobrancelhas em espanto.

– *Sim. O equilíbrio entre o que é bom e o que é ruim sempre existirá, ora pendendo para um lado, ora pendendo para o outro. Devemos combater para manter o equilíbrio, mas o universo possui as duas faces dessa mesma moeda. Jamais haverá uma vitória completa. Nem aqui... e nem em lugar algum.* – Finalizou o rykrano, desprendendo-se do chão, e rapidamente alcançando os céus num súbito e vertical vôo, sendo seguido pelos companheiros de batalha, desaparecendo de vista em poucos segundos.

A RESSURREIÇÃO DE PALMA

D.W. 3183 – 02/08

Romulus sentia a chuva molhar seu cabelo e suas roupas, enquanto fitava a pequena fotografia que acabara de deixar no túmulo de Allyia, lembrando mais uma vez alguns de seus momentos felizes juntos.

La até lá com certa frequência, desde que a cidade começou a ser reconstruída e seus trabalhos voluntários passaram a ser requisitados e necessários para essa nova etapa.

No hospital improvisado, localizado num dos prédios da Universidade que resistiram à guerra, os Éesper trabalhavam para recuperar os doentes, os feridos e os que sofreram trauma psicológico, além de dar assistência a parentes e amigos de vítimas que não sobreviveram à chacina.

Marius, que agora morava na casa que foi de Allyia, dividia com Romulus a tarefa de cuidar da pequena Lyana Tallarik Saunders, que crescia muito rapidamente, tendo a aparência de uma menina de cinco anos, quando ainda não havia completado quatro meses de vida. Uma característica da mãe, cuja espécie era fisicamente superior em praticamente tudo, se comparada aos palmanos.

No cemitério, o professor chorava diariamente a perda de quem, para ele, era a verdadeira heroína de Algol. Ajoelhado diante do túmulo, conversava com a amiga, como uma forma de mantê-la por perto, mesmo que em pensamento.

– *Lyana está linda, meu anjo.* – Iniciava, sempre dando notícias sobre a filha que adotara como sua. – *Orelhinhas pontudas, como as suas. Cabelos vermelhos, como os seus. Os olhos são mais claros, mas são tão lindos quanto os seus.* – Continuava, sempre elogiando a menina por quem havia se afeiçoado muito mais do que imaginava possível. – *Seu jeitinho doce também está nela. Mas...* – engasgou – *a saudade ninguém irá curar.*

– *Mas... falando sobre as coisas boas que me aconteceram nos últimos tempos* – emendou Romulus, enxugando as lágrimas com o polegar e o indicador de uma só mão – *Eu estou de volta à Universidade. Não mais como professor, porque isso não seria mesmo possível.* – Pausou por um segundo com um suave sorriso. – *Agora sou reitor!* – Disse soltando uma pequena risada. – *Professor Yoz não quis permanecer no cargo, pois disse que esse lugar deve ser ocupado por quem enxerga além. É... ele insiste em dizer que eu enxergo mais longe do que qualquer palmano. Acredita nisso? Yoz? O cabeça-dura que praticamente me expulsou da Universidade? Mas eu não o culpo, sabe? Ele tinha motivos de sobra pra me afastar. E agora tem lá seus motivos pra me trazer de volta. Mas eu impus uma condição.* – Exclamou, espalmando a mão por um segundo, quase simulando a situação da forma como aconteceu. – *Eu pedi que o centro de pesquisa onde vou trabalhar a partir de agora tenha o seu nome. Nada mais justo, não acha?* – Perguntou com

um sorriso, inclinando a cabeça suavemente para a direita, enquanto uma sombra cobria parcialmente o túmulo.

- Mais do que merecido, meu amigo. - Respondeu Hasgard, em pé, atrás de Romulus, que apenas sorriu sem se virar. - É você merece ter seu pedido atendido, claro. - Deu uma pausa, olhando rapidamente a foto em cima do túmulo. - Mas não vim falar disso. Vim conversar sobre outras coisas.

Romulus, curioso, virou-se devagar, levantando-se e parando de frente para o mago, só então reparando que a chuva havia se dissipado.

- Fizemos uma bela dupla, eu e você, quando estávamos no passado. Eu duvidei dos seus objetivos no primeiro encontro, enquanto ainda estava ligado mentalmente ao jovem Lutz. Mas você estava certo. - Começou Hasgard, em tom de discurso, olhando ligeiramente para o alto. - Você foi guiado pela vontade de Le Roof, de trazer Palma de volta a vida. De alguma forma você esteve conectado com essa ideia, e essa ligação foi tão forte que você praticamente abandonou tudo para seguir esse ideal. E nem sabia que havia algo maior por trás disso. Seguiu simplesmente por acreditar num futuro melhor. E isso é raro, nos dias de hoje. Mas não foi só isso. - Continuava enquanto Romulus baixava a cabeça, desconcertado. - Graças a você os planos da Sombra vieram à tona, permitindo-nos uma chance de reagir e evitar que aquilo realmente acontecesse. Mas seu esforço deu um outro fruto que você não esperava. - Disparou olhando para um ponto específico no céu.

– *Do que você está falando?* – Perguntou Romulus intrigado, procurando nas nuvens o que Haggard estava olhando. – *O que aconteceu que eu não sei?*

– *Palma, meu amigo. Palma está lá, no mesmo lugar onde deveria ter estado nos últimos dois milênios. Le Roof e os rykranos sacrificaram suas vidas e seu mundo para recriar o selo que aprisionava o grande mal. Não era esse seu maior sonho?* – Brincou o mago, tocando o ombro do professor, que sorria sem muita graça. – *Ele está lá, Romulus. Imaculado. Com todas as suas belezas naturais intocadas. Pronto para receber os primeiros palmanos, ou para ser mantido assim, puro. As autoridades ainda não sabem de sua ressurreição. E caberá a você decidir.* – Finalizou, buscando o olhar do professor em vão.

– *Sim, Has. Palma é um sonho bonito que eu sempre quis ver concretizado. Mas o meu verdadeiro sonho era poder mostrar essa maravilha para Allyia. Explorar o planeta ao lado dela. Porque ela era quem realmente merecia tal presente.* – Finalizou baixando a cabeça mais uma vez, antes de dar um abraço no amigo Éspér, para em seguida rumar em direção à sua casa, deixando para trás o túmulo com uma placa com os seguintes dizeres: *“Aqui jaz Allyia, amiga e heroína, que viverá eternamente nos corações daqueles que por ela foram salvos.”*

Enquanto Romulus não chegava em casa, Lyana aguardava sentada no chão em frente à antiga casa de Allyia. Marius preparava algo na cozinha, e o cheiro chegava ao nariz da pequena garota que só se animava para comer quando seu pai retornava de suas visitas ao cemitério. O mago estava finalmente realizando o sonho de viver em Motávia, e por se sentir

responsável pelo nascimento da pequena Lyana, propôs-se a auxiliar na tarefa de criar e educar a filha da Sombra, que era também sua filha. Porém, sabendo da tristeza de Romulus e da importância que dava à missão passada por Allyia para ele, permitiu que a criança fosse registrada com o sobrenome dos dois pais, que dividiam algumas atividades diárias, compartilhando a guarda sem grandes dificuldades.

No caminho de volta, o professor refletia sobre o destino do planeta que havia ajudado a trazer de volta. Queria que aquele momento tivesse para ele a importância que teria se seus planos tivessem simplesmente dado certo. Lamentava que tanto sofrimento viesse acompanhado do cumprimento de seu objetivo inicial, que era salvar Palma. E agora o destino daquele planeta havia sido colocado em suas mãos, e enchia a mente e o coração de Romulus de dúvidas.

Se Palma era parte de um selo que aprisionava o mal que ele queria combater desde sua viagem ao passado, que sentido faria preencher sua superfície com um povo que mal saberia administrar suas riquezas? Não deveria ser habitado, a menos que servisse como o novo lar da raça mais injustiçada de Algol. Os mutantes. A espécie da qual Allyia fazia parte. Em seu pensamento, sabia que eles seriam os maiores mercedores de uma segunda chance, e talvez o povo mais apropriado para cuidar de Palma.

E quando já pensava em mudar o curso de sua caminhada e voltar ao encontro de Hasgard para discutir o assunto, avistou a pequena Lyana em frente à casa de Allyia, com seus olhos azuis brilhando ao fitá-lo de volta.

A menina correu em sua direção, abraçando-o com força, antes mesmo que pudesse se aproximar da casa, onde o jantar seria servido em breve. Mas o abraço se prolongava e Romulus seria incapaz de interromper tal demonstração de carinho.

Abaixou-se para corresponder melhor ao abraço da filha adotiva, brincando com seus cabelos e beijando seu rosto. E a menina, por sua vez, deitou a cabeça no ombro daquele a quem chamava de pai, com os olhos fechados e um sorriso menos infantil no rosto. Permaneceu nessa posição por alguns minutos. Sua expressão, porém, já não era mais infantil. Em seu semblante só havia maldade. Uma maldade profunda. Então finalmente abriu os olhos, que agora estavam completamente vermelhos. Vermelhos como os olhos de Reipard La Shiec.

EPÍLOGO

D.W. 3184 – 06/02

O comandante Fraga abriu os olhos devagar, ainda sentindo os efeitos atordoantes do laser que o atingiu horas atrás. Estava tonto, e sua vista permanecia turva, dificultando reconhecer qualquer coisa naquele ambiente escuro em que se encontrava.

Suava, apesar do frio. Sentia os lábios inferiores e as mãos tremerem, e não conseguia levantar ou assumir o controle do próprio corpo. Estava fraco e completamente indefeso. Nunca havia se sentido assim. Mas sua preocupação pouco envolvia sua condição física. Não estava em sua nave, e não sabia o paradeiro de sua tripulação. Perguntava-se sobre como aquilo havia acontecido e temia que fosse o único sobrevivente.

Ouvia sons metálicos com frequência, vindos de todos os lados, em intensidades e tons variados. A movimentação em meio às sombras e vultos o levava a crer que não estava cercado apenas por máquinas. Havia algo vivo naquele ambiente, que até então não conseguia enxergar.

O medo começou a dominar seus sentidos quando ouviu o que pareciam passos com som ligeiramente metálico, cada vez mais altos. Tentou fugir, em meio a suaves gemidos e al-

guns movimentos sem coordenação, mas não conseguiu sair do lugar. O ambiente escuro aumentava a tensão, que era completamente evidente.

- *Espero que já possa falar.* - Pronunciou uma voz feminina, quase infantil, misturada a sutis sons metálicos. - *Estou aguardando sua recuperação para que possamos obter respostas.* - Finalizou em tom seco, mas sem agressividade.

Albert Fraga era um comandante treinado para situações extremas. Sabia reconhecer atitudes hostis e identificar a intenção de quem o abordava. Percebeu, naquele momento, que aquela figura turva de voz metálica não lhe faria mal, pelo menos por ora.

- *R-r-resgate.* - Balbuciou Fraga, falando com extrema dificuldade, ainda tremendo, deitado no chão. A figura feminina pareceu surpresa, mesmo através da visão borrada do comandante, que tentava controlar o tremor para se recompor. - *N-nossa missão é de r-r-resgate.* - Finalizou com dificuldade.

- *Quem vocês vieram resgatar? De onde são?* - Perguntou a mulher de baixa estatura, agora erguendo o homem para que pudesse se apoiar na parede às suas costas, ainda sentado. Seus cabelos verdes refletiam a fraca luz do ambiente, que ainda era turvo demais para que ele pudesse analisar.

- *Sou comandante da nave Moisés, que você interceptou.* - Iniciou depois de alguns minutos e um longo trabalho de respiração. - *Somos de um planeta chamado Terra.* - Pausou por alguns segundos, tentando enxergar melhor a mulher à sua frente. - *Vimos em paz. Estamos em busca de uma nave anterior,*

mandada para fazer um reconhecimento. A Terra está em busca de planetas compatíveis com os requisitos necessários para a sobrevivência dos humanos. A comunicação foi interrompida e viemos resgatar possíveis sobreviventes.

A figura feminina afastou-se abruptamente, retornando em seguida, antes que se distanciasse além de um metro. Pareceu transtornada ao ouvir aquelas palavras. Algo certamente a incomodara.

- *Wren!* - Gritou com som ainda mais metálico. - *O homem veio da Terra! Veio resgatar os criadores de Cérebro-Mãe.*

Um homem com uma armadura prateada se aproximou dos dois, em silêncio. Apenas suas pisadas foram ouvidas. O comandante Fraga percebeu que algo havia mudado o humor daquela mulher, e esse sentimento seria certamente compartilhado pelo homem que se aproximava. Sua vista começou a clarear com o aumento gradativo da luminosidade do local. Foi então que pôde perceber que estava falando com uma andróide. Algumas de suas partes metálicas eram expostas, e possuía uma armadura espessa, com uma pequena capa branca em suas costas. No lugar da pupila de seus olhos, apenas a textura de circuitos, flutuando num verde cintilante.

O segundo andróide finalmente chegou ao local onde Fraga estava sendo interrogado. Parecia um galpão, cheio de equipamentos e caixas de metal. Não havia dúvida de que era também um andróide. Muito maior que a mulher. Na verdade, muito maior que qualquer humanóide que o comandante já tivesse visto. Seu rosto, porém, estava coberto por uma sombra que parecia estratégica.

– *Talvez seja essa a oportunidade de realizarmos um julgamento, Demi.* – Disse o andróide com uma voz grave que parecia tomar o ambiente. – *Fazer justiça pela morte milhões de pessoas assassinadas pelos humanos da nave Noé. Milhões de almas que poderão, enfim, descansar em paz.* – Pausou por alguns segundos, com os olhos semicerrados – *Vamos levá-los à Motávia.*

A frase do androide ecoou como uma sentença de morte para o comandante Fraga. Porém, havia um misto de desespero de esperança em meio a tantas dúvidas. Perguntava-se sobre o que os humanos teriam feito aos habitantes daquele planeta e temia pelo julgamento que viria, mas estava feliz e aliviado por saber que seus tripulantes estavam vivos e que ainda havia alguma chance de salvá-los.

APÊNDICES

A Construção da Saga

A Ressurreição de Palma surgiu com a junção de ideias e histórias criadas desde o ano de 1997, quando veio a inspiração para uma saga de RPG de mesa, baseada no sistema GURPS. A trama iniciava com o recrutamento de um time de resgate. Os jogadores precisariam atravessar uma Motávia deserta em busca de uma pedra com a aparência de um rubi gigante. A rocha havia caído dos céus, nas proximidades de Paseo, séculos atrás. Esse time era composto por sobreviventes de uma nave extraterrestre, que havia feito um pouso forçado no planeta, durante uma missão de exploração.

Dentre as muitas alternativas de caminhos para os jogadores dessa campanha, uma das possibilidades era visitar um cientista que acreditava que viajar no tempo seria possível, e que impedir Alis Landale de matar La Shiec poderia ser a única chance de salvação do povo palmano. Seu nome era Marius, e não era nada amistoso.

Nunca foi possível concluir a história, e a trama sofreu vários reboots, com modificações diversas no roteiro principal e nas alternativas de caminho. Porém, nenhuma das tentativas de jogar GURPS nesse universo passou das três partidas.

Mapas foram criados, bonecos foram recortados, músicas foram selecionadas, mas esse material permaneceu guardado por anos, sem uso.

Com o tempo, e com diversas mexidas no roteiro ainda não jogado, o conceito da marginalidade vivida pelos numans (seres com as características de Allyia, Nei e Rika) começou a ser amadurecido, e no mapa de Motávia já cabia uma região, próxima a um dos extremos do oceano, em que essa raça se aglomerava e se tornava cada vez mais numerosa. Vivendo muitas vezes de caça, pesca e plantio, saqueavam frequentemente diversos transportes palmanos de alimentos e suprimentos diversos.

Quando surgiu, em 2008, a ideia de trazer Palma de volta à vida, o personagem Romulus foi finalmente criado, baseado num “*character*” com mesmo nome, usado por mim para jogar Phantasy Star Online: Blue Burst.

Porém, embora o roteiro do livro tenha seguido uma linha bem diferente da proposta inicial da campanha de RPG, muitos elementos foram aproveitados, outros foram recriados, e alguns ainda não foram citados, ou não foram explorados. Todos, porém, estão presentes nessa releitura do universo Phantasy Star, e serão usados em trabalhos futuros.

Muitos personagens deste livro foram criados com nomes que remetem a membros da *Lista de Algol*, que é um grupo de discussão que teve participação bastante ativa na lapidação dessa história.

Personagens e Homenagens

Muitos personagens deste livro foram criados a medida que a história foi sendo desenvolvida. Por isso, a maioria deles pôde ser usada para homenagear membros da Lista de Algol. Especialmente aqueles que colaboraram e apoiaram mais ativamente, pois não seria possível citar todos.

Romulus Saunders / Alex Ossale: Primeiro personagem centra. Busca salvar Palma através da viagem no tempo, e assim garantir o futuro dos seres inteligentes de Algol, afastando uma ameaça que atormenta o povo Algoliano por milênios.

Allyia: Numan salva por Romulus e adotada como uma irmã. Segue Romulus em sua jornada e acaba sendo possuída pela Sombra, que propositalmente faz com que acreditem que as duas tornaram-se uma só.

Hasgard: Ésper sucessor de Lutz. Conduz os mais poderosos magos numa viagem que visa impedir a destruição de Motávia por um exército de Forças Negras. Porém, acaba sendo atraído para uma jornada muito mais importante.

Orakio Rob: Reencarnação do verdadeiro Lutz. Homenagem ao querido Gagá, figura indispensável para o sucesso deste livro. Sem sua revisão, provavelmente este trabalho não passaria de uma fanfiction solta, escrita em episódios.

J. F. Yoz: Reitor da Universidade de Piata. Personagem que possuiu momento heróico e foi dado como morto durante quase todo o livro, criado para agradecer o apoio e amizade do colega que usa o mesmo nome na Lista de Algol.

Marius Tallarik: Personagem que ganhou o sobrenome do membro mais ranzinza (mas não menos querido) da Lista de Algol. Embora substituído por Romulus no arco da viagem no tempo, teve participação fundamental no desenrolar e no desfecho da história. Foi o elemento instável do grupo Éssper, graças ao domínio poderoso da sedução da Sombra.

Sombra: Personagem central, que se mostra responsável por diversos acontecimentos históricos em Algol. Nascida da derrota da Escuridão Profunda, no final de Phantasy Star IV, possui um poder de sedução sobrenatural infalível, e usa essa habilidade para controlar todos ao seu redor.

Falz / General Phallus: Primeira Força Negra da saga original, sofreu uma reformulação para dar um destaque ao personagem e torná-lo mais humano.

Reipard La Shiec: Participação especial do mais importante vilão da saga original.

Alis Landale: Participação especial da primeira heroína da saga original.

Myau: Participação especial.

Lutz: Participação especial.

Nero: Participação especial.

Nekise: Participação especial.

Le Roof: Participação especial.

Lusar: Personagem emprestado de um fangame de Marcelo Pascoalim.

Thiagus Crixus: Criado para homenagear o colega Thiago Cruz, acabou se tornando o mais forte candidato a protagonista do próximo

livro da série *Contos de Algol*. Personagem principal do mais inusitado e bonito capítulo deste livro.

Bispo Paschoalin: Homenagem ao Marcelo Paschoalin, escritor que auxiliou no processo de formatação deste livro. Personagem com pouco desenvolvimento e pequena participação, mas com forte potencial e que será usado no futuro.

Elsydeon: Aparição especial para homenagear o colega que usa o mesmo nome como apelido virtual.

Akino e Sakin: Gêmeos criados para homenagear Paulo Aquino e o mestre de fanfictions Fernando. Duas figuras ilustres nas rodas de discussão sobre *Phantasy Star*. Não poderiam faltar. Esses gêmeos acabam tendo uma participação importante, por terem salvo a vida do reitor Yoz, levando Marius até o local onde acontece o clímax.

Demi: Aparição no epílogo para homenagear a colega Demi da Lista de Algol.

Albert Fraga: Personagem criado para homenagear os colegas Cristiano Fraga e Albert, ambos membros da Lista de Algol e pessoas queridas. Participação apenas no epílogo.

Nomes dos Capítulos

Os capítulos deste livro foram criados, em sua maioria, inspirados em títulos de música, poesias, filmes, entre outras coisas. Alguns exemplos:

O Trovão que Precede a Tempestade e A Sombra que Antecede a Escuridão: Referências ao título “O Silêncio que precede o Esporro”, da banda O Rappa.

Cai a Chuva e Sombras e Pensamentos: Referência à música “Cai a Noite”, da banda Capital Inicial.

Ora (dizeis) Ouvir Estrelas!: Referência ao poema de Olavo Bilac, “A Via Láctea”.

Guerra nas Estrelas: Star Wars.

Apocalipse e Gênese: Dois momentos inversos na Bíblia.

Que Rei sou Eu?: A clássica novela da Globo.

A Arca de Noé: A Bíblia.

Palavras e Silêncios: Referência à música de mesmo nome, de Fagner e Zeca Baleiro.

Fogo e Gelo: Referência à obra “As Crônicas de Fogo e Gelo”, famosa pela série de TV “Game of Thrones”

De Volta para o Futuro: Referência ao filme de 1988.

Sangue e Areia: Referência à primeira temporada do seriado “Spartacus: Blood and Sand”.

Linha do Tempo

As datas mais importantes do universo *Phantasy Star*, incluindo os eventos contidos e mencionados na série *Contos de Algol*, até o momento. Informações retiradas do *Compendium* e de diversos jogos da série.

Vários milhões de anos atrás: Divisão de uma forma de vida espiritual em duas metades. Começa a guerra entre elas.

2.000.000 de anos atrás: Um lado vence a guerra, aprisiona o perdedor e cria os quatro planetas e a estrela fixa que formam o sistema Algol e que servem como selo da prisão do perdedor.

300.000 anos atrás: A missão dos protetores começa a ser esquecida em Algol, exceto em Rykros. Em sua prisão, o lado derrotado se transforma em um ser maldoso, formado por espíritos de ódio e vingança. Em seu núcleo, forma-se uma escuridão profunda.

a.W. 100: Prossegue a era feudal.

a.W. 13: O supremo governante da região de Baya Malay em Palma, Waizz Landale, reúne seu exército para unificar todas as nações sob seu comando.

d.W. 1: Waizz unifica Palma. Sobe ao trono a primeira linhagem de reis palmanos. Palma se desenvolve.

d.W. 126: Primeira missão tripulada a Motávia. Trava-se contato com os motavianos.

d.W. 157: Missão tripulada a Dezóris. Contato com os dezorianos.

d.W. 183: Para contornar problemas de superpopulação, começa o plano de migração para Motávia. Início da construção da cidade experimental de Paseo, próxima ao lago Perseus.

d.W. 185: Início da construção do espaçoporto em Dezóris.

d.W. 200 +-: A sociedade dezoriana centraliza-se na religião baseada na Fé na Tocha Eclipse. É a religião mais antiga, e mantém vivos os mitos antigos, incluindo os segredos de Rykros e da gênese de Algol.

d.W. 264: Continua a migração, e Motávia se torna uma província. Estabelecimento do governo em Paseo.

d.W. 314: 26/02: Nascimento de Odin.

d.W. 315: 24/03: Nascimento de Lutz.

d.W. 324: 23/10: Nascimento de Nero.

d.W. 327: 25/05: Nascimento de Alis.

d.W. 327: O Rei Aures Landale morre subitamente. No lugar da sucessora Alis Landale, que tem menos de um ano, o sacerdote-chefe e primeiro ministro Reipard La Shiec recebe poderes políticos. Uma dama da corte, desconfiando que La Shiec tenha matado o rei, entrega Alis aos cuidados de um amigo, em segredo.

d.W. 328: La Shiec se torna o rei provisório. Alis vive com o governador de Motávia.

d.W. 329: O governador de Motávia envia a princesa Alis para a casa de um servo confiável, onde ela crescerá como uma cidadã comum. Há um menino chamado Nero na casa. Os dois se dão bem e são criados como irmãos.

d.W. 338: Os pais adotivos de Alis morrem em um acidente.

d.W. 341: É construído o castelo aéreo, com o uso de magia negra. Com a ajuda de uma aliada demoníaca, Sombra, La Shiec descobre o segredo da gênese de Algol. Forma um portão espaço-temporal, entra em contato com a Escuridão Profunda e invoca sua vontade, a Força Negra, tornando-se seu servo leal. No mesmo ano, tem início um reino de terror.

Nessa época, uma figura vinda do futuro começa secretamente uma missão com o propósito de salvar os palmanos da maldição imposta por La Shiec aos planetas de Algol.

Lutz recebe um hóspede inusitado em sua mente: um sucessor do futuro entra em contato telepático permanente com o mago e, juntos, os feiticeiros tentam entender os propósitos desse fenômeno involuntário.

d.W. 342: Nero é pego enquanto investigava o agora imperador La Shiec e é assassinado pela guarda especial. Prestes a morrer ele conta tudo a Alis, que une-se a Myau, Odin e Lutz para cumprir a missão de Nero. Para concluir a missão, tem a ajuda de Romulus, sob o pseudônimo de Alex Ossale, que realiza pequenas ações que possibilitam a vitória contra o imperador. Alis destrona La Shiec e derrota a Força Negra. No mesmo ano, o governado de Motávia leva a jovem guerreira ao trono.

d.W. 345: Terroristas leais a La Shiec causam avarias ao motor da nave que conduz Alis e Lutz, e os dois são transportados para outra estrela. Não há registros do que aconteceu a eles por lá, mas ao retornar, Lutz desenvolve as chamadas “técnicas mágicas” e seu uso.

d.W. 349: Lutz, que prossegue com as pesquisas sobre a Força Negra, descobre que o portão aberto por La Shiec não pode ser selado com perfeição, e observa que flutuações no poder do selo ocorrerão após 1000 anos. Ele reúne os Éspers, que ficam encarregados de observar o portão, e entra em sono criogênico.

d.W. 822: O espaçonave-fortaleza dos terráqueos, Noah, até então nos limites do sistema solar, sob influência da criatura conhecida como Sombra, finalmente invade Algol.

d.W. 843: Ocorre a “Conjunção”, o alinhamento dos três planetas. Devido à interferência gravitacional, Palma e Motávia trocam de órbita e várias cidades são destruídas. Graças aos terráqueos, o módulo de fuga contendo os membros remanescentes da classe governante é destruído, e a linhagem Landale é aparentemente exterminada. Com a família real exterminada, encerra-se a monarquia e Algol passa a ser regida por uma república democrática. Descoberta de lacônia em Dezóris leva várias pessoas a tentarem a sorte no planeta.

d.W. 845: Cérebro-mãe, controlada em segredo pelos terráqueos no coração da espaçonave Noah, inicia a construção de sua rede de controle centralizado em Palma, e a reconstrução segue em ritmo acelerado. A Sombra permanece conectada à mente dos terráqueos e ao sistema Cérebro-mãe, atuando como sua “consciência”. Lutz desperta. Ele se esconde com seus seguidores em Dezóris. Construída a mansão Éesper. Na mesma época os Éesper começam a construir as armas Nei e a espada Elsydeon, para ajudar os protetores.

d.W. 852: É iniciado um plano de florestamento em Motávia, e o ambiente é drasticamente alterado. Provável data de construção do Climatrol e do laboratório de biosistemas.

d.W. 868: Concluída a reconstrução de Palma. Cérebro-mãe assume o controle do bem-estar público. Nasce um movimento subterrâneo de resistência, insatisfeito com a situação.

d.W. 1249: 01/07: Nascimento de Rudo.

d.W. 1261: 26/04: Nascimento de Amy.

d.W. 1263: 01/04: Nascimento de Shir.

d.W. 1263: 17/09: Nascimento de Rolf.

d.W. 1263: 09/12: Nascimento de Kain.

d.W. 1264: 14/06: Nascimento de Hugh.

d.W. 1274: O grupo de resistência a Cérebro-mãe embarca em uma espaçonave usada para exploração além do sistema solar Algol. Cérebro-mãe destrói a nave, fazendo com que tudo pareça um acidente, e usa o ocorrido como pretexto para proibir o uso de espaçonaves. Um jovem de sangue Landale, Rolf, estava na nave, mas foi salvo pelo poder de Lutz.

d.W. 1281: Vazamento de gás venenoso do subsolo de uma mina de lacônia em Dezóris. O gás causa mutações genéticas. Todos os palmanos deixam Dezóris. Eles abandonam seus gatos de estimação, da raça de Myau. Estes encontram abrigo em Skure.

d.W. 1282: Acidente no laboratório de biosistemas em Motávia. Uma criatura chamada Nei1, composta por células humanas e biomonstros, é criada acidentalmente. Tida como uma falha, ela se revolta e gera vários biomonstros. Isso é parte do plano de renascimento da Escuridão Profunda, por parte dos humanos.

d.W. 1283: 30/08: “Nascimento” de Nei. Na verdade, ela se separa de Nei1, assumindo personalidade própria.

d.W. 1284: Início dos eventos de Phantasy Star II. Rolf, que se tornou agente motaviano, é encarregado de investigar o incidente do biosistema. Logo Rolf e seu grupo são marcados como notórios simpatizantes da resistência subterrânea. Rolf é preso em Gaira, e o grupo de resistência descobre e envia o pirata espacial Tyler, a bordo da espaçonave Landale, resgatá-los. Um pouco antes disso, Ohario Sa Riik e Aina Le Cille conseguem romper o controle remoto de Cérebro-mãe sobre suas naves, e antes da queda de Gaira, embarcam várias pessoas em naves de resgate que restaram da época da Conjunção de D.W. 843. Há duas pessoas da linhagem de La Shiec

entre eles. Essas dezenas de naves começam uma jornada em busca de um novo mundo além do sistema solar Algol. O satélite artificial Gaira cai sobre Palma, destruindo completamente o planeta, evento que fica conhecido como “O grande colapso”, levando a morte de mais de 90% da população total. Logo depois, Rolf e seu grupo derrotam a Força Negra, Cérebro-mãe e os terráqueos, mas não se sabe o que aconteceu com eles depois disso.

d.W. 1285: Os sobreviventes do grupo subterrâneo de resistência conseguem tornar Zelan e Kuran, pontos focais das transmissões da rede, operacionais novamente. Mantém-se o mínimo necessário do sistema, o que impede a transformação de Motávia em um deserto. Tyler guarda a Landale em Dezóris.

d.W. 1286: Criação de Wren.

d.W. 1299: Lutz morre. Sua memória e sua vontade são armazenados em uma jóia em um templo no santuário interno da Mansão Esper.

d.W. 1960: Um acidente faz a inteligência artificial de Nurvus (usina que provê energia aos sistemas motavianos) parar de funcionar. Wren cria então uma nova unidade para supervisionar Nurvus: Demi.

d.W. 2199: Nasce Raja.

d.W. 2220 +-: Nessa época, os humanos residentes na mansão Éssper eram os únicos humanos capazes de usar magia.

d.W. 2245: Nasce Seth.

d.W. 2260: Nasce Hahn.

d.W. 2265: Nasce Gryx.

d.W. 2266: Nasce Kyra.

d.W. 2268: Nasce Chaz.

d.W. 2284: Guerra entre Orakio e Laya em Alisa III. Início dos eventos de Phantasy Star IV. Ressurreição de La Shiec.

d.W. 3183: Eventos de A Ressurreição de Palma.

d.W. 3284: Eventos de Phantasy Star III.

Páginas sobre Phantasy Star

Alguns sites na internet podem ser bastante úteis para pesquisa sobre o universo de *Phantasy Star*. Essas informações, por sua vez, auxiliam na compreensão dos fatos narrados neste livro.

Gazeta de Algol

<http://gazetadealgol.com.br/>



Site brasileiro mais completo sobre *Phantasy Star*. Contendo blog, espaço para fanarts, fanfictions, fangames, download de materiais diversos e muita informação.

Phantasy Star Cave

<http://pscave.com/>



Site com inúmeros arquivos para download, incluindo fangames e midi's dos jogos originais, contém uma área para cada um dos jogos clássicos e das séries posteriores, como *Phantasy Star Online*, *Phantasy Star Universe*, etc.